

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

FRANCISCO ZUCHELLI LOTT

**O TRABALHO DOS PASTORES DE IGREJAS PENTECOSTAIS NÃO-
DENOMINACIONAIS**

Belo Horizonte
2018

FRANCISCO ZUCHELLI LOTT

O TRABALHO DOS PASTORES DE IGREJAS PENTECOSTAIS NÃO-DENOMINACIONAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para conclusão do mestrado em Sociologia.

Orientadora: Yumi Garcia dos Santos

Belo Horizonte
2017

301	Lott, Francisco Zucchelli
L884t	O trabalho dos pastores de igrejas pentecostais não denominacionais [manuscrito] / Francisco Zucchelli Lott. - 2018.
2018	152 f. Orientadora: Yumi Garcia dos Santos.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia
	1.Sociologia – Teses. 2. Religião - Teses. 3.Trabalho - Teses. 4.Pentecostalismo - Teses. I. Santos, Yumi Garcia dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



Programa de Pós Graduação em Sociologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

FRANCISCO ZUCHELLI LOTT

Aos 19 (dezenove) dias do mês de junho de 2018 (dois mil e dezoito), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada: **“O trabalho dos pastores de igrejas pentecostais não-denominacionais”**. A banca foi composta pelos professores doutores **Yumi Garcia dos Santos** (Orientadora- DSO/UFMG), **Nina Gabriela Moreira B. Rosas de Castro** (DSO/UFMG) e **Deise Luiza da Silva Ferraz** (UFMG).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X)

Reprovação da Dissertação ()

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 19 de junho de 2018.


Profa. Dra. Yumi Garcia dos Santos (Orientadora- DSO/UFMG)


Profa. Dra. Nina Gabriela Moreira B. Rosas de Castro (DSO/UFMG)


Profa. Dra. Deise Luiza da Silva Ferraz (UFMG)

Agradecimentos

Agradeço à Ludmilla por todo apoio e suporte, pelo carinho e pelo companheirismo, mas também pela leitura e pelos comentários do texto, em várias etapas deste trabalho, e pelas discussões de alta qualidade sobre sociologia e religião.

Agradeço à professora Yumi Garcia dos Santos pela orientação, pelas sugestões e pelo acompanhamento em todo o processo desta pesquisa.

Agradeço à professora Deise Luiza da Silva Ferraz pelas excelentes aulas, pelas sugestões e pelos comentários inestimáveis que balizaram, em grande medida, os rumos deste trabalho.

Agradeço à professora Nina Rosas pelos comentários e sugestões que se mostraram extremamente úteis.

Agradeço aos (e às) participantes do Núcleo de Estudos Críticos Trabalho e Marxologia (NEC-TraMa), que me permitiu a participação em alguns estudos com debates absolutamente relevantes e competentes.

Agradeço a todos e todas participantes do Grupo de Metodologia Qualitativa em Ciências Sociais, pelas discussões e pelo aprendizado de metodologia em Ciências Sociais, sobretudo, nos dias em que apresentei versões deste trabalho, por todos conselhos e recomendações que obtive.

Agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro que me possibilitou a dedicação à este trabalho.

Agradeço, ainda, aos pastores e às pastoras com quem conversei e com quem convivi durante o trabalho de campo, sobretudo aos pastores Antônio, Bruno, Carlos e Daniel, que gentilmente aceitaram participar da entrevista necessária para que este trabalho ganhasse corpo.

FAUSTO

*Vivem-me duas almas, ah! No seio,
Querem trilhar em tudo opostas sendas;
Uma se agarra, com sensual enleio
E órgãos de ferro, ao mundo e à matéria;
A outra, soltando à força o térreo freio,
De nobres manes busca a plaga etérea.
(Goethe, na tradução de Jenny Segall)*

RESUMO

O pentecostalismo foi fundado nos Estados Unidos e se difundiu pelo mundo, configurando uma marcada expansão nos países ditos em desenvolvimento. No Brasil, essa expansão ocorre de forma contínua há mais de um século acompanhando um declínio da população católica. Com o declínio católico, ocorre um processo de descentralização institucional da religião dentre os ramos protestantes do cristianismo, onde é marcante a possibilidade de abertura de uma igreja com relativa facilidade. Além disso, a busca do lucro e acúmulo do dinheiro não contradiz o discurso religioso pentecostal, que é calcado na Teologia da Prosperidade. A partir do entendimento de que a ação religiosa deve ser entendida como uma ação racional que visa fins específicos e que são respondidos pelos “peritos do discurso mítico”, perguntamo-nos: como se constitui socialmente o ouvido “musicalmente religioso”?, ou de outra maneira, que tipo de trabalho é o trabalho dos pastores? Mostra-se como é a rotina do trabalho dos pastores, e discute-se sobre a sua história de vida e a sua carreira. Trata-se das marcas de formalidade ou informalidade, a forma de remuneração, o produto do trabalho do pastor assim como explora-se em que medida se dá a relação do trabalho sacerdotal com o mercado de trabalho em sentido amplo. Para tanto, a investigação foi realizada por meio de observação direta, com composição de caderno de campo, em uma igreja pentecostal não-denominacional nas circunscrições de um bairro periférico da cidade de Belo Horizonte. Também foram realizadas entrevistas de “relato de vida” nas quais buscamos levantar vários aspectos da trajetória dos entrevistados, direcionando (filtrando) apenas o suficiente para que os temas relacionados aos nossos interesses apareçam. Ao todo foram realizadas entrevistas com quatro pastores de duas igrejas diferentes. Observa-se que o trabalho do pastor não ocorre de forma regulamentada e frequentemente há desvio de funções, embora sejam aceitas facilmente pelos pastores desde que relacionadas de alguma forma com a manutenção da igreja. Observa-se ainda que o resultado do trabalho do pastor alia, de forma indissociável, a prestação de diversos tipos de assistência à população de baixa renda que constitui a população de frequentadores destas igrejas com a reprodução de um discurso calcado em uma concepção teleológica de estrutura bimundana que justifica a mitigação da importância de um sentido ontológico para o mundo “da carne”.

Palavras chave: RELIGIÃO, TRABALHO, PENTECOSTALISMO.

ABSTRACT

The Pentecostalism was founded in the United States and spread all over the world, configuring a notable expansion into the third world. In Brazil this expansion occur in a continuous way through more than a century followed by a diminution of the catholic population. With the catholic decline follows a process of institutional decentralization of religion among the Protestants where it is remarkable the possibility of the foundation of new churches with great easiness. Besides that, the profit and the savings of money don't contradict the Pentecostal religion's speech which is based on the Prosperity Theology. Taking as a beginning point the religion action as a rational action in which the experts of the mythical speech have a central role, we ask how is the social construction of the "*religiös musikalisch*"? Or in another way, what kind of work is the pastor's work? This research shows how the routine of the pastor's work is and discuss about their life history and their carrier. We show as well the incidence of formality and informality, their means of reward, the product of their work and the relation of the religious work with the secular work. To achieve that, our method was the observation with a composition of a field notebook in a non-denominational Pentecostal church in the circumscriptions of a suburb neighborhood located on the Belo Horizonte city. Also, we have made interviews of "life story" in which we give emphasis to life aspects of the subjects interviewed, focusing only the sufficient to make the themes of our interest in this research appear. We made four interviews with four pastors from two different churches. We conclude that the pastor's work doesn't occur in a regulated relation and there's frequently observed a function deviation that is accepted by the pastors since it's related with the church. Yet, we conclude that the product of the pastors work attach, in an inseparable way, the assistance to the low class population and the reproduction of a speech founded in the teleological conception of a dual view of the world that justifies the mitigation of the importance of the attribution of an ontology meaning to the material world.

Key words: RELIGION, WORK, PENTECOSTALISM.

Sumário

1. Introdução	9
2. Capitalismo, trabalho e religião	15
2.1. Metamorfose do trabalho sob o capitalismo.....	15
2.2 O capitalismo contemporâneo.....	19
2.3. A Reforma Protestante.....	25
2.4. O Protestantismo no Brasil e o Pentecostalismo	30
3. Metodologia.....	37
4. As igrejas e os pastores	44
4.1. O funcionamento típico da igreja.....	44
A escola dominical.....	49
O pré-batismo e a passagem pelas águas	51
Os cultos.....	55
A Ceia, a Ceia Ministerial e o Conselho de Pastores	70
4.2. As trajetórias de vida dos pastores	76
Trajetória do pastor Antônio.....	77
Trajetória do pastor Bruno	85
Trajetória do pastor Carlos	93
Trajetória do pastor Daniel.....	100
5. A ontologia do pentecostalismo no discurso dos pastores	108
5.1. Introdução	108
5.2. O chamado	110
5.3. Os dois mundos	115
5.4. Trabalho religioso e trabalho secular	119
6. A carreira religiosa e a relação de trabalho na igreja no caso dos pastores pentecostais	121
6.1. Carreira religiosa.....	121
6.2. Hierarquia e organização do trabalho na igreja.....	131
6.3. O produto do trabalho dos pastores.....	134
7. Conclusão	141
8. Referências Bibliográficas	144
Anexo 1 – Roteiro de entrevista	151

Anexo 2 – Datas das entrevistas.....	152
--------------------------------------	-----

1. Introdução

O texto que apresento aqui consiste no resultado final de uma discussão com objetivo de compreender a atividade dos pastores de igrejas pentecostais não relacionadas às grandes denominações pentecostais, isto é, as igrejas pentecostais de pequeno porte. Ari Oro (2006) chama estas igrejas de “*constellation pentecôtiste*”, tomando emprestado o termo do texto de Marion Aubrée (1998), embora, sem dizer, atribuindo-lhe outro sentido. Para introduzir o tema, irei expor brevemente alguns pontos da trajetória que percorri até me interessar pelo presente estudo.

Com formação em ciências econômicas, e tendo ingressado no mestrado de sociologia, eu tinha interesse em estudar o trabalho informal no Brasil. Como também ocorre na América Latina, em geral, o trabalho informal parecia tão importante para a configuração de todo o “mercado de trabalho”, que certas marcas de informalidade permaneciam importantes para compreender aqueles trabalhos chamados de formais. Não restou muito tempo antes de perceber o problema de querer tratar de uma categoria de trabalhos informais (em dicotomia com os trabalhos formais), e me pareceu mais sensato buscar outra forma de denominar aquilo que seria meu objeto de pesquisa.

Ingressei no programa de mestrado ainda com esse problema não resolvido, havia trocado a categoria de estudo de informais para autônomos. Mas, evidentemente a categoria de trabalhadores autônomos mais complica do que resolve a situação. Aquilo que chamamos de trabalhadores autônomos pode se referir tanto às pessoas que empregam outras (como microempresários) como pessoas que não empregam ou mesmo aos trabalhadores “pejotizados”¹. Restava, portanto, um problema central quanto ao meu próprio objeto de estudo, que eu não consegui definir muito bem. Na verdade – e isso já era conhecido na época – tratava-se de um problema de buscar compreender um fenômeno muito amplo e que possui uma gama de diversidade muito larga.

Assim, a solução para esse problema era reduzir o aspecto estudado para uma categoria específica de trabalhadores. Isso me parecia claro (e foi o que

1 A chamada prática de “pejotização” consiste na prestação de serviços para uma empresa, por parte de um trabalhador autônomo, que, no lugar de ser representado como empregado e gozar dos direitos trabalhistas, possui um registro de pessoa jurídica.

argumentei que pretendia fazer, na ocasião da banca de seleção de mestrado), mas eu não sabia escolher quais trabalhadores eu iria estudar. Os aspectos aos quais eu tinha interesse perpassavam todos trabalhadores e qualquer categoria de trabalho que eu viesse a estudar poderia ser relevante para compreender a influência de um mercado de trabalho informal – ou, com ausência de regulação estatal marcante – para o próprio trabalho. Foi assim que, conversando com a minha orientadora, surgiu a ideia de, entre outros tipos de trabalho, compreender o trabalho dos pastores.

A ideia inicial era incluir um pastor entre outros trabalhadores que eu iria estudar, mas as especificidades do trabalho de um pastor pareciam tão interessantes, e ao mesmo tempo exigiriam um trabalho de fôlego, articulando literatura de áreas que pouco dialogam entre si (sociologia do trabalho e sociologia da religião), e logo pareceu claro que o estudo deveria se concentrar no trabalho dos pastores.

Evidentemente, diversas questões mais pontuais estiveram presentes neste processo, e foram mudadas e adaptadas para que pudéssemos chegar em uma apresentação mais clara do nosso objetivo e de como as questões metodológicas envolvidas deveriam ser articuladas com nossa pergunta. Mas de forma geral essa foi uma breve história de como chegamos até aqui, de como a confrontação com os fenômenos que se nos apresentam, e na busca por compreendê-los de forma concreta, delimitamos o objeto de estudo e a forma de pensar sobre ele.

É no sentido de compreender a atividade dos pastores pentecostais – sua forma (ou ausência de forma), suas mutações, seus processos ideacionais e suas práticas – que se dirige, portanto, nosso objetivo de estudar os pastores. Mas cabia ainda uma dúvida sobre se seria possível fazer este estudo por este ângulo. Eu poderia tratar da religião com um olhar voltado para o trabalho? Seria possível compreender religião sem um olhar espiritualizado, mas ao contrário, com uma perspectiva materialista?

Uma grande quantidade de interessados no estudo relacionado à religião defende que não, que meu trabalho não seria possível. Certamente, durante o desenvolvimento deste texto, tive bastante contato com comentários nesta linha. Rudolf Otto (2007), por exemplo, conclama seu leitor à experiência de excitação religiosa e então diz o seguinte:

Solicita-se que quem não possa fazê-lo [vivenciar uma experiência de excitação religiosa] ou não experimente tais momentos não continue lendo. Pois quem conseguir lembrar-se das suas sensações que experimentou na puberdade, de prisão de ventre ou de sentimentos sociais, mas não de sentimentos especificamente religiosos, com tal pessoa é difícil fazer ciência da religião (p.38).

Para o autor, os “princípios cognitivos segundo os quais [um]a pessoa, por conta própria, possa reconhecer tal religião como verdadeira” (OTTO, 2007, p.196) são princípios *a priori*, eles não são fornecidos por qualquer experiência e não são desenvolvidos historicamente. A história somente teria papel na medida em que ela é considerada uma “manifestação do sagrado” (OTTO, 2007, p.197). Com isso, neste livro originalmente publicado em 1917, o teólogo protestante tira o foco das idéias sobre a religião para dar centralidade à experiência religiosa nos seus diversos aspectos, ao *numinoso*², à necessidade do “sagrado” e do “absoluto” por parte do homem.

Quarenta anos depois da obra de Otto, Mircea Eliade (1992) escreve percebendo uma distinção dele para aquele autor: se Otto pretendia discutir o sentimento de pavor diante do *mysterium tremendum*, e explorar as experiências *numinosas*, se Otto pretende dissertar sobre algumas formas de manifestação do “sagrado”, a proposta de Eliade quer explicar o “fenômeno do sagrado em toda a sua complexidade, e não apenas o que ele comporta de irracional”(ELIADE, 1992, p.12). Assim, Eliade divide os historiadores da religião em dois grupos:

uns concentram sua atenção principalmente nas estruturas específicas dos fenômenos religiosos, enquanto outros interessam-se de preferência pelo contexto histórico desses fenômenos; os primeiros esforçam-se por compreender a essência da religião, os outros trabalham por decifrar e apresentar sua história (ELIADE, 1992, p.11)

O autor se coloca no grupo que pretende encontrar a essência da religião. Para ele, se a religião sofreu variações e “condicionamentos” no curso da história, é

² Otto funda o termo *numinoso* utilizando-se a palavra *numen* que em latim significa Deus, e faz isso por analogia à formação do termo *ominoso* (ameaçador) à partir de *omen* (presságio), também em latim. O autor se recusa a definir o termo, afirmando apenas que é uma “categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre ocorre quando aquela é aplicada” (OTTO, 2007, p.38), assim, o *numinoso* é a categoria que é aplicada quando “se julga tratar-se de objeto numinoso” (OTTO, 2007, p.38). É uma categoria, que, enfim, “não é definível em sentido rigoroso, mas apenas pode ser discutida” (OTTO, 2007, p.38).

possível identificar um fenômeno invariável, imutável, que apresentará similitude se buscarmos uma análise das variações históricas. Nas palavras do autor:

Há [...] uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história. Contudo, entre os caçadores nômades e os agricultores sedentários, há uma similitude de comportamento que nos parece infinitamente mais importante do que suas diferenças: tanto uns como outros vivem num Cosmos sacralizado, para imediatamente nos darmos conta de tudo que separa este último dos outros. Do mesmo modo, damos conta da validade das comparações entre fatos religiosos pertencentes a diferentes culturas: todos esses fatos partem de um mesmo comportamento, que é o do *homo religiosus* (ELIADE, 1992, p.16).

Deste modo, o sagrado, a partir de uma observação histórica apenas nos mostraria diferentes formas de manifestação de uma mesma essência, que, em última instância, constitui “um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência” (ELIADE, 2010, p.13). Novamente, portanto, o sagrado estaria em posição dada aprioristicamente. Uma proposta como a minha, de estudar o trabalho dos pastores, apenas faria sentido, nessa visão, como uma forma de estudar uma das manifestações fenomênicas de menor importância de uma essência – esta sim importante – a-histórica, imutável e indivisível da religião ou do sagrado³.

Por outro lado, se toda uma corrente inspirada na fenomenologia se oporia ao trabalho que aqui proponho, outras abordagens sugerem, efetivamente, uma perspectiva materialista como a mais adequada para se pensar sobre a religião. É o caso de Pierucci⁴, que chega a afirmar:

Quanto mais velho vou ficando, e mais maduro na profissão, mais me convenço de que nunca se é excessivamente materialista quando o que se pretende honestamente fazer é, com todas as letras e todas as exigências epistemológicas e implicações deontológicas, sociologia da religião (PIERUCCI, 2005, p.84).

Em Weber, encontraremos fundamentação para tratar de um trabalho religioso, do ofício, material mesmo, ao qual se dedicam aquelas pessoas com ouvido musical, os intelectuais da religião, os que não apenas respondem e criam a

³ Ou, ainda, da religiosidade, como diria Sanchis (2001), em texto que se propõe a diferenciar, no limite das possibilidades, a religiosidade (cuja discussão sobre o sentido do conceito resta inconclusiva), e religião, conceito mais próximo do sentido institucional.

⁴ Em ocasião de falecimento deste autor, Ricardo Mariano escreveu um texto homenageando o autor e sua obra classificando-o como “sociólogo materialista da religião” (MARIANO, 2013).

demanda pelos bens e serviços religiosos. A despeito das controvérsias no âmbito dos estudos de religião, procuraremos seguir os conselhos de Pierucci:

talvez fosse melhor que, na qualidade de sociólogos científicos, nós evitássemos conceber, supor, pressupor, *take for granted* que o ser humano pode ser pensado como *homo religiosus*. Evitar “dar de barato” que o ser humano é um animal essencialmente religioso, um ser que busca espontaneamente o Além, um animal metafísico que de per si tem necessidade do Eterno, busca o Absoluto, almeja abandonar-se em oblação ao Absolutamente Outro. Evitar, como um princípio de método – método científico e também método anticoncepcional – conceber o chamado ‘interesse religioso’ como sendo especificamente religioso já no ponto de partida, como sendo *prima facie* religioso. Evitar proceder como se o interesse religioso não fosse um produto do *trabalho religioso*, que, como todo trabalho, está sempre-já constitutivamente cindido por uma *divisão do trabalho religioso* que opõe de um lado os produtores de religião e, da outra banda, os consumidores religiosos⁵ (PIERUCCI, 2005, p.82)

Devemos então, partindo disso, considerar a ação religiosa como mundana, como uma ação com fins subjetivamente visados inclusive no sentido material. A ação religiosa do homem, de demanda pelas respostas religiosas, será vista como uma ação racional que visa fins específicos e que são respondidos pelos “peritos do discurso mítico”. Nesse sentido, nos perguntamos: como se constitui socialmente o “ouvido musical” religioso (*religiös musikalisch*)?, ou de outra maneira, que tipo de trabalho é o trabalho dos pastores? Propomo-nos a mostrar como é a rotina do trabalho do pastor, assim como mostraremos a história de vida e o processo de como o pastor se tornou pastor, sua carreira. Ao buscar responder isto, trataremos sobre as marcas de formalidade ou informalidade, forma de remuneração, assim como buscaremos explorar em que medida se dá a relação do trabalho sacerdotal com o mercado de trabalho em sentido amplo.

Para tanto, irei me restringir ao caso dos pastores de igrejas pentecostais de pequeno porte. O pentecostalismo foi fundado nos Estados Unidos e se difundiu pelo mundo, configurando uma marcada expansão nos países ditos em desenvolvimento. No Brasil, essa expansão ocorre de forma contínua há mais de um século acompanhando um declínio da população católica. Quando nos referimos, na América Latina, aos evangélicos, abarcamos um grupo religioso grande que compreende tanto os protestantes históricos quanto os pentecostais e os neopentecostais. O pentecostalismo, no entanto, se difere do protestantismo histórico pela crença nos dons do Espírito Santo, entre os quais, figuram a cura

⁵ Pierucci usa o termo “divisão do trabalho religioso” de forma pouco usual aqui para se referir à divisão entre produtores e consumidores, ofertantes e demandantes.

espiritual, concessão de bênçãos e a glossolalia (falar em línguas) (MARIANO, 2004; 2011).

Alguns dos temas que despontam sobre o estudo das religiões pentecostais são a ênfase na teologia da prosperidade, que defende os cristãos como destinados à prosperidade material (MARIANO, 1996) e a relação proeminente da oferta de dinheiro com a cura espiritual (ORO, 2011). O crescimento da quantidade de evangélicos no Brasil têm sido uma constante há muito tempo. Mariano (2004) aponta que: “Conforme os Censos Demográficos do IBGE, os evangélicos perfaziam apenas 2,6% da população brasileira na década de 1940. Avançaram para 3,4% em 1950, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1991 e 15,4% em 2000, ano em que somava 26.184.941 de pessoas” (p.121). Também segundo o autor (com dados do ano de 2000), os pentecostais eram dois terços dos evangélicos. Por trás desse crescimento do número de evangélicos, é preciso também um número maior de igrejas e de pastores nestas igrejas, acompanhando a demanda pelos serviços religiosos.

Hervieu-Leger (2008) mostra como a religião passou por uma mudança importante em que a igreja católica perde um lugar de monopólio e dá origem à possibilidade de múltiplas religiões e igrejas. Nesse panorama, surgem, para a autora, as figuras do “convertido” e do “peregrino”, que denotam a possibilidade de assumir uma identidade religiosa por escolha (e não mais por tradição) e de transitar entre diferentes religiosidades. Para Peter Berger (1985), a destituição de um monopólio tradicional da religião conduz a uma situação onde a escolha pelas religiões é igualada às escolhas de mercado – o pluralismo religioso instaurado é responsável por mitigar o caráter evidente das crenças religiosas – motivo pelo qual pode-se falar de “serviços religiosos”.

Cabe notar que na situação de descentralização institucional da religião dentre os ramos protestantes do cristianismo, há possibilidade de abertura de uma igreja com relativa facilidade e, virtualmente, por qualquer um. Além disso, a busca do lucro e acúmulo do dinheiro não contradiz o discurso religioso, que é calcado na Teologia da Prosperidade, ou, a doutrina de promessas imediatas de felicidade neste mundo para os cristãos (MARIANO, 1996).

Para realização da pesquisa aqui apresentada, restringimos a pesquisa para lidar com as igrejas de um único bairro da região Norte de Belo Horizonte.

Realizamos observações participantes em duas igrejas pentecostais não-denominacionais e aplicamos entrevistas de relato de vida com quatro pastores destas mesmas igrejas. Abordaremos os aspectos metodológicos desta pesquisa mais detalhadamente no capítulo 3.

No capítulo 2 faremos uma breve contextualização de certas mudanças econômicas e sociais importantes para a formação do nosso mundo contemporâneo e em seguida, apresentaremos a contrapartida dessas mudanças na religião, com a Reforma Protestante, e então, trataremos do caso do protestantismo e do pentecostalismo no Brasil, propriamente.

No capítulo 4, apresentamos, em linhas gerais o funcionamento geral das igrejas, conforme observado em trabalho de campo, e ilustraremos as trajetórias de vida dos pastores que entrevistamos. No capítulo 5, aprofundaremos nossa análise a respeito dos discursos religiosos utilizados pelos pastores com quem tivemos contato em seu aspecto referente ao tratamento da realidade a partir de uma visão religiosa e sob uma linguagem própria que divide o mundo em “mundo material” e “mundo espiritual”, bem como a articulação deste discurso com as questões práticas e materiais envolvidas nas atividades dos pastores. No capítulo 6, daremos foco para a construção da carreira dos pastores sob seus aspectos materiais e a experiência relatada pelos pastores. Trataremos da forma como se organizam as funções e trabalhos da igreja na hierarquia religiosa. E por fim, analisaremos algumas questões que julgamos relevantes sobre o produto gerado pela atividade dos pastores.

2. Capitalismo, trabalho e religião

2.1. Metamorfose do trabalho sob o capitalismo

O trabalho humano tem ele próprio uma história. Como categoria representante da ação humana na natureza, o trabalho é condição obrigatória para a sobrevivência de qualquer sociedade, a existência do trabalho pode ser pressuposta sempre que buscamos entender uma sociedade humana. Mas é claro que a forma como o trabalho acontece pode, e deve, ser historicizada e compreendida a partir de suas especificidades. Essa constatação, que parece ser óbvia, e que esteve presente no conhecimento sociológico desde seus primórdios, com as observações

de Marx sobre o tema, muitas vezes é esquecida dando lugar a uma confusão sobre qual aspecto do trabalho tratamos (se é o do trabalho como produtor de valores de uso ou como produtor de valores de mercadorias⁶).

A perspectiva marxiana foi a perspectiva fundante da sociologia do trabalho e mantém-se como influência de diversos estudos não apenas na sociologia como em diversas áreas do conhecimento. Na sociologia do trabalho, as duas principais tendências da disciplina foram o estudo do *labor process theory*, originado do trabalho seminal de Braverman, e a visão regulacionista, cuja tese de doutoramento de Michel Aglietta, *Regulacion y crisis del capitalismo*, ocupa lugar de trabalho fundante. Ambas tendências teóricas consistem em leituras marxianas a respeito do trabalho e sociedade.

Em uma leitura marxista, um dos pressupostos importantes para a existência de um modo de produção capitalista é a divisão social do trabalho. Assim, ela ganha uma importância central na elaboração de uma teoria socioeconômica marxista. Com a divisão do trabalho, tratamos de uma contradição entre o interesse do indivíduo e o interesse coletivo (real, dado pela “dependência recíproca de indivíduos entre os quais o trabalho está dividido” (MARX e ENGELS, 1977, p.47)) e desta contradição que “o interesse coletivo toma, na qualidade de Estado, uma forma autônoma [...] mas sempre sobre a base real dos laços existentes [...] e sobretudo[...] baseada nas classes [...] que se isolam em cada um destes conglomerados humanos e entre as quais há uma que domina todas as outras” (MARX e ENGELS, 1977, p.48). As lutas no interior do Estado, assim, são tidas como “formas ilusórias nas quais se desenrolam as lutas reais entre as diferentes classes” (MARX e ENGELS, 1977, p. 48). É a classe dominante que apresenta seu interesse como interesse coletivo, o que acontece de forma estranha aos que não pertencem a esta classe.

Essa dependência recíproca de que falam os autores, derivada da divisão do trabalho, pode ser considerada a base para uma sociedade de trocas mercantis. Se

6 O trabalho como produtor de valores de uso é o trabalho como mediação entre o homem e a natureza, visando um objetivo final, ele é necessário para reprodução de qualquer sociedade. O trabalho como produtor de valores (ou, de valores de mercadorias) é um aspecto do trabalho que tem como pré-requisito a existência (social e historicamente constituída) do valor. Grosso modo, para falar de trabalho como produtor de valor, é preciso que haja um sistema bem constituído de trocas baseadas, em última instância, e ainda que não fenomenicamente, no tempo de trabalho como elemento representativo da equidade entre proporções diferentes de produtos produzidos para troca. Entraremos em maiores detalhes sobre o tema no capítulo teórico.

os seres humanos dependem, pelo caráter de exclusividade de seu trabalho, do trabalho de outros, devem obrigatoriamente buscar no mercado os produtos que não conseguem obter por meio do seu trabalho especializado (“especializado” no sentido de limitação da abrangência do trabalho, e não no sentido de um trabalho mais qualificado). Na sociedade ao qual Marx se propõe a estudar (ou seja, no modo de produção capitalista), esta divisão de trabalho, a obrigação de dependência do trabalho dos outros, se deu de uma forma específica, baseada na apropriação monopolística dos meios de produção por uma classe, deixando a outra parte da sociedade depender exclusivamente de sua força de trabalho.

A acumulação primitiva é a explicação de Marx, com base na historiografia disponível sobre a Inglaterra, para o início do sistema capitalista. É esse o momento em que se dá o impulso inicial para o “círculo vicioso”⁷ em que o capital gera mais-valor, e com o mais valor gera-se mais capital.

O pressuposto para a transformação do dinheiro e da mercadoria em capital é de que os possuidores de mercadoria entrem em contato uns com os outros, e que possuidores dos meios de produção busquem valorizar a quantia que dispõem com o trabalho alheio, e portanto, é preciso também uma massa de trabalhadores livres (livres no sentido de não terem e nem integrarem meios de produção)⁸.

Mas não é só a libertação das condições de escravidão e servidão que são postos em marcha pela história, mas também o roubo de seus meios de produção e condições de subsistência. Nesse sentido, “a expropriação da terra que antes pertencia ao produtor rural, ao camponês, constitui a base de todo o processo” (MARX, 2013, p.787).

Em síntese, o que Marx apresenta é a expropriação das terras comunais e a dissolução dos vínculos feudais gerando uma massa de “trabalhadores livres” que são expulsos sem terra e sem garantias de sobrevivência⁹. Eles vão ser ainda

⁷ O termo “círculo vicioso” aparece na tradução da editora Boitempo (MARX, 2013, p.785). O termo usado por Marx foi “fehlerhaften Kreislauf” (MARX, 1989, p.667), apresentando o sentido de indicação de que há um giro “herumzudrehen”, de um “Kreislauf” (circuito, circulação, ciclo) que é qualificada pelo adjetivo “fehlerhaften” (incorreto, errado, defeituoso).

⁸ “Para transformar o dinheiro em capital, o possuidor de dinheiro tem, portanto, de encontrar no mercado de mercadorias o trabalhador livre, e livre em dois sentidos: de ser uma pessoa livre, que dispõe de sua força de trabalho como sua mercadoria, e de, por outro lado, ser alguém que não tem outra mercadoria para vender, livre e solto, carecendo absolutamente de todas as coisas necessárias à realização de sua força de trabalho” (MARX, 2013, p.244).

⁹ Maurice Godelier trata a análise de Acumulação Primitiva como a representação de uma passagem do passado para o presente da totalidade histórica, mostrando a aparição de uma diversidade de formas de produção que surgem a partir da bancarrota de uma forma de produção antiga. O objetivo

perseguidos com leis contra a vagabundagem, ao passo que no trabalho encontrado na indústria nascente as condições são terríveis. Eles vão formar os proletários (aqueles que nada mais têm, senão sua prole), e dependem agora da venda de sua força de trabalho para sua sobrevivência. Este é o ponto que gostaríamos de chamar a atenção por ora. Isto é o que vai garantir a criação de uma sociedade em que – não só depende-se de encontrar no mercado, nas trocas, os produtos (melhor seria dizer os valores de uso) que não se produz, mas também em que não se tem outra forma de viver – para uma grande quantidade da população – a não ser pela venda de sua força de trabalho. Nessa sociedade, o modo de produção parece ganhar uma vida própria, e parece determinar aos homens todas as dimensões de sua vida social, o homem perde a capacidade de perceber que as relações de produção, circulação, consumo e distribuição são resultados do que o próprio homem faz.

Segundo Marx:

Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos (MARX, 2013, p.146).

Mas em que consiste então este caráter misterioso da mercadoria? O autor responde que:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste [...] simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiprocó que os produtos se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprasensíveis ou sociais (MARX, 2013, p.147).

A forma-mercadoria e o valor que se expressa através dela, não tem, então, nenhuma relação com a natureza física da mercadoria. “É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 2013, p.147). Marx dá o nome

seria, portanto, mostrar o porquê de uma das formas de produção ter se sobreposto às outras (GODELIER, 1990, p.59).

de fetichismo a isso. A palavra fetiche tem origem nos estudos sobre religião¹⁰, onde aparece para designar a situação em que as coisas são imbuídas, pelas crenças, de poderes sobrenaturais, mágicos, mas que apesar de seu simbolismo, e até da efetividade de seu simbolismo, não têm seus poderes emanando da natureza do objeto, mas da atribuição deste símbolo ao objeto pela sociedade.

Através desse processo, “o caráter de valor se fixa apenas por meio de sua atuação como grandezas de valor” (MARX, 2013, p.150), e passa a parecer ter um movimento próprio, submetendo as pessoas ao seu controle, antes que o contrário.

Em uma sociedade no “limiar histórico de todos os povos civilizados”, da indústria rural e patriarcal, diz o autor que “o dispêndio das forças individuais de trabalho, medido por sua duração, aparece desde o início como determinação social dos próprios trabalhos, uma vez que as forças de trabalho individuais atuam, desde o início, apenas como órgãos da força comum de trabalho da família” (MARX, 2013, p.153).

Na nossa sociedade, formada de produtores de mercadorias, em que o trabalho se representa no valor e a medida do valor se manifesta na grandeza de produto do trabalho, estas formas “são consideradas por sua [dos economistas políticos] consciência burguesa como uma necessidade natural tão evidente quanto o próprio trabalho produtivo” (MARX, 2013, p.156).

2.2 O capitalismo contemporâneo

Chamamos a atenção para um processo de expropriação dos meios de produção comunais e dissolução dos vínculos feudais. A abolição da antiga forma socialmente dominante foi a palavra de ordem. A análise da abolição da antiga forma social não é, então, suficiente para explicar a mudança do modo de produção.

10 A palavra fetiche foi primeiramente colocada em circulação na língua francesa pelo livro “*Du culte des Dieux fetiches ou parallèle de l'ancienne religion de l'Egypte avec an religion actuelle de Nigritie*” do juiz Ch. De Brosses (NASCENTES, 1955, p.214), nesse livro, o autor cria um marco para as interpretações religiosas quando “considera errada a suposição de que os povos inicialmente tiveram de Deus uma concepção pura, que se foi degenerando através dos tempos; pelo contrário, visto que 'o espírito humano se eleva por graus do inferior para o superior', a primeira forma religiosa só pode ter sido grosseira: o fetichismo – termo que Ch. de Brosses utiliza no sentido vago de culto dos animais, vegetais e objetos inanimados” (ELIADE, 1992, p.10). A palavra fetiche fora integrada pelo autor a partir da palavra portuguesa 'feitisso', usada na África ocidental pelos portugueses para designar algumas crenças dos povos tradicionais (NASCENTES, 1955, p.214). Assim, temos hoje no português as duas palavras, feitiço e fetiche, tendo a segunda origem na apropriação francesa da primeira palavra.

Poderíamos entender o modo de produção como uma unidade da base material e técnica com a forma social, a dissolução da forma social antiga não quer dizer uma mudança do modo de produção. É por isso que após tratar da acumulação primitiva, é preciso seguir, ainda, a análise. A produção do mais-valor relativo, diferentemente da extração do mais-valor absoluto, depende de uma transformação das bases técnicas e sociais. Essa transformação é o que explica, enfim, o *modo de produção especificamente capitalista*.

A princípio, sem poder mudar as bases materiais de produção, explora-se mais-valor (absoluto) pela ampliação da jornada de trabalho. O mote é, portanto, simplesmente a obtenção de mais-trabalho. Aqui temos apenas a subsunção formal do trabalho ao capital, uma vez que este modo não se diferencia do anterior senão pela forma (GODELIER, 1990, p.65).

Os capítulos 11 (Cooperação), 12 (Divisão do trabalho e manufatura) e 13 (Maquinaria e grande indústria) de O Capital, mostram (partindo do artesanato para chegar à “forma acabada” do capitalismo da grande indústria) o desenvolvimento da expropriação do mais-valor absoluto até a expropriação de mais-valor relativo, mediante a transformação das forças produtivas em um quadro em que, mais do que a verdadeira representação histórica, busca-se mostrar as etapas necessárias para uma subordinação do trabalhador ao processo de valorização, abrindo portas para o *modo de produção especificamente capitalista*.

A extensão da jornada de trabalho além do tempo de trabalho necessário, produzindo assim valor que será apropriado pelo capital, ou seja, o mais-valor absoluto, para Marx “forma a base geral do sistema capitalista e o ponto de partida da produção do mais-valor relativo” (MARX, 2013, p.578). Assim,

A produção do mais-valor absoluto gira em torno da duração da jornada de trabalho; a produção do mais-valor relativo revoluciona inteiramente os processos técnicos do trabalho e os agrupamentos sociais. Ela supõe, portanto, um modo de produção especificamente capitalista, que, com seus próprios métodos, meios e condições, só surge e se desenvolve naturalmente sobre a base da subsunção formal do trabalho sob o capital. O lugar da subsunção formal do trabalho sob o capital é ocupado por sua subsunção real (MARX, 2013, p.578).

A tendência deste modo de produção é a de transformar o tempo de vida das pessoas, no limite completamente, em tempo de trabalho. Diz o autor que “Na sociedade capitalista, produz-se tempo livre para uma classe transformando todo o

tempo de vida das massas em tempo de trabalho” (MARX, 2013, p.597).

Há, assim, um movimento amplo e de longo prazo, tendencial, no sentido de ampliação da apropriação do tempo de trabalho não pago dos trabalhadores, que é traço marcante do sistema capitalista. Mas ainda é preciso compreender não apenas o conteúdo do mundo do trabalho no modo de produção capitalista como também a forma e as metamorfoses do mundo do trabalho (isto é, a forma das relações de trabalho assumidas especificamente no tempo e local que estudamos). Nesse sentido, podemos estender as análises de Marx para uma época mais recente, compreendendo as especificidades do mundo do trabalho no contexto contemporâneo.

Remontemos ao início do século XX, quando Frederick Taylor propõe seus Princípios da Administração Científica. O modelo de administração científica do trabalho proposto por Taylor indica alguns traços importantes na forma que o trabalho adquiriu. No taylorismo, o controle do trabalho e do trabalhador é colocado em foco, busca-se uma racionalização do processo de trabalho que separe o trabalho manual do trabalho de gerência, de forma que é à gerência que cabe decidir a atuação do trabalhador.

No método de Taylor, há um estudo do tempo e movimento do trabalho existente (real) e uma seleção dos gestos pela gerência, buscando encontrar a melhor maneira de execução das operações que são impostas aos trabalhadores (política do “*one best way*”). O trabalho toma, assim, um caráter prescritivo, em que se colocam normas do que fazer, como fazer e em que tempo fazer, o que é controlado através da supervisão direta dos trabalhadores e pela padronização dos procedimentos de produção.

De modo sintético, podemos dizer que o taylorismo busca eliminar os “gestos” supérfluos a fim de reduzir a “porosidade do trabalho”, ao mesmo tempo em que estabelece uma nova relação da gerência com o trabalhador. Esta forma social reflete em um trabalho menos qualificado e logo, mais barato, que possibilita uma ampliação da mais valia relativa, enquanto, simultaneamente aumenta a intensidade do trabalho, ampliando também a mais valia absoluta.¹¹

11 A aplicação real deste modelo, no entanto, estabelece bases para um trabalho “extremamente fragmentado, repetitivo e monótono, prévio e minuciosamente definido pela gerência”(FERREIRA, 1993, p.6), enfrentando resistência por parte dos trabalhadores. Devemos fazer uma ressalva, ainda, para a questão mostrada por Fleury (1980;1982), de que as empresas se

O fordismo pode ser visto como uma superação do taylorismo (AGLIETTA, 1979). O modelo fordista difere profundamente de modelos anteriores de produção. Implica-se aqui uma produção de alta padronização, verticalizada (absorção de tarefas para dentro da empresa, buscando produzir o máximo possível internamente), beneficiando-se de economias de escala (redução do custo unitário do produto devido aos ganhos de uma produção maior), dependente de estoques em todas as etapas da produção, e com utilização de trabalho inspirado no método de Taylor. A associação do fordismo como um modo de regulação e a atribuição da crise do modelo fordista para explicação da crise de 1970 é feita pelos autores da Teoria da Regulação.

Com o acirramento da luta de classes e a conseqüente diminuição da produtividade frente à competitividade internacional enfrentada pelos EUA, o fordismo demonstra incapacidade de lidar com as contradições inerentes ao sistema capitalista. Neste mesmo período, no entanto, a economia japonesa apresentava altos índices de produtividade com um forte ritmo de crescimento (DRUCK, 1999).

Cabe apresentar, aqui, o sistema de organização desenvolvido por Eiji Toyoda. Em 1950, Toyoda realizou uma visita às instalações da Ford em Detroit, e, juntamente com o seu especialista em produção, Taiichi Ohno (daí o toyotismo também ser conhecido pelo rótulo de ohnismo), chegaram à conclusão de que o modelo fordista precisaria ser adaptado ao Japão (WOOD, 1992). Para adequar a produção em larga escala ao contexto japonês, foram realizadas algumas mudanças. A produção adquiriu características para se tornar mais simples e barata.

No contexto das modificações engendradas no modelo japonês – ou modelo de produção flexível – os trabalhadores eram colocados em grupos, em que um líder assumia certas responsabilidades sobre a qualidade da produção. Com isso, qualquer erro na produção poderia ser identificado mais rapidamente e corrigido sem grandes perdas. O estoque necessário para este tipo de produção foi reduzido. O fluxo de componentes passa a ser regulado pelo *just-in-time*. E a divisão minuciosa de especialidades do fordismo deu lugar no Japão a essa nova formação de grupos

interessam em implementar apenas parcialmente os métodos definidos por Taylor, para manter uma forma de controle social na empresa. Assim, o que existe na realidade é uma “rotinização do trabalho” em que não há a busca pela tarefa ótima, e as empresas buscam criar uma independência do trabalhador pelo processo produtivo, tornando os trabalhadores peças intercambiáveis. Cabe aqui compreender que o método de racionalização do trabalho taylorista não tem aplicação na realidade senão de forma parcial.

com uma liderança. Para a implementação disso, utilizou-se de parcerias com os fornecedores em uma cadeia de produção integrada, dando ênfase na verticalização da produção, no lugar da horizontalização fordista (WOOD, 1992).

A implementação e a difusão deste modelo levou algumas décadas. Em 20 anos, o sistema já havia sido implementado na Toyota, e nos anos 80, com a crise do fordismo, a produção flexível se difundia para além das fronteiras japonesas, mesmo que encontrando suas especificidades em cada região.

É só a partir de 1990 que se manifestam objetivamente no Brasil as características de uma reestruturação produtiva, que, além da utilização do paradigma toyotista, é caracterizada pela precarização do trabalho com desmonte de coletivos de trabalhadores (sindicatos, cooperativas) e fragmentação social nas cidades com crescimento do desemprego (ALVES, 2009, p.189).

A flexibilização do emprego não se reduziu ao espaço e ao tempo no ambiente de trabalho, mas também à duração dos empregos, ou, à estabilidade laboral, de forma que se tornam mais comuns os empregos temporários, parciais, prestados autonomamente e terceirizados.

A precarização do trabalho se agrava após a dita “crise” desencadeada no fim de 2008, sobretudo no que diz respeito às mulheres. Além disso, o trabalho precário está intimamente relacionado à intensificação do trabalho. Como descreve Hirata (2011):

O trabalho precário conduz à intensificação do trabalho, porque há uma ameaça sobre os trabalhadores estáveis dos que estão desempregados e que procuram trabalho, e estão dispostos, de certa forma, a aceitar condições salariais e condições de trabalho mais difíceis e mais penosas. Ao mesmo tempo, essa intensificação é também o resultado das novas formas de organização do trabalho e da produção. Trata-se de organizações flexíveis do trabalho e da produção, essenciais para a própria reprodução do sistema de trabalho e de emprego no momento atual (p.18).

Forma-se uma sociedade em que os trabalhos autônomos tomam uma importância crescente. Primeiramente, acreditava-se que estas ocupações não regulamentadas, autônomas e precárias eram passageiras, mas, como mostra Francisco de Oliveira (2013), a precarização do trabalho se consolidou como uma parte integrante do que chama de “ornitorrinco”, ou seja, “uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão” (OLIVEIRA, 2013, p. 150).

Tratar de uma acumulação truncada não é, no entanto, tratar de uma relação

de trabalho inacabada, como se o trabalho observado no Brasil fosse uma “má” forma, uma corruptela da relação de trabalho que foi desenvolvida historicamente na Europa. Estudar trabalhadores autônomos sob esta perspectiva – que normatiza a forma do trabalho – seria tratá-los não pelo que são, mas pela ausência daquilo que se esperava que tivessem (emprego, trabalho formal), quando na verdade, “os trabalhadores mesmos são informes, mais que informais” (LAUTIER, 1993, p.10).

Bruno Lautier reconhece na América Latina uma substancial diferença com relação ao modelo de cidadania Europeu. Se na Europa o modelo de cidadania, direitos, formalidades do trabalho assalariado segue fundamentalmente as diretrizes do trabalho assalariado, na América Latina “é um modelo de cidadania não-assalariada que 'marca' os assalariados” (LAUTIER, 1993, p.14). Nestes termos, Giovanni Alves ressalta a necessidade de compreensão da “experiência vivida”, que é precisamente “a exposição de relatos de vida de sujeitos/agentes assalariados [...] em processo de reestruturação” (ALVES, 2009, p.189). Através dos relatos dos pastores, encontramos marcas de vivência de um modelo informe (e precarizado) de trabalho, o que deve ter importância na própria constituição de sua atividade religiosa, no próprio tornar-se/ser pastor. O alcance dessa importância e seu limiar com o desempenho da atividade religiosa serão melhor explicados na seção 6.3, que trata sobre o produto do trabalho religioso. Veremos, ao longo do trabalho, que a experiência vivida dos pastores e sua consonância com a experiência vivida dos fiéis e demais frequentadores da igreja consiste em importante insumo para a produção do “serviço religioso” nas igrejas estudadas.

Mas antes de podermos apresentar propriamente nossas observações empíricas e análises dos dados obtidos, faz-se preciso introduzir o contexto religioso com o qual estamos lidando. No bojo das transformações que estiveram na gênese do modo de produção capitalista, a instituição religiosa não permaneceu estanca. Embora as transformações da religião não alterem significativamente um fundamento razoavelmente mais estável que respeito à ontologia dualista (preservando uma visão de mundo em que se tem por um lado um mundo das necessidades humanas e por outro um mundo transcendental), veremos como a doutrina protestante desenvolve outras representações com respeito ao trabalho, criando uma concepção de vocação e levando, segundo Weber, para um novo patamar a tendência de intelectualização da religião.

2.3. A Reforma Protestante

A Reforma Protestante é um marco importante no processo de mudança que consiste em um ponto nodal para a compreensão da religião na sociedade contemporânea. Com clareza disso, Max Weber, foi entender a partir dali as transformações não apenas referentes à religião como à sociedade, de modo amplo¹². O autor afirmou, quanto a isso: “a Reforma significou não tanto a eliminação da dominação eclesiástica sobre a vida de modo geral, quanto a substituição de sua forma vigente por uma outra” (WEBER, 2004, p.30).

Por certo, a aplicabilidade das conclusões de Weber encontra certos limites. Gostaríamos, pelo bem da coerência de nosso trabalho, ressaltar que o próprio autor, antes de expor suas conclusões sobre Calvino e outras seitas “puritanas”, afirma que isto não deve indicar que ele espera de algum dos fundadores que tivessem como objetivo despertar o espírito do capitalismo. Para eles, “a salvação da alma, e somente ela, foi o eixo de sua vida e ação” (WEBER, 2004, p.81). Os resultados da reforma, assim, são “conseqüências imprevistas e mesmo indesejadas do trabalho dos reformadores, o mais das vezes bem longe, ou mesmo ao contrário, de tudo o que eles próprios tinham em mente” (WEBER, 2004, p.81). Weber ressalta, ainda, que o protestantismo aparece como um dentre vários motivos históricos individuais que participaram da trama do desenvolvimento de nossa cultura (WEBER, 2004, p.82).

¹² Em que pese a explicação de Weber sobre a origem do capitalismo, devemos notar que não consiste em interpretação consensual. Na visão de Ellen Wood, por exemplo, Weber faz um aprimoramento do modelo mercantil clássico (que propunha o surgimento do capitalismo como um resultado de leis universais e imutáveis em que o mercado como um campo de escolha sempre esteve predestinado a se sobrepôr – hipótese que hoje enfrenta desprestígio na historiografia (WOOD, 2001)) embora (vale notar seu mérito) percebendo que o desenvolvimento do capitalismo apenas se deu em condições históricas específicas. Assim, a historiadora Ellen Wood afirma que o autor “sempre tendeu a falar dos fatores que impediram o desenvolvimento do capitalismo noutros lugares – as formas de parentesco, as formas de dominação, as tradições religiosas que prevaleciam neles, etc. – como se o crescimento natural e não obstacularizado das cidades e do comércio e a libertação das classes urbanas e burguesas significassem, por definição, o capitalismo” (WOOD, 2001, p.26-27).

Nesse sentido, é preciso mencionar aqui duas questões: 1- nesse ponto, Weber busca se diferenciar de uma visão determinista econômica¹³ e 2- No texto “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais”, Weber faz uma alusão às interpretações erradas que buscaram derivar o espírito capitalista da consciência religiosa a partir da recepção da Ética Protestante e o espírito do capitalismo (ver em Weber, 2006, p.42)¹⁴. Não se trata, portanto, de substituir um determinismo econômico por um determinismo religioso, mas reconhecer a complexidade da realidade.

Diz Weber que “trata-se apenas de averiguar se, e até que ponto, influxos religiosos contribuíram para a cunhagem qualitativa e a expansão quantitativa desse ‘espírito’ mundo afora, e quais são os aspectos concretos da cultura assentada em bases capitalistas que remontam àqueles influxos” (WEBER, 2004, p.83).

Com relação ao estudo de Weber, ressaltaremos alguns quesitos importantes na análise do protestantismo. Um surgimento notório da Reforma foi o novo uso dado ao termo “Beruf” (vocação na tradu o do alemão, mas traduzido como “calling” em inglês que corresponde melhor   palavra “chamado” no português)¹⁵, que assume no protestantismo um sentido diferente do que era dado ao trabalho na Idade Média, representado fortemente pelo trabalho como entendido por Tomás de Aquino o vê como “moralmente indiferente em si mesmo como o comer e o beber” (WEBER, 2004, p.73), e Lutero então desenvolve, na primeira década de seu trabalho reformador, um entendimento sobre o trabalho que cede o passo “ 

¹³ Neste trabalho, consideraremos uma influência de abordagem marxista para análise a respeito do trabalho. Com rela o a isto,   comum, ainda, no nosso tempo, um certo desprestígio das abordagens marxistas pela associa o que certas interpreta es fazem desta abordagem com o que seria um “determinismo econ mico” mecanicista. No entanto, no nosso mundo posterior   bancarrota da experiência soviética, permite-se com mais liberdade discutir diferentes abordagens e leituras do profícuo trabalho desenvolvido por Marx e Engels e muitas leituras desafiam a caricatura que por alguns meios ainda vigora de associa o do marxismo com o determinismo econ mico mecanicista. Sobre o distanciamento da leitura de Marx das interpreta es mecanicistas, trata com toda seriedade que o tema merece o professor João Antonio de Paula (1994). Nesse sentido, ao menos com rela o a evitar uma análise que tenha os critérios econ micos como fator único da explica o do surgimento do capitalismo, uma abordagem marxista se aproximaria da tentativa feita por Weber.

¹⁴ Se a confusão sobre a interpreta o de seu livro foi feita, talvez isso se deva ao uso de uma análise feita a partir dos tipos ideais (como que fragmentos exagerados de certos aspectos da realidade) pelo autor. Este método que isola aspectos da realidade por meio de uma processo analítico para depois correr o risco de esquecer de retornar suas análises para a realidade carece de suas limita es e exige cautela, que esperamos ter toda vez que nos referimos aos resultados (que não deixam de ser brilhantes e muito úteis) dos estudos de Weber.

¹⁵ Os pastores com quem tive contato durante a realiza o desta pesquisa sempre se referem ao seu “chamado” ou   sua “voca o” ao se referirem   idéia de uma predestina o para o cumprimento de fun es associadas   igreja que se manifestaram durante a vida. Estes dois termos são usados por eles de forma intercambiável.

referência cada vez mais enfática ao cumprimento dos deveres intramundanos como a única via de agradar a Deus em todas as situações, que esta e somente esta é a verdade de Deus, e por isso toda profissão lícita simplesmente vale muito e vale igual perante Deus” (WEBER, 2004, p.73)

Em que pese o conceito de vocação de Lutero, como um desejo de Deus que deveria ser respeitado pelos homens, Weber não defende que tal objeto seja, ainda, capaz de significação prática relevante. Como se sabe, Weber encontrou uma noção mais aprofundada (com razoável coerência) sobre o trabalho ao estudar a doutrina de Calvino. O autor aponta que considera-se a doutrina da predestinação a mais característica do Calvinismo (WEBER, 2004, p.90). No calvinismo, os seres humanos existem para Deus e não o oposto, e assim, todo acontecimento é um meio para a glorificação de Deus (WEBER, 2004, p.94). Assim, a princípio, o mundo está destinado a esta glorificação de Deus, “mas Deus quer do cristão uma obra social porque quer que a conformação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada de forma a corresponder a esse fim. O trabalho social do calvinista no mundo é exclusivamente trabalho [...] {para aumentar a glória de Deus}. Daí porque o trabalho numa profissão que está a serviço da vida intramundana da coletividade também apresenta esse caráter” (p.99, o trecho entre chaves corresponde a uma tradução do latim do editor: Pierucci). No calvinismo, portanto, a divisão social do trabalho se torna parte fundamental do sistema ético, segundo Weber (2004, p.99). O trabalho é visto agora como uma legitimação da consciência sobre o agir de Deus em si.

Como consequência dessa conduta metódica do calvinismo, o puritano passou a controlar o comportamento de Deus, de modo tal que, contrariamente à doutrina genuína de Calvino, “sabia por que Deus tomara tal ou qual disposição. A santificação da vida quase chegava assim a assumir um caráter de administração de empresa” (WEBER, 2004, p.113).

Após Calvino, o “portador autônomo da ascese protestante” (WEBER, 2004, p.130) é o anabatismo com sua utilização da justificação pela fé que “consistia, antes, na apropriação interior de sua obra de redenção. E implicava revelação individual: vinha através da ação do Espírito divino no indivíduo, e somente através dela. Era oferecida a todo indivíduo, bastando esperar persistentemente pelo

Espírito, não resistindo à sua vinda por apego pecaminoso ao mundo” (WEBER, 2004, p.131-132).

Com todo esse movimento, Weber defende então que a ascese cristã que existia no claustro sai para o mundo e “se põe a impregnar com sua metódica justamente a vida mundana de todo dia, a transformá-la numa vida racional no mundo, não deste mundo, não para este mundo” (WEBER, 2004, p.139).

Tomando, grosso modo, como uma tendência, o protestantismo, então, defende a desejabilidade do trabalho profissional racional e da riqueza proveniente do dever vocacional. Assim, portanto, o *ethos* profissional que surge deixa o burguês livre para perseguir o lucro; ele, agora, até deveria fazer isto (WEBER, 2004, p.161). E a partir de outro lado “exaltava o trabalhador que é fiel à profissão e que não anseia pelo ganho como alguém que vive segundo o exemplo dos apóstolos e portanto é dotado do carisma dos discípulos” (WEBER, 2004, p.162).

Assim, a ascese protestante não inovou estimulando o trabalho, mas estimulando o trabalho como vocação profissional, meio ótimo de se certificar de seu estado de graça (WEBER, 2004, p.162). E ao mesmo tempo interpretou a atividade lucrativa do empresário também da mesma forma, como vocação, legalizando a “exploração dessa disposição específica para o trabalho” (WEBER, 2004, p.163). Assim, tornou-se corrente o tratamento do trabalho como uma “vocação profissional” ao mesmo tempo em que tornou-se corrente, para o empresário, tratar da vocação para o lucro (WEBER, 2004, p.164).

O protestantismo, assim, representaria, por excelência, um nível elevado na tendência de “desencantamento do mundo” ou melhor, “desmagificação do mundo”. Termo cuja tradução desperta algumas discussões, em alemão “*etzauberung der Welt*”, traz em sua desinência “-ung” como nota Pierucci, um indicador de um conceito que “remete a um determinado processo histórico, um conceito idiográfico, singularizante, não monolítico, não geral; não universal, nem mesmo histórico-universal” (PIERUCCI, 2003, p.68).

Para Pierucci, o “sagrado” em Weber deve ser entendido a partir de uma dualidade entre a magia – relacionada a um estágio “animista” em que o homem viveria em um mundo cheio de espíritos “não essencialmente bons nem essencialmente maus, apenas capazes de influir ‘favorável’ ou ‘prejudicialmente’ nos *affaires* humanos, povoando invisivelmente um universo concebido de forma não

dual” (2003, p.69) – e a religião – quando há uma visão do mundo dualista, resultado de uma racionalização teórica da magia. Assim, ao passo que o trabalho passa a ser visto como uma necessária forma de glorificar a presença de Deus, o homem se torna um asceta intramundano e o mundo recebe uma outra interpretação, agora como um lugar irremediavelmente indutor do pecado contra o qual o asceta deve tomar a frente de travar uma luta de demonstração de sua disposição ascética. Com isso, alimenta-se o desprezo 1) ao desfrute da riqueza, 2) ao excesso do sentimento dos homens, 3) à erótica divinizadora da criatura e 4) à violência do individualismo contra os outros. Contra tudo isso o asceta intramundano orienta sua conduta de vida de forma que resta-lhe “o domínio metódico ‘desperto’ da condução da própria vida” (WEBER, 1991, p.366). Em suma, radicaliza-se a transcendentalização de Deus, que não está presente no mundo de pecados, e cujos homens apenas podem ser instrumentos através de sua conduta asceta intramundana.

Nesse sentido, a desmagificação do mundo constitui um processo no qual a crença na magia perde interesse ao mesmo tempo em que avança o intelectualismo nas comunidades religiosas (PIERUCCI, 2003). Mas este processo acontece de forma desigual na sua propagação entre a sociedade, de modo que Pierucci nota:

a sociologia da religião de Weber é bem sensível ao fato de que os interesses ‘religiosos’ se formam e se distribuem desigualmente numa população: as massas costumam ter necessidades ou interesses ‘religiosos’ na verdade muito ‘materiais’, ao passo que letrados e intelectuais de modo geral são capazes de interesses ‘ideais’ que podem ser traduzidos diretamente em linguagem religiosa sublimada, quando não teológica. Linguagem apropriadamente dita religiosa justamente porque intelectualizada. Nessa linguagem intelectualmente sofisticada eles expressam não suas necessidades terrenas, mas sua ‘ânsia de salvação nobre’, sua busca de salvação da ‘aflição interior’, sua ‘necessidade (metafísica) de sentido’. Concepções holísticas totalizantes, do sentido do mundo e da vida – vetores de novas orientações axiológicas – são produzidas seminalmente por figuras carismáticas, especialmente os profetas, e mesmo depois de desenvolvidas e sistematizadas elas não falam, para Weber, de outra coisa senão da ‘natural necessidade racionalista do intelectualismo de compreender o mundo como um cosmos pleno de sentido (PIERUCCI, 2003, p.103).

Assim, a desmagificação significa a saída de um mundo de atos mágicos, de atos irracionais em seus meios e incapazes de sentido, para entrada em um mundo “significativamente ordenado pelas ideias religiosas” (PIERUCCI, 2003, p.88). Sobressai, portanto, um grupo de intelectuais religiosos com um papel direcionador das idéias, condutor dos interesses religiosos e, portanto, com um papel de

conformação das massas, ou, conformação daqueles que não são virtuosos em religião (PIERUCCI, p.92).

Há uma criação, portanto, de um grupo especializado nas virtudes da interferência no mundo espiritual e na produção e reprodução das narrativas ontológicas (explicando que o mundo é, em si, separado entre o espiritual e o material) e metafísicas (ofertando-se um discurso sobre a salvação). Enquanto isso, o restante da sociedade, para satisfazer sua necessidade religiosa, deve procurar os especialistas, os “intelectuais da religião”. Para procurá-los, sempre há um motivo, como argumenta Pierucci:

Todo mundo quer sempre adiar a hora da morte, empurrar para depois a despedida deste mundo. Pede, suplica, conjura, sacrifica, chantageia e até se submete ‘para que tudo lhe corra bem e ele viva muitos anos de vida sobre a Terra’ segundo os generosos termos da promessa bíblica aos patriarcas de Israel (PIERUCCI, 2003, p.83).

2.4. O Protestantismo no Brasil e o Pentecostalismo

Nesta pesquisa, estudamos as igrejas pentecostais não-denominacionais. Estas igrejas tornam-se um fenômeno de grande vulto no cenário religioso brasileiro a partir da década de 1990, figurando, assim, nas mensurações do censo de 2000. O surgimento destas igrejas, portanto, é bastante recente, quando o consideramos em comparação com os primeiros surgimentos do protestantismo no Brasil.

O protestantismo já havia chegado ao Brasil em 1545, quatro anos antes da chegada do primeiro governador geral, segundo Mendonça (2004). No entanto, por muito tempo sua presença não foi marcante, enquanto suas aparições se limitavam às aventuras de invasão dos *huguenotes* franceses. Estas primeiras aparições não tinham objetivos de conversão religiosa, mas de dominação política e busca de lucro financeiro.

A categorização mais clássica e consensual do protestantismo brasileiro é a apresentada por Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1973) que divide o protestantismo de imigração do protestantismo de missão. Para Camargo (1973), o protestantismo de imigração consiste no protestantismo que veio ao Brasil com os imigrantes e que permaneceu restrito como uma ligação de proximidade étnica e lingüística entre os grupos imigrantes alemães no Brasil. Em sua maioria, consistiam em luteranos.

No decorrer do tempo, com pastores já nascidos brasileiros e com o distanciamento das igrejas protestantes brasileiras de suas sedes, há um período de nacionalização das igrejas. Em seguida, observa-se uma perda do impulso de proselitismo para uma maior atenção, por parte das igrejas protestantes, ao cuidado das congregações já obtidas (CAMARGO, 1973).

Se as igrejas antigas seguiram este movimento, os protestantes de linha pentecostal, embora também seguindo uma tendência de nacionalização das igrejas, vivenciaram uma forte expansão centrada nos centros mais urbanizados e com formação de comunidades religiosas sem abandonar – após a entrada no Brasil a partir de 1910 – a ênfase missionária. (CAMARGO, 1973). Assim, diz Camargo que: “não abandona o pentecostalismo, diferentemente de outras denominações protestantes, a ênfase de proselitismo, mas reforça, empregando para tanto, via de regra, recursos de comunicação de massa” (CAMARGO, 1973, p.115).

Assim o pentecostalismo, movimento surgido do seio puritano nos Estados Unidos, tem como marca a sua expansão e o seu proselitismo desde quando chegou ao Brasil. Destacadamente, esse movimento se observou com a fundação da Assembléia de Deus em 1911 por dois missionários de origem sueca e com a Congregação Cristã do Brasil iniciado no Paraná e em São Paulo em 1910 que “logo se estendeu especialmente aos meios proletários e à pequena burguesia” (CAMARGO, 1973, p.115) formando um primeiro momento de implantação das igrejas pentecostais no Brasil, o chamado pentecostalismo clássico (MARIANO, 2004, p.123) e a instalação da Igreja do Evangelho Quadrangular em 1953 em São Paulo após a criação da Cruzada Nacional de Evangelização em 1951 pela *International Church of Foursquare Gospel* trazida por missionários americanos, que forma um segundo momento de implantação pentecostal no país, que não encontrou nomenclatura consensual na literatura (MARIANO, 2004, p.123), apesar da proposta de chamá-lo de “pentecostalismo neoclássico” de Mariano (1996).

Já no início da década de 1970, época da publicação do Camargo o pentecostalismo era expressivamente preponderante entre os grupos protestantes no Brasil e ainda hoje mantém sua tendência de expansão, ganhando espaço não apenas entre os outros protestantes, mas na conversão dos católicos, cuja população sofreu retração (ALVES et. al., 2016, p.216).

Até meados do século XIX, o catolicismo permaneceu com “monopólio quase absoluto da expressão religiosa do povo brasileiro” (CAMARGO, 1973, p.31). Constituiu a religião da classe dominante e também a da classe dominada. A persistência de elementos culturais e religiosos dos grupos indígenas bem como dos elementos de herança africana foram exceções que ficaram restritas às suas respectivas “categorias étnicas e culturais que vieram a se constituir nas camadas mais pobres e desprivilegiadas da população” (CAMARGO, 1973, p.31), de modo que “as alternativas religiosas ao Catolicismo mantiveram-se (...) circunscritas às camadas miseráveis da sociedade brasileira” (CAMARGO, 1973, p.32).

O protestantismo histórico, destacadamente o luterano, ficou muito restrito aos grupos de imigrantes para formar uma “classe média protestante (...) de pequena expressão numérica” (CAMARGO, 1973, p.32). E só no século XX que o Brasil começa a assistir o pentecostalismo disputando com Umbandistas e Espíritas, “por meio de agressivo proselitismo, a conversão de novos adeptos, recrutados nas classes sociais urbanas mais pobres, e suscetíveis de encontrarem na solução sacral resposta ideológica a condições de sua existência” (CAMARGO, 1973, p.24).

Mas, rapidamente, saímos de um cenário em que os evangélicos eram apenas 2,6% da população brasileira em 1940 para uma quantidade de 15,4% da população em 2000, desigualmente distribuídos nas regiões brasileiras, cuja região sudeste se destaca como “um dos mais importantes pólos da expansão evangélica” (MARIANO, 2004, p.121). Nessa expansão, os pentecostais respondem pela maior parte do efeito de expansão, em detrimento dos protestantes históricos, com menor crescimento. No censo de 2010, os evangélicos chegaram a corresponder 22,2%, sendo 13,3% da população evangélicos de origem pentecostal. Os que se declararam católicos apostólicos romanos eram apenas 64,6% da população frente a 2% de espíritas e 0,3% de Umbanda e Candomblé. Outras religiosidades somaram 2,7% (IBGE, 2012). A percentagem de católicos é maior entre as áreas rurais, nas faixas etárias mais elevadas e entre os homens, enquanto entre os evangélicos predominam as mulheres, fatores que justificariam estimar que a transformação ainda não está completa, e a tendência de crescimento dos evangélicos deve ainda prosseguir (ALTMANN, 2012). Também há um favorecimento do número de pessoas que não mantém adesão institucional com nenhuma religião (mas que não

necessariamente sejam areligiosas) que chegou a 8% da população em 2010, ultrapassando os 15 milhões de pessoas (ALTMANN, 2012, 1124-5).

A expansão pentecostal se destaca não apenas demograficamente, mas também através da sua expansão política, midiática e editorial e pela criação de todo um mercado que cerca uma diversidade de produtos relacionados à fé evangélica (MARIANO, 2004; SOUZA, 2011).

A diferença nos perfis social e demográfico entre os protestantes históricos e os pentecostais é bem marcada. O censo de 2010 apontava que 12,1% dos evangélicos de missão (categorização do IBGE que corresponde aos protestantes históricos) tinham ensino superior completo e 33,4% tinham o ensino médio completo ou ensino superior incompleto. Entre os evangélicos de origem pentecostal estes números eram respectivamente 4,1% e 25,5%. Enquanto 48,2% dos evangélicos de missão recebiam até um salário mínimo, entre os evangélicos de origem protestante esta taxa era de 63,6%. E se 51,6% dos evangélicos de missão eram brancos, estes eram apenas 41,3% dos evangélicos de origem pentecostal (IBGE, 2012).

Um terceiro momento importante da expansão pentecostal no Brasil é o movimento do neopentecostalismo, que tem início na segunda metade da década de 1970. Entre as igrejas que se destacam nesse movimento nota-se a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em 1977 no Rio de Janeiro, a Igreja Internacional da Graça de Deus em 1980 também no Rio de Janeiro, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra em 1976 em Goiânia e da Igreja Renascer em Cristo em 1986 em São Paulo, todas elas fundadas por brasileiros (MARIANO, 2004).

As igrejas neopentecostais utilizam-se da Teologia da Prosperidade, difundindo a crença de que os cristãos são prósperos financeiramente e materialmente e com relação à saúde (e não apenas espiritualmente), e com uso de discurso quanto à guerra entre o bem e o Diabo que acontece no domínio de um mundo espiritual, para livrar as pessoas de todo mal que lhes é causado no plano da guerra espiritual.

Mariano (2004) explica a marcante posição dos neopentecostais com relação aos costumes e condutas pessoais e como essa posição teve influência nas demais igrejas pentecostais:

Encabeçado pela Igreja Universal, o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas de televangelismo. Do ponto de vista comportamental, é a mais liberal. Haja vista que suprimiu características sectárias tradicionais do pentecostalismo e rompeu com boa parte do ascetismo contracultural tipificado no estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, volta e meia, estigmatizados. De modo que seus fiéis foram liberados para vestir roupas da moda, usar cosméticos e demais produtos de embelezamento, freqüentar praias, piscinas, cinemas, teatros, torcer para times de futebol, praticar esportes variados, assistir a televisão e vídeos, tocar e ouvir diferentes ritmos musicais. Práticas que, nos últimos anos, também foram sendo paulatinamente permitidas por igrejas pentecostais das vertentes precedentes, com exceção da Deus é Amor, que manteve incólume a velha rigidez ascética. Em todas as vertentes permanece, porém, a interdição ao consumo de álcool, tabaco e drogas e ao sexo extraconjugal e homossexual (MARIANO, 2004, p.124).

A Igreja Universal se destaca entre as igrejas neopentecostais pelo seu tamanho e manutenção de alta taxa de crescimento (em 1985 tinha 195 templos enquanto em 1989, quando negociava a compra da Rede Record, já eram 571 templos (MARIANO, 2004, p.125)), o que é mantido às custas de agressivo marketing por rádio e televisão, além dos seus pastores que têm dedicação em tempo completo para seu trabalho de pastores. Na IURD, os pastores são remunerados de acordo com os resultados numéricos obtidos dos dízimos e das ofertas que obtêm. Além disso, são frequentemente remanejados do lugar onde estão e não gerenciam os recursos que arrecadam (MARIANO, 2004, p.127). A forma de gestão assumida é manifestadamente empreendedora (SOUZA, 2011, p.15) e o alto padrão de vida com casa e veículos luxuosos é assumido pelo líder e fundador da igreja, Edir Macedo (ORO, 2006). Não apenas na IURD como também nas outras denominações neopentecostais, uma variedade de produtos culturais foram desenvolvidos ganhando espaço no mercado fonográfico secular e atraindo a atenção de pessoas ainda não convertidas para a cultura e simbologia religiosas, criando um nicho de mercado em torno de uma marketização do sagrado (SOUZA, 2011, p.27). Nesse sentido, diz Pierucci (2013), que “do lado dos sociólogos, para se falar agora das coisas do sagrado, é necessário passar pela economia da coisa, mergulhada com certeza na cultura capitalista de uma sociedade irremediavelmente secularizada” (PIERUCCI, 2013, p.2) A mercantilização escancarada promovida por várias denominações neopentecostais, incluindo a exploração de mercado literário e fonográfico e cinematográfico como também o aberto estímulo de buscar a maior arrecadação possível para os pastores no caso da IURD ou a ênfase no dízimo e

nas ofertas em outras denominações promovem modificações importantes na forma como é interpretada a relação das igrejas com o dinheiro (ORO, 2001), nesse contexto, nas igrejas pentecostais, diz Ari Oro:

o dinheiro não é somente percebido como um símbolo em si. Trata-se de um símbolo que recebe uma graduação de acordo com uma lógica econômica. Por outras palavras, não se trata de o fiel simplesmente ofertar - dar - dinheiro para receber os benefícios esperados mas, antes, de ofertar segundo parâmetros quantitativos nos quais prevalece a crença de que dando mais, mais chances desfrutará ele de alcançar a graça: a grandeza da graça depende, inclusive, do valor ofertado (ORO, 2001, p.82)

No bojo da contemporaneidade religiosa, com trânsito religioso e com as ofertas de diferentes bens e serviços mágicos por parte de religiões diversas, coisa que, como vimos, é recente no Brasil, a transmutação jurídica do seguidor religioso na figura do consumidor de serviços religiosos constrói, para Pierucci (1996; 2008), a necessidade de intervenção de regulação por parte do poder público, na economia religiosa, a fim de garantir a defesa dos interesses dos consumidores religiosos e a proteção da liberdade de cultos.

Com relação às liturgias e simbologias, a Igreja Universal encabeça a utilização de sincretismo de crenças, símbolos e rituais incorporados a partir das religiões concorrentes como são a Umbanda e o Espiritismo. No cenário religioso brasileiro contemporâneo, a bibliografia faz menção ao fenômeno do trânsito religioso para conseguir compreender o rápido movimento de idas e vindas que as pessoas fazem entre religiões diferentes entre si (ALMEIDA e MONTEIRO, 2001). A IURD, muito ciente do acúmulo de símbolos que as pessoas fazem a partir do convívio com várias religiões, absorve estes símbolos e reconhece o poder das práticas de outras igrejas, embora submetendo-os à sua visão deles, num processo que Ari Oro chama de “religiosfágico” (ORO, 2006).

Na década de 1990, dois fenômenos chamam a atenção no pentecostalismo brasileiro. Por um lado, algumas igrejas associadas normalmente ao protestantismo histórico, ou, ao “protestantismo de missão” como classificado pelo censo, se aproximam, em suas práticas, do movimento pentecostal formando linhas “renovadas” (ROSAS, 2015). Enquanto isso, surgem diversas novas igrejas de pequeno porte, sem filiação com qualquer outra denominação, muitas vezes formadas por apenas uma ou poucas igrejas. No censo, estas igrejas não-

denominacionais foram medidas cada uma como uma nova denominação. No censo de 2000, observou-se a aparição de 1200 novas denominações, das quais Clara Mafra estimou serem entre 60% e 70% pentecostais, como documentado em uma entrevista para a Folha de São Paulo (Folha On Line, 13 de maio de 2002), que na ocasião da entrevista chamou o fenômeno de “pulverização pentecostal”.

3. Metodologia

Delimitei a pesquisa à circunscrição do bairro Guarani, localizado na região norte de Belo Horizonte. Neste bairro¹⁶, percorri, em 2017, todas as ruas procurando quaisquer sinais de placas, avisos e estandartes que indicavam a presença de uma igreja, ministério ou comunidade religiosa. Com esse método, encontrei vinte e nove locais. Sei, por experiência, que há ainda, neste bairro, uma igreja que não tem qualquer identificação na sua fachada. É possível que como essa igreja, alguma outra também exista e funcione no bairro sem identificação e portanto não sendo contabilizadas pelo meu levantamento. No entanto, acredito que este método seja ainda mais completo do que um levantamento das igrejas através de cadastros oficiais das igrejas. Veremos, mais à frente, que o processo de abertura de igrejas passa por uma fase em que as igrejas estão abertas e em funcionamento, mas ainda não foram regularizadas.

Dos trinta lugares constantes na minha observação, duas são igrejas católicas. Uma destas é católica carismática. Sete das igrejas do bairro são de denominação batista. Onze são pentecostais entre as quais se destacam as seguintes: três da denominação “Assembléias de Deus”, uma da denominação “Deus é Amor”, e uma da denominação “Igreja do Evangelho Quadrangular”. Além disso, há presença de uma filial da IURD e uma da “Igreja Mundial do Poder de Deus”. Notadamente, há ainda no bairro uma igreja de tamanho desproporcionalmente grande de denominação da “Igreja de Jesus Cristo dos Santos Dos Últimos Dias” (conhecidos popularmente como mórmons).

A investigação foi realizada por meio de observação direta, com composição de caderno de campo, em uma igreja pentecostal não-denominacional¹⁷. Cabe notar que se Foote White lembra a importância de notar que o pesquisador é, ele mesmo, social, que “tem um papel a desempenhar, e as demandas de sua própria personalidade devem ser satisfeitas em alguma medida para que ele possa atuar com sucesso” (WHITE, 2005, p.283), referindo-se às inserções de longos períodos, como foi sua pesquisa que culminou no livro *Sociedade de Esquina*, é preciso

¹⁶ Em breve, faremos uma descrição mais detalhada do bairro para que se tenha uma noção da região estudada neste trabalho de campo.

¹⁷ As igrejas pentecostais não-denominacionais são aquelas que, embora não participem de uma denominação, têm proximidade de crenças e práticas comuns do movimento pentecostal. São geralmente igrejas pequenas e cujo pastor presidente têm forte poder sobre as decisões da igreja.

lembrar também que mesmo em pesquisas de menor duração ou menor imersão o pesquisador é sempre um ser social. Sempre que nos propomos a observar o funcionamento e as transformações das relações sociais em um grupo social, devemos estar atentos para o fato de que o nosso campo tem uma certa disposição dos papéis de seus atores e nós, seres sociais, estamos nos inserindo naquela realidade e assumindo uma determinada posição. É preciso deixar claro que as nossas observações diretas serão feitas em determinados grupos sociais, mas nosso objeto de estudo vai além de compreender tais grupos sociais. Nosso objetivo é compreender as relações sociais, seu funcionamento, suas lógicas e mecanismos. Essa distinção entre compreender um grupo social ou utilizar o estudo do grupo social para compreender as relações sociais é bem realizada por Bertaux (2005).

Observações preliminares nos deram uma caracterização geral para estabelecer os meios de seguir o estudo. Enquanto participava dos cultos e eventos da igreja, tentei marcar entrevistas com pastores e pastoras, sendo que nem todas foram bem sucedidas, como explico mais à frente. Posteriormente, fiz observação participante em outra igreja e, embora tenha o feito por pouco tempo, foi suficiente para notar que, salvo a observância de diferenças em pequenos detalhes, a atividade da igreja era muito semelhante. O motivo para isto está como veremos, nos fortes vínculos que estas igrejas pentecostais não denominacionais têm entre si, ao menos no bairro estudado, incluindo participação em conselhos e troca mútua de convites para pregações entre pastores de igrejas diferentes. Um dos pastores entrevistados era desta segunda igreja em que também fiz observações participantes.

Assim, além da observação participante, para a realização deste trabalho, utilizamos a abordagem qualitativa dos relatos de vida. Por meio de uma entrevista, buscamos levantar vários aspectos da trajetória dos entrevistados, direcionando (filtrando) apenas o suficiente para que os temas relacionados aos nossos interesses apareçam. Alguns autores empregam, para este método, o termo “história” de vida (*history*). No nosso caso, seguiremos a sugestão de Daniel Bertaux (1999) e diremos “relato” de vida (*story*), guardando o termo “história” (*history*) para estudos de caso de uma pessoa que incluam não somente o relato de vida, como documentos, testemunhos, entre outras fontes.

A intenção de investigar as relações sociais envolvidas nas atividades dos

pastores implica a necessidade de examinar os relatos de vida em conjunto, e não de forma isolada. Como afirma Bertaux (2005):

Al multiplicar los relatos de vida de personas que se hallan o se han hallado en situaciones sociales similares, o participando em el mismo mundo social, y al centrar sus testimonios en esas situaciones se trata de sacar provecho de los conocimientos que ellas han adquirido mediante su experiencia directa de ese mundo o de esas situaciones, sin enredarse por ello en su necesaria singularidad, ni en el carácter inevitablemente subjetivo de su relato. Al relacionar numerosos testimonios sobre la experiencia vivida de una misma situación social por ejemplo, se podrán superar sus singularidades para lograr, mediante una construcción progresiva, una representación sociológica de los componentes *sociales* (colectivos) de la situación (p.37)

Na condução da entrevista, as perguntas foram conduzidas mediadas pelos âmbitos de existência assim como eles aparecem – em uma linha sucessória – na vida dos (das) entrevistados(as). O pressuposto de que as experiências vividas pelas pessoas seguem essa sucessão de âmbitos de existência é razoável, como defende Bertaux(2005), já que raras pessoas vivem, quer sua idade adulta, quer sua infância, de forma isolada de outras pessoas.

No nosso caso, elaboramos um roteiro para entrevista que tem como primeiro destes âmbitos a família, o segundo é o da formação educacional. A inserção profissional é importante no nosso caso para compreender como o entrevistado veio a se tornar um pastor e quais dimensões sociais envolvidas nesse processo. Como quarto âmbito social, importa-nos a socialização no trabalho (seja sua atividade de pastor ou outros trabalhos que possivelmente desempenhe). Para fins de realização das perguntas, não tratamos em nenhum momento as atividades de pastor como um trabalho ao realizar as entrevistas. Como último âmbito, importa-nos também a vida social do(a) entrevistado(a) fora do ambiente de suas atividades de pastor. Incluímos no anexo 1 o roteiro que foi utilizado para as entrevistas.

Para a amostragem dos entrevistados, procuramos selecionar uma amostra de entrevistados mais variada. Os casos que se mostrarem mais diferenciados devem ser privilegiados na escolha dos entrevistados, para evitar o problema de tomar uma parte (uma amostra viesada) como se fosse representativa do todo. Becker (2007) chama isso de problema da “sinédoque”. Entretanto, dado o tempo e a resistência dos pastores para conceder entrevistas, nossa variabilidade amostral foi prejudicada com notada ausência de entrevista com pastoras mulheres e com

pastor presidente de igreja. Buscamos contornar estas limitações das entrevistas, tanto quanto possível, complementando os dados com as informações obtidas pela observação participante.

A entrada em campo é importante porque é desde a forma como o(a) pesquisador(a) se insere no grupo social estudado que sua posição naquele grupo passa a existir e delimitar o acesso da informação do(a) pesquisador(a). Como as igrejas de pequeno porte têm uma quantidade pequena de pessoas que as freqüentam (observei cerca de 20 a 30 pessoas por dia na igreja em que já realizei observações), o contato dos pastores com estas pessoas é muito próximo. Desde o primeiro dia aprendi que minha presença estava em evidência permanente: logo na entrada encontrei um pastor na porta, recepcionando as pessoas, e sempre que um novo pastor entrava na igreja, vinham pessoalmente me cumprimentar, o que não faziam com todos os outros. Em situações como esta, as pessoas perguntam sobre a sua presença naquele lugar. Esperam uma demonstração da sua identidade e nesse sentido é importante a *construção de uma identidade de investigador*, como diz Bertaux. Para ele:

supongamos que vuestro primer campo de operaciones es un microcosmos, una *community*, un lugar donde todo el mundo se conoce al menos de vista. Os dirigís a él para observar, pero tan pronto como aparecéis por allí os dais cuenta de que se os observa. La gente se pregunta qué es lo que habéis ido a hacer allí, cuáles son vuestras intenciones, quién os envía, qué institución está detrás de vosotros, para quién trabajáis, para qué (y para quién) será de provecho ese trabajo, en resumen, cuál es vuestra 'identidad' (BERTAUX, 2005, p.58).

A resposta que o investigador oferece para essas perguntas é o que Bertaux chama de construção de sua identidade. Evidentemente não se trata de construir uma identidade imaginária, falsa, sem correspondência com a realidade. A forma como o investigador se apresenta vai ser compreendida segundo os parâmetros das pessoas daquele microcosmo, que, normalmente, não são outros investigadores ou sociólogos. A identidade do investigador, como ela é entendida pelas pessoas do campo, e não como ela é entendida pelo próprio investigador, pode condicionar diferentes posturas com relação à sua presença no campo e seu acesso às informações que deseja, assim:

Si sois estudiante, eso es una ventaja, se ofrecerán a ayudaros. Si sois investigador, significa que estáis pagados para hacer ese trabajo: ¿por

quién?, ¿para hacer qué? ‘Historiador’ tiene más aceptación que ‘sociólogo’; ‘etnólogo’ puede originar actitudes de rechazo. Evitar el término ‘investigación’, que suena demasiado a inspector. (BERTAUX, 2005, p.58).

No meu caso, a posição que assumi foi desde o início de me identificar como um estudante da UFMG. No entanto, acredito que a posição em que fui colocado pelos pastores foi a de um potencial membro da igreja. As tentativas de conversão, isto é, a expectativa de que me batize e passe a ser um membro da igreja, estiveram sempre presentes, e é preciso, portanto, saber que minhas observações estarão mediadas pela posição em que me colocam na igreja e pelas expectativas que os pastores têm com a minha presença.

Quanto ao acesso às informações, preciso notar que sempre tive não apenas abertura como sempre me incentivaram ou convidaram a participar dos eventos da igreja, sempre sob o pressuposto de que a minha participação deveria conduzir à minha conversão, mesmo que eu sempre buscasse deixar claro que a minha intenção era voltada à pesquisa. Esta abertura facilitou a obtenção de informações nos cultos, no pré-batismo e na escola dominical. Também fui convidado à participar das reuniões de um conselho de pastores, logo após explicar que estava estudando pastores. No entanto, toda essa facilidade de acesso às informações teve um limite muito claro: restringia-se aos eventos que eram abertos ao público e a minha participação era tida como a de qualquer outra pessoa que se interessasse por conhecer a igreja. Quando avancei a pesquisa para realizar entrevistas com os pastores, começaram as dificuldades.

Em primeiro lugar, todas as entrevistas marcadas, tanto as que foram bem sucedidas quanto as que não foram, sempre tiveram como lugar escolhido para os pastores para realização da entrevista, a própria igreja, mesmo que eu sempre sugerisse a possibilidade de marcar em outros lugares, e sempre citasse a possibilidade de eu ir na casa deles para realização das entrevistas. Inicialmente, pedi entrevista para o pastor presidente da igreja, que disse que iria me dar entrevista, mas não marcou data. Quando insisti, e marcamos data, o pastor não me passou qualquer contato pessoal e no dia marcado, quando chamei à porta de sua casa (nos fundos da igreja) ele não estava preparado e desmarcou a entrevista, que disse ter esquecido. Remarcamos, e novamente não obtive contato pessoal (telefone, email). Duas vezes mais o pastor desmarcou a entrevista no dia e hora marcados. Na quarta vez, quando marcou a entrevista para logo depois da escola dominical, ele saiu antes do fim. Não insisti em buscar entrevista com ele após isso.

O pastor vice-presidente foi mais solícito, marcou a entrevista uma vez, desmarcou com antecedência mas na segunda data marcada encontramos na igreja e fizemos a entrevista. Ele não teve problemas em me passar o número de celular.

Além disso, algumas vezes ele falou com seu pai que a entrevista seria importante pra mim “por causa de nota da escola”, e que ele deveria fazer a entrevista.

Um outro pastor entusiasticamente aceitou o convite à entrevista, e logo na primeira vez que marcamos, realizamos a entrevista (Pastor Bruno). Uma pastora que pedi entrevista marcou e desmarcou (em resposta à minha mensagem de confirmação da entrevista, mas apenas respondida alguns minutos antes do horário marcado) a entrevista duas vezes antes de, na terceira vez, afirmar que, como todas as vezes que marcava comigo algo acontecia, que ela não iria marcar mais. Disse que esperaria ter mais tempo para me avisar. Assim, ela se responsabilizou de entrar em contato comigo para marcar a entrevista, ao invés de mim. Interpretei isto como uma recusa de fazer entrevista, e pedido de que eu não insistisse mais. A mesma coisa ouvi da pastora esposa do presidente da igreja quando lhe pedi entrevista.

Outros dois pastores também marcaram entrevistas mas, mesmo recebendo mensagens pedindo confirmação¹⁸, faltaram sem aviso prévio. Apenas coube uma série de desculpas posteriores. Um destes pastores, por fim, me concedeu de fato a entrevista, o pastor Carlos.

Uma quarta entrevista me foi concedida por um pastor de outra igreja, que fica no mesmo bairro. Salvo pequenas variações de menor importância, o funcionamento desta outra igreja não se distancia da primeira. Assim, me concentrarei em descrever a igreja que estudei por mais tempo.

As observações de campo foram feitas, na primeira igreja, desde Agosto de 2016 até Novembro do mesmo ano. Depois, só pude retornar ao trabalho de campo em Agosto de 2017, após cumprir as obrigações curriculares do mestrado, e então encerrei minhas observações em Fevereiro de 2018. Em outra igreja, tive contato em menor período de tempo, apenas entre Fevereiro e Março de 2018. No anexo 2 deste trabalho, incluímos uma tabela contendo todas datas em que as entrevistas que realizamos ocorreram, utilizando-nos de nomes fictícios para os pastores com a finalidade de preservar a identidade dos entrevistados. Os pastores citados a partir de observação de campo ou citados pelos pastores que deram entrevistas também são representados com nomes fictícios.

Os trabalhos de campo foram acompanhados por anotações em caderno de campo em muitas situações mas, como isso era bastante inconveniente, algumas vezes preferi fazer as anotações somente ao chegar em casa e em muitas vezes não fiz qualquer anotação, dada a falta de novidades que julgasse relevantes. Ainda

¹⁸ Enviei mensagens através de um programa para celulares popular e que permite ao autor da mensagem saber quando a mensagem foi enviada, quando foi recebida no outro telefone e quando ela foi lida pelo interlocutor.

que neste período eu não tenha freqüentado todos os cultos da igreja, mas apenas participado de forma esparsa, as informações novas rapidamente se esgotam, e acredito que todo o tempo de acompanhamento dos cultos tenha sido muito superior ao necessário para levantamento das informações pertinentes ao meu objeto de estudo. A extensão deste período se deveu principalmente à impossibilidade sucessiva de realização de entrevistas, que demandavam novos esforços para conseguir alguém que aceitasse ser entrevistado(a). Cabe notar que, quanto ao material das entrevistas, não obtive entrevista do presidente da igreja, e também não obtive entrevista com pastoras mulheres. Estas ausências, portanto, colocam uma limitação quanto aos dados que procuramos minimizar com a complementação da observação participativa.

Os dados dos pastores que foram entrevistados podem ser conferidos na tabela a seguir:

Entrevistado	Cor/Raça	Idade		Profissão
Pastor Antonio	Branco/Pardo	46		Autônomo (segurança automatizada)
Pastor Bruno	Pardo/Negro	25		Linha de produção
Pastor Carlos	Negro	24		Segurança automatizada
Pastor Daniel	Negro	43		Pensionista/bico construção
Entrevistado	Motivo da conversão	Ano de conversão	Idade na conversão	Escolaridade
Pastor Antônio	Família	1995~1997	25~27	Médio completo
Pastor Bruno	Criminalidade	2012~2013	19~20	Fundamental completo
Pastor Carlos	Família	2009	15	Médio completo
Pastor Daniel	Criminalidade	1992	18	Fundamental completo

4. As igrejas e os pastores

4.1. O funcionamento típico da igreja

O Guarani é um bairro localizado no sul da Regional Norte de Belo Horizonte. Seu loteamento foi feito na década de 1940 em área que era ocupada por fazendas, matas e chácaras na região da Bacia do Ribeirão do Onça, pertencente, até 1948, ao município de Santa Luzia e depois incorporada a Belo Horizonte (RIBEIRO, 2011). Durante um período, a indefinição sobre à qual município esses bairros estavam ligados adiou o acesso da população aos serviços públicos. A primeira obra de impacto para o acesso à região ocorreu com a abertura de uma estrada para Santa Luzia, mas o processo de urbanização começou mesmo após a pavimentação da Avenida Waldomiro Lobo, avenida principal de acesso do bairro, somente na década de 1980, após a reivindicação organizada por parte da população. Uma cartilha do Arquivo Público de Belo Horizonte documenta que:

“Outro importante incentivo para a ocupação dessa parte sul da Regional Norte foi a instalação, em 1937, do Matadouro Modelo (onde hoje se encontra o bairro São Paulo, na Regional Nordeste). Uma vila operária foi criada para abrigar as famílias dos funcionários do matadouro. Rapidamente, a região próxima foi invadida e outras vilas se formaram em seu entorno, dando origem aos bairros Primeiro de Maio, Providência e Minaslândia, entre outros. Empresários e novos moradores apostavam que o Matadouro levaria desenvolvimento para a região, garantindo-lhes o conforto com bondes, água encanada, etc. Os anúncios de lotes diziam que os terrenos eram os de maior futuro na capital. Mas o que aconteceu que esses bairros foram ocupados mesmo sem infraestrutura no local. Com a desativação do matadouro e a implantação de várias indústrias em Santa Luzia, novos loteamentos foram feitos e imediatamente ocupados” (RIBEIRO, 2011, p.22).

O bairro, hoje, possui um desenvolvimento comercial diversificado e atrai pessoas dos bairros próximos, que buscam ali o comércio e a prestação de serviço da região, ainda que seja ocupado nas outras ruas majoritariamente para fins residenciais. Na Av. Waldomiro Lobo, via majoritariamente inclusa no bairro Guarani, concentra-se a maior parte do movimento comercial e de prestadoras de serviços, bares, supermercados e bancos.

Além dessa avenida, há uma outra avenida de acesso, a Avenida Saramenha, que divide o bairro com outro. A movimentação do bairro se concentra nas avenidas principais na maior parte do tempo. Há presença de vendedores ambulantes nas avenidas, embora em horários e dias específicos. Durante a semana, há movimento de pessoas e carros concentrado nas avenidas desde o nascer do sol até o horário

em que muitas pessoas retornam do trabalho, o que acontece por volta das 18 ou 19 horas.

Após isso, pode-se perceber grande fluxo de pessoas andando pelos bairros carregando uma bíblia – marca visível de que se trata de um evangélico indo à igreja ou dela voltando – por volta das 19 horas até 19:30, o que ocorre principalmente às quartas feiras e sextas feiras. Nas quarta-feiras e nos domingos, as saídas das igrejas também causam uma movimentação relativa de pessoas, mas pelo horário avançado e pelas pequenas divergências entre os términos dos cultos nas diferentes igrejas, a movimentação é menos perceptível. Nas sextas feiras, há uma movimentação maior de pessoas no bairro em decorrência dos bares, carros de venda de cachorro quente, entre demais serviços de lanches que são mais frequentados no dia. Algumas vezes, quando eu saía dos cultos, podia ver outras igrejas abertas ou fechando, com as pessoas voltando pra casa. Outras vezes – quando o culto demorava alguns minutos a mais – as ruas estavam bem mais vazias, e me traziam o receio de voltar pra casa a pé. Mais de uma vez ouvi dos fiéis relatos de casos em que foram assaltados na rua ao voltar para casa do culto.

O movimento gerado em decorrência dos cultos das igrejas não deve, no entanto, ser supervalorizado, apesar de perceptível e marcante, ele é breve e não me pareceu – embora eu careça de dados mais robustos pra sustentar isso – alimentar o comércio de forma significativa. Além disso, reitero, toda minha observação sobre o deslocamento das pessoas para os cultos é limitada à minha observação das pessoas carregando suas bíblias, mas nem sempre as pessoas vão aos cultos carregando uma bíblia – embora a maioria o faça – e nem sempre as pessoas vão a pé às igrejas, embora me pareça que esta seja a forma mais comum.

Há presença notável de diversas igrejas batistas e pentecostais em vários pontos do bairro, em contraposição à presença de uma única igreja católica, em uma rua paralela à via principal Detalharemos melhor as igrejas do bairro em breve. Na Avenida Waldomiro Lobo, pode-se encontrar desde pequenos comércios diversos cujos donos são antigos proprietários que sobrevivem de seu comércio, até bancos, supermercados de grandes redes e algumas lojas de grandes franquias. O cenário criado pela diversidade destes estabelecimentos compõe um mosaico de grandes comércios com fachadas recentes, algumas vezes padronizadas com as franquias, muitas vezes com apresentação ou design próprio, que são intercalados com

comércios de porte médio e inclui algumas fachadas precárias, mas encontra-se também alguns prédios sem pintura dos lados (apenas nos tijolos ou no reboco), calçadas irregulares e portões velhos, desgastados pela ferrugem. Nem toda a avenida é composta de comércio, há também residências, ainda que em menor quantidade.

Nessa avenida, ao lado de uma loja de roupas, seguem-se dispostos quatro portões com cerca de dois metros e meio cada um, com muros de frente diferentes. Todos eles têm em comum um mesmo proprietário (ou mesmos proprietários – a informação é dúbia mas voltaremos à isso em breve). À frente dos três primeiros portões ergue-se a uma altura maior, até um segundo andar. Neste segundo andar localiza-se uma igreja. O primeiro muro é formado por azulejos de pequenos quadrinhos verdes que sobem até o segundo andar. Na parte do segundo andar têm-se uma janela retangular, mas que carece de azulejos na parte de cima, no que seriam partes arredondadas de cima de duas janelas. Não há vidros, ali, no entanto. Há tijolos sem pintura. A aparência é que havia duas janelas que foram retiradas para dar lugar a uma só janela quadrada e que se preencheu de tijolo o espaço restante, sem se pintar ou fazer reboco nestas partes.

O segundo portão (de comércio – daqueles que se abre de baixo para cima) pode ser aberto independentemente em cada uma de suas metades. Na segunda metade, ao ser aberto (o que ocorre apenas alguns minutos antes de começar o culto e se estende até o final dos cultos) dá acesso à escada que leva ao segundo andar, onde se encontra a igreja. A frente desta parte é pintada de branco até o fim do primeiro portão. A cor da tinta vira rosa para depois se tornar verde e então, rosa novamente; as mudanças das tintas não são regulares. No segundo andar há uma placa, já bem desbotada, onde ainda se consegue ver o nome da igreja e o horário e dia dos cultos. No centro da placa, um símbolo relacionado ao nome da igreja. Acima da placa, há outra janela que carrega uma pequena placa afixada em um canto onde se lê “Aqui tem cura espiritual”.

O terceiro portão abre-se durante o dia e é ocupado por uma loja de flores. A frente é azul até um pouco acima do portão, depois toma espaço um rosa, que se torna outro tom de rosa. As mudanças das cores não acompanham as mudanças das cores do lado que descrevi anteriormente. O último portão é mais alto que os

outros mas sua frente é menor, ele não tem um segundo andar. A cor é única, azul claro.

Em toda a fachada, há alguns pequenos buracos superficiais e algumas partes em tijolo, sem pintura ou acabamento. Nenhuma janela tem acabamento à sua volta, são pedaços da parede mais ou menos expostos sem pintura. Não há brechas, mas não é uma fachada esteticamente bem composta. Na frente da parede, há um cano que passa exposto vindo do segundo andar até a rua. A telha acima dos dois primeiros portões é de alumínio e inclinada, enquanto a telha sobre o terceiro portão parece ser de barro. A telha sobre o quarto portão (onde não há segundo andar) é de alumínio, mas diferente das outras.

Ao lado da escada que dá acesso à igreja está um espaço correspondente ao que bem poderia ser uma pequena loja que estimo ter aproximadamente 20m², e que antes era ocupado pela igreja. Este espaço recebeu uma placa indicando que está disponível para locação em meados do ano 2017. A casa do presidente da igreja e sua esposa (também pastora) fica nos fundos. Um filho do pastor-presidente que também é pastor desta igreja também mora ali com sua esposa e filhos.

No segundo andar localiza-se a igreja, propriamente, que estimo ter aproximadamente 60m². Perto da entrada (que acessa a parte de trás) há dois banheiros. As cadeiras (devem ter perto de 60 cadeiras) são de plástico e um corredor central separa elas entre os lados esquerdo e direito. No corredor central há um tapete vermelho que se estende do altar até quase a parede de fundo da igreja. Na parede de fundo há as janelas que podia ver desde o lado de fora, na rua. Além da estrutura física (altar, púlpito, uma grande cortina branca ao fundo do altar) a igreja tem uma bateria, caixas de som, violão e alguns microfones, que acredito serem da própria igreja. Ao lado do altar há uma mesa que sempre está coberta por um pano. Na parte do fundo da igreja, onde sai a escada, há, de um lado, uma mesa de som usada para controlar a qualidade do som de microfone ou para colocar músicas de fundo (recurso nem sempre utilizado) durante as pregações. Do outro lado, há uma mesa de plástico que, como a da frente, sempre está coberta por um pano.

As paredes tem uma pintura simples, embora bem conservada, diferentemente do estado das paredes do lado de fora. A parede interna do lado direito é de madeira compensada mas tem a mesma pintura do resto da igreja. Em

ambos os lados, as paredes tem caixas de som, e na parte esquerda alguns ventiladores, que raramente são ligados, mesmo em dias quentes (presenciei uma vez uma pastora ligando os ventiladores e se justificando para o pastor-presidente que seria por pouco tempo, e que estava muito quente).

No esquerdo, há uma porta de metal que dá acesso a uma escada para baixo; ao fundo, em um canto, também há um porta que dá acesso a uma escada para baixo. Não tive acesso a nenhuma delas, mas sei que elas dão acesso à casa do pastor-presidente.

Na parede do fundo existe também um mural bem pequeno, com cerca de 50cm de largura, que nunca vi sendo usado, salvo para uma ou outra mensagem vaga cravada ali trazendo poucas palavras sobre um tema como “paz” ou com uma citação bíblica. Estas mensagens podem ficar ali por meses antes de serem retiradas. Os anúncios da igreja não são, definitivamente, feitos por meio do mural, em via escrita. De outro modo, eles costumam ser feitos verbalmente ao final dos cultos por algum pastor.

Na hierarquia da igreja, há uma divisão de funções para as quais são dadas títulos diferentes. Um dos pastores é o presidente da igreja, um deve ser o pastor vice-presidente da igreja e há ainda uma secretária. O pastor presidente da igreja, com auxílio do pastor vice-presidente, tomam as decisões e autorizam ou proíbem qualquer ato dos pastores que seja feito em nome da igreja. Como caráter mais auxiliar das tarefas gerenciais mais rotineiras, e com menor poder decisório, há a secretária da igreja, e caso a secretária não seja a esposa do pastor, ela (mesmo sem títulos) também assume funções de amparo às tarefas gerenciais do pastor presidente da igreja.

Alem destes pastores, há os demais pastores cooperadores e missionários. Os pastores são aqueles que predominantemente têm função fixa na igreja, enquanto os missionários têm função majoritariamente associada às visitas e à abertura de novas igrejas. Há ainda também os evangelistas, que do ponto de vista prático desempenha as mesmas funções do missionário.

Os serviços auxiliares de manutenção das pregações são desempenhadas pelas obreiras (que são predominantemente mulheres), diáconos e presbíteros. Geralmente, as pessoas que recentemente aceitaram Jesus e demonstram desejo de ajudar na igreja, mas se restringem mais às tarefas de limpeza e apoio emocional

às pessoas na própria igreja, sem realização de visitas em outros lugares, tornam-se obreiras. A escalada na hierarquia apenas ocorre depois que a pessoa demonstra ter “agregado novos dons” realizando tarefas interpretadas como pertencentes à outras funções, como fazer visitas ou pregações. Diáconos e presbíteros também desempenham tarefas de caráter auxiliar aos pastores, mas estiveram menos associados às tarefas de limpeza, nas minhas observações.

Por sua vez, geralmente, homens e mulheres que “demonstram o dom de cantar”, e assumem posição no grupo de louvor – uma espécie de banda da igreja – recebem o título de Levitas.

O funcionamento da igreja é restrito a certos dias, em horários específicos. Os cultos, como informa a placa do lado de fora, ocorrem sempre às quartas-feiras, sextas feiras e domingos, sempre às 19:30. Quando comecei a freqüentar a igreja para o trabalho de campo, em meados de 2016, havia ainda a escola dominical no domingo às sete horas da manhã. O pré-batismo ocorria no domingo também, mas sua ocorrência depende de que tenham pessoas para participar dele. No final de 2017, os pastores decidiram mudar a data da Escola Dominical para as segundas feiras às dezenove horas, justificando que havia pouca frequência nela apesar de que, normalmente, as igrejas pentecostais anunciam suas escolas dominicais no domingo. O estudo de pré-batismo continuou por duas semanas acontecendo no domingo, mas depois mudou também para a segunda feira, e passou a acontecer ao mesmo tempo em que ocorre a escola dominical.

A escola dominical

A escola dominical segue normalmente a seguinte ordem: cerca de dez minutos antes do horário marcado, o pastor presidente (ou algumas vezes o pastor vice presidente) abre a porta da igreja. Uma das obreiras costuma chegar antes e limpar a igreja, algumas vezes, vi, na ausência de obreiras, o pastor presidente ou o pastor vice presidente varrendo ou lavando o chão da igreja. As pessoas vão chegando e entrando na igreja e se sentam. As cadeiras costumam ser acomodadas em um canto da igreja que pode ser na parte da frente ou do fundo, mas a organização dessas cadeiras somente foi feita, nas vezes que presenciei, por uma obreira ou missionário, algumas raras vezes pelos pastores. Os fiéis não costumam pegar mais do que a sua própria cadeira, caso esteja faltando lugar.

Os pastores decidem quando o estudo irá começar, geralmente discutindo entre si se o público já está de bom número ou se devem esperar mais pessoas chegarem. O público não é muito numeroso, constando geralmente de um grupo de seis pessoas. As fiéis que freqüentam o estudo bíblico são duas ou três e são sempre as mesmas, percebi que elas são também freqüentadoras assíduas dos cultos. Um missionário é freqüentador destes estudos, além dos pastores, mas não vi a presença de homens que não fossem aqueles com títulos (ou seja, nunca vi fiéis homens) nestes eventos.

Antes de começar o estudo, ficam todos de pé e o pastor presidente ou o pastor vice presidente faziam uma oração breve cujo conteúdo era sempre o de abençoar as pessoas que ali estavam, o estudo que aconteceria, ou que “despertasse” as pessoas que estavam em suas casas e as trouxesse para lá, o mesmo conteúdo das orações que abrem os cultos, mas ocupando um período menor de tempo. Um pastor ou pastora é escolhido na hora, pelo pastor presidente ou pelo pastor vice-presidente, na ausência do primeiro, para guiar o estudo. Quando não há outros pastores, o pastor vice presidente toma para si a função de guiar o estudo, mas algumas vezes, mesmo na presença de outros pastores, o vi sendo o guia também. A pessoa escolhida para guiar o estudo procede lendo o material e ocasionalmente pedindo para que alguma outra pessoa leia algum trecho do material. O material usado – ao qual todos possuem um exemplar – é a publicação trimestral de nome “Lições Bíblicas”, produzido pela editora Casa Publicadora das Assembléias de Deus, conhecida pela sigla CPAD, para subsidiar escolas dominicais, que é encontrado facilmente nas livrarias evangélicas¹⁹.

A leitura costuma ser lenta, principalmente porque, com a exceção do pastor vice-presidente, todos lêem lentamente, pronunciando cada sílaba por vez, até formar uma palavra. Muitas vezes cometem equívocos no processo, lendo outra palavra, podendo inclusive mudar completamente o sentido do que era o texto originalmente. Isso não parece fazer muita diferença, porque depois da leitura, o

¹⁹ Mas ressaltamos que as igrejas estudadas por nós não fazem parte da Assembléia de Deus ou de outras denominações. Tratamos aqui das igrejas de pequeno porte, da “*constellation pentecôtiste*” Oro (2006), que têm outra estrutura e modo de funcionamento. O uso do material publicado pela Assembléia, no entanto, denota certa marca importante do íntimo relacionamento que estas igrejas mantêm com as denominações maiores. Outras formas como esta relação é mantida são através dos convites dos pastores de algumas igrejas para fazerem pregações nas outras, que inclui contato interdenominacional, e através do percurso de formação dos pastores, que inclui muitas vezes incursões por outras igrejas, como iremos mostrar mais detalhadamente em breve.

pastor ou pastora responsável por guiar o estudo fazem comentários sobre aquele trecho lido, nem sempre o comentário tem relação com o que foi lido. Na maior parte das vezes, o comentário começa com uma concordância, algum comentário ou interjeição (como “é verdade!”), que são usados para fazer uma conexão entre o que foi lido e o comentário que decorre. O comentário, então, muitas vezes é um relato de alguma situação que o pastor ou pastora viveu ou ouviu, pode ser uma explicação do que foi dito com repetição das palavras usadas no material de estudo ou, muitas vezes, se limita à leitura dos trechos bíblicos que foram referenciados durante o texto lido. Nesses casos, a pessoa que guia o estudo pede para que alguém leia, na Bíblia, os versos que foram citados durante o texto. Após isso, retorna-se à leitura da publicação da CPAD.

Não raras vezes, os pastores afirmaram durante o próprio estudo que já se utilizaram daquele material para preparar uma pregação ou indicaram intenção de preparar uma pregação com base no mesmo material. Em algumas ocasiões, citaram o dia em que realizaram uma pregação inspirada no material. Os pastores falam isso para todos, mas normalmente voltados para outros pastores, sinalizando suas estratégias de preparo da pregação para os outros, que por sua vez comentavam sobre as suas próprias estratégias, comparando, geralmente para dizer que também faziam da mesma forma, valendo-se daquele material.

Algumas vezes as fiéis tomavam a voz para comentar sobre algum caso de suas vidas relacionado ao que foi lido, diziam (mas quase nunca isso se verificava). Salvo nessa situação (bastante frequente) e para ler os trechos que eram pedidos pelos pastores, não era costume que elas tomassem a voz durante o estudo. Ao final do estudo, com todos de pé, faz-se uma oração de encerramento que é bem breve. Depois disso, algumas vezes as fiéis aproveitavam alguns minutos para conversar com os pastores, as conversas aqui eram breves e geralmente tratava-se de comentar sobre algum outro membro da igreja, perguntar sobre a ausência de alguém, ou pedir algum conselho.

O pré-batismo e a passagem pelas águas

Ao mesmo tempo que ocorre a escola dominical, têm vez também o encontro para estudo de pré-batismo. O pré-batismo ocorre também na igreja, distanciado

apenas pela colocação das cadeiras em um canto diferente da igreja. Assim como a escola dominical, começa-se com uma oração, feita com todos de pé e com as mãos dadas. O pré-batismo é um estudo destinado às pessoas que pretendem se batizar. Nesta igreja, o pastor Bruno afirma que não é possível se batizar sem passar pelo estudo de pré-batismo antes. O estudo de pré-batismo segue um funcionamento muito parecido com o estudo dominical, mas utiliza um material diferente, que é obtido pela reprografia do material do pastor responsável. O pastor que ministra este estudo é sempre o mesmo, o Pastor Bruno, e a sessão tem duração prevista de uma hora, mas costuma terminar com esse tempo ou menos. O tempo previsto para o estudo da escola dominical é também de uma hora, mas costuma atrasar um pouco mais para se iniciar (para dar tempo de mais pessoas chegarem) além de atrasar um pouco na sua duração também, de forma que seu término é posterior ao do pré-batismo, na maioria dos casos.

O pré-batismo, durante as vezes em que participei, contava, além da presença do pastor Bruno e de mim, com a presença de duas pessoas. Uma terceira freqüentou a sua primeira vez, mas não voltou mais (isto depois de ter se impressionado ao saber, pelo pastor, que levariam três meses de estudo para estar apta a se batizar – o que pode ter sido um motivo para isso).

O pastor Bruno começa o pré-batismo sempre pedindo para que alguém lhe lembre a parte que foi vista na última semana. Seguindo o material, lê algum trecho, ou pede que alguém leia alguma parte para depois comentar algo sobre aquilo, quase sempre exemplificando com casos de sua vida. O pastor Bruno, como discorreremos em mais detalhes em parte específica para isso, envolveu-se com o uso de drogas e quase “assinou o tráfico”, conforme relatou. A igreja apareceu como uma opção de ruptura de uma forma de conexão com as pessoas que comercializavam drogas e pessoas que, por motivos não muito bem esclarecidos pelo pastor, queriam e tentaram algumas vezes lhe matar. Sua história de vida é usada por ele para exemplificar como o compromisso com a igreja representou um caminho melhor para sua vida e, assim, justifica que pode ser também para a vida de todos.

O relato pessoal do pastor intriga a curiosidade dos dois jovens que participam do estudo, que sempre fazem perguntas mais detalhadas sobre os casos que ele narra, em que sua vida esteve em risco, e sobre quais tipos de drogas que

ele usava. Ambos os “estudantes” parecem não conhecer efeitos das drogas (que perguntam como é) e nem mesmo ter contato com um “mundo do crime”²⁰ como teve o pastor Bruno. O pastor atende aos pedidos e conta alguns detalhes sobre como era sua vida, conta sobre quando foi espancado por um grupo de pessoas até quase a morte, sobre quando foi pego pela polícia e sofreu violência e ameaças por parte dos policiais (de incriminá-lo por uma quantia de droga muito maior do que a que ele efetivamente portava), de quem lembra com felicidade por não terem cumprido suas ameaças (não cumpriram, segundo ele, por intervenção de Deus), e reforça que essa época foi de muitos riscos e de como ele era mal visto pelas pessoas à sua volta. Ele conta que recebia apelidos, por parte dos vizinhos, que estigmatizavam seu uso de drogas, e conta que após se tornar pastor, todos o tratam com respeito e lhe chamam agora somente de pastor.

Durante o estudo de pré-batismo, o pastor ensina sobre o comportamento esperado das pessoas pela igreja. Usando relatos de sua própria vida ou de pessoas conhecidas, instrui sobre a proibição de fumar, beber ou usar drogas. Instrui sobre a necessidade de se afastar de comportamentos reprováveis como a prostituição (e como exemplo, considera o uso inadequado de roupas curtas por parte das mulheres). O pastor, ao se referir às proibições, ou às recomendações de comportamento, o faz como conselhos para que as pessoas se preparem para o batismo e para a nova vida que devem ter depois disso. O período de pré-batismo, é considerado assim, um tempo em que se deve trabalhar na adaptação às novas exigências de novos comportamentos. O pastor conta, por exemplo, que durante o pré-batismo ele tentava, sem sucesso, parar de fumar, e que o pastor presidente da igreja lhe avisava que não iria batizá-lo se não parasse de fumar. Ele conta que uma semana antes do batismo ele conseguiu parar e depois disso nunca voltou a fumar.

O estudo de pré-batismo é encerrado com uma breve oração, e, às vezes, os fiéis se valem da presença do pastor para chamá-lo em algum canto e conversarem ou pedirem conselhos sobre algo. Nas vezes em que o pré-batismo termina antes da escola dominical, o Pastor Bruno se junta ao outro grupo para participar de uma parte da discussão.

²⁰ Gabriel Feltran (2008) usa o termo “mundo do crime” para se referir ao “conjunto de códigos e sociabilidades estabelecidas, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos e furtos” (p.93).

Antes do batismo, a mudança comportamental esperada para aqueles que pretendem fazer parte da igreja segue uma seqüência de etapas. Primeiro, é preciso que a pessoa conheça a igreja. Nesse momento, normalmente levada por outra pessoa para lá, sob o intuito de conhecer a igreja, ela assiste a alguns cultos. A partir disso, espera-se que em algum momento ela busque afinidade com a igreja ao “Aceitar Jesus”. “Aceitar Jesus” é o termo utilizado pelos pastores pra designar a pessoa que vai à frente da igreja em momento específico (sempre que há pessoas novas na igreja, os pastores fazem a pergunta sobre se alguém ali presente quer aceitar Jesus, e informam que não se trata de mudar de religião, mas apenas de aceitar um novo compromisso com sua vida), a convite dos pastores, e afirma que quer aceitar Jesus. Essa fase não equivale ainda ao batismo, que sob a linguagem própria utilizada pelos pentecostais é chamada de “passagem pelas águas”. Embora os pastores também utilizassem comigo o termo “batismo”, de forma intercalada com a “passagem nas águas”, nos cultos se referiam exclusivamente ao ato de passar pelas águas, em detrimento do uso do termo “ser batizado”.

Assim como os membros da igreja (ie, aqueles que já passaram pelas águas), as pessoas que freqüentam a igreja pelas primeiras vezes são recebidas pelos pastores, diáconos, missionários e obreiros que vão conversar com elas pessoalmente. Costuma-se desejar-lhes boas vindas. Ocorre que quando há mais de uma, os pastores mencionam a presença de novos visitantes durante o culto e pedem que levantem as mãos e desejam-lhes em público as boas vindas.

O período posterior à aceitação de Jesus que precede a “passagem pelas águas” é considerado um período em que a pessoa reconhece um arrependimento e busca praticar e se adequar às novas condutas. Assim, aqueles que são usuários de drogas, cigarros e álcool por exemplo, devem reduzir seu consumo buscando a extinção completa do ato antes de poderem se batizar, o sexo sem compromisso mútuo de casamento entre as partes e a masturbação devem ser evitados, em suma, as antigas práticas da pessoa que são consideradas proibidas pelas normas de conduta da igreja devem ser mitigadas até que se adapte às regras da igreja. Neste período, pressupõe-se que o fiel fará o estudo de pré-batismo.

O batismo, por sua vez, é o momento em que não há mais tolerância com a permanência dos antigos costumes. Um pastor, por exemplo, contou-me como o pastor presidente da igreja o ameaçava durante seus estudos de pré-batismo de se

recusar a batizá-lo caso não parasse de fumar até o dia do batismo. O pastor afirma só ter parado de fumar cerca de uma semana antes do dia de seu batismo. Após a “passagem pelas águas”, o fiel passa a ser parte dos “membros” da igreja e passa a seguir as regras do estatuto da igreja. O estatuto é um documento de caráter interno que é elaborado, geralmente na fundação da igreja, por um advogado responsável pelo registro formal da igreja ou por um conselho de pastores que traz, entre outras informações, os direitos e os deveres atribuídos aos membros. Nesse documento, encontra-se por exemplo a vedação dos direitos dos membros sobre a propriedade dos bens e receitas da igreja, votar ou ser votados para que exerçam alguma função na igreja (embora em toda minha observação e dados das entrevistas não tenha encontrado eco para esta prática), e a punição de desligamento da igreja para os que violarem uma série de proibições (como o “homossexualismo”, o “lesbianismo”, a fofoca, a bebida alcoólica e o uso de entorpecentes).

Os cultos

Os cultos nesta igreja acontecem nos dias de quarta feira, sexta feira e domingo, às 19:30. Durante o tempo que frequentava a igreja, perguntei para diversos pastores e pastoras sobre as diferenças entre os cultos de cada dia. Quando a minha pergunta era formulada desta forma, referindo-me às diferenças entre os cultos de cada dia em conversa informal na igreja, sempre me informavam que nas sextas feiras tem espaço o *culto de libertação*, que todos dizem ser “mais forte” e no domingo, tem espaço o culto da família. O “culto de libertação” é um nome dado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) para os cultos de sexta feira. Com a expansão das religiões chamadas de neopentecostais, cuja IURD é uma das mais conhecidas, as igrejas pentecostais incorporaram novos formatos importados das neopentecostais, dentre eles, parecem ter importado o “culto de libertação” nas sextas feiras. Ronaldo de Almeida (1996, p77), lê o “culto de libertação” da IURJ, “como uma inversão simbólica dos rituais encontrados no terreiro”, na medida em que eles reconhecem a veracidade da Umbanda e do Candomblé, mas afirmam sua incapacidade de resolver os problemas da vida, e reforçam, por outro lado, o sentido de que há uma capacidade dos rituais destas religiões em gerar tormentos. Almeida (2009), explica, ainda sobre a IURD:

Os cultos dedicados ao exorcismo são realizados às sextas-feiras, dia da 'corrente de libertação' do diabo e de sua ação sobre a vida dos fiéis. É interessante notar que a reunião é realizada na sexta-feira, dia associado pelo senso comum aos rituais da Umbanda e do Candomblé. Não se trata, porém, de mera coincidência. A Igreja Universal dedicou propositalmente, segundo declaração dos próprios pregadores, esse dia à 'libertação' dos espíritos malignos que habitam os terreiros dessas religiões (ALMEIDA, 2009, p.67).

O autor ressalta ainda que nos panfletos que são usados para divulgação dos cultos das igrejas podemos encontrar uma ementa do tema que será tratado em cada reunião. No entanto, afirma ainda o autor, não são somente os cultos de sexta-feira que se dedicam à libertação, mas, no caso da IURD, há também essa temática perpassando os programas de rádio e televisão sustentados pela igreja. No caso das igrejas pentecostais, não há participação através da mídia em massa, mas a libertação e exorcismo foram constantes nos relatos das visitas²¹ que os pastores ou missionários fazem às casas, hospitais e prisões.

Nas igrejas pentecostais com que tive contato, o culto de quarta-feira não tem nome específico. Quando perguntei, em entrevistas, sobre as diferenças para preparar a pregação de cada culto, me afirmaram que não existiam diferenças. O preparo era igual e as pregações eram iguais, à exceção de que na sexta-feira, o culto era mais forte. Pedindo para um pastor me explicar o que isso significava, se suas atividades no culto eram diferentes, ele afirmou unicamente que, como a sexta-feira era mais forte, a possibilidade de manifestação de demônios era maior, e que isso exigia uma que os pastores realizassem jejum. Fazer jejum explicado pelos pastores como o ato de fazer um sacrifício da carne para se fortificar no lado espiritual. Esse sacrifício é feito por meio da privação de comida durante o início da manhã, ou seja, atrasa-se o café-da-manhã, que não é feito logo após acordar, mas em horário que pode ser às 10, 11, ou até 12 horas – não há, no entanto, um critério muito específico; minhas perguntas sobre como era feito o jejum tinham respostas vagas. O jejum, portanto, é tratado como uma privação que depende unicamente da experiência pessoal com a privação feita, de modo que ausentam-se explicações objetivas sobre o modo como proceder ao rito. O Pastor Bruno me explicou, que todo culto exige preparação prévia com jejum. De forma que não há diferenças de

²¹ As visitas acontecem após pedido das pessoas para um pastor ou missionário, para que vá à sua casa. Devido ao formato dessa atividade e à falta de abertura dos pastores, não consegui presenciar este tipo de atividade, tendo dados levantados apenas através dos relatos esparsos sobre o tema que obtive nas entrevistas.

preparo dos pastores para os cultos de diferentes dias da semana. Por outro lado, outro pastor entrevistado afirmou não fazer qualquer tipo de jejum.

A organização de cada culto – como começa, como se desenvolve e como acaba – é a mesma em todos os dias da semana, diferindo-se apenas em alguns pequenos detalhes. A quantidade de pessoas presentes nos cultos de quarta feira é, não raro, ligeiramente maior do que a dos outros dias enquanto a manifestação do chamado reteté e da fala em línguas (glossolalia), é mais freqüente nos dias de quarta feira e sexta feira. Os temas das pregações não necessariamente se adéquam ao tema que o nome do culto sugere. Embora algumas vezes se fale efetivamente da família no domingo, isso ocorre de forma esporádica. Os temas dos cultos podem ser dos mais diversos, independentemente dos dias em que ocorrem. Nas sextas feiras, no entanto, invariavelmente serão mencionadas as conquistas almeçadas pelas pessoas em termos de carreira de trabalho, sucesso financeiro ou curas de doenças. Nesses dias, desde o início do culto as pessoas deixam fotos de pessoas, documentos, carteiras de trabalho, entre outras coisas que representem seus pedidos na parte da frente do altar, onde permanecem até o fim do culto. Via de regra, os pastores fazem uma digressão no meio de suas pregações para abençoar os pedidos das pessoas que deixaram coisas ali, o que ocorre sem um rito específico. Apenas mencionam-se a existência de pedidos colocados no altar e pedem, mencionam, sem especificar nenhum dos pedidos, alguma coisa no sentido de pedir que Deus aja para quebrar os obstáculos que impedem que aqueles pedidos se realizem.

A igreja geralmente não abre muito tempo antes dos horários dos cultos, de modo que quando alguém chega antes do horário do culto (o que não é comum), espera no ponto de ônibus que fica em frente à entrada da igreja. Quem abre a igreja é o pastor presidente ou o pastor vice presidente da igreja. O pastor presidente, quando presente, costuma ficar em pé perto do acesso da escada para a igreja, de forma que pode cumprimentar todas as pessoas logo quando entram.

A chegada dos fiéis na igreja é lenta e gradual. O horário de início do culto se adéqua à quantidade de pessoas que já chegaram, muitas vezes atrasando em até dez minutos para que mais pessoas cheguem. A quantidade média de pessoas que frequenta o culto nessa igreja é de aproximadamente 30 pessoas, podendo atingir números um pouco mais altos nas quartas feiras, mas não superando isso em

sextas feiras em domingos. O domingo é o dia em que a igreja geralmente tem menor comparecimento. Nos dias chuvosos, não mais do que 20 fiéis comparecem.

Os fiéis se vestem normalmente de forma casual. As mulheres normalmente usam vestidos ou saias que terminam abaixo do joelho, com exceção das mais jovens, que freqüentemente usam vestidos mais curtos ou calças. Os homens freqüentam de forma bem menos numerosa, e costumam se vestir com calças jeans e camisetas de malha. Se o número de homens entre os membros e visitantes da igreja é minoritário, os pastores são em maioria homens assim como outros cargos. Além dos pastores, a igreja possui outras funções no seu quadro que podem incluir uma diversidade de posições hierárquicas diferentes. Quando perguntei, em entrevista, para o vice presidente da igreja, sobre as pessoas que ocupavam outros cargos, ele me respondeu da seguinte forma:

Pastor Antônio: Aí eu tenho... [pausa] eu tenho... uma missionária e um evangelista. Não, dois missionários... vamo lá... casal, marido, né, e mulher, é... um evangelista e um missionário, são casados. E mais um, mais um missionário à parte, né. Então são dois missionários e um evange... um evangelista, né. E... os demais são obreiros, né. Quando ajuda nós... a gente aqui são obreiros.

Entrevistador: Entendi.

Pastor Antônio: Aliás. Aliás. O... o missionário agora é diácono, e a outra obreira também é diácona, então só tenho um obreiro agora. Então quando eu falei um missionário, ele já é um diácono. E a outra obreira também já é diácona, então só tem uma, uma obreira. Só tem uma obreira (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio).

Sempre que perguntei sobre a quantidade de pastores ou de pessoas nos cargos diferentes da igreja, obtive respostas vagas e imprecisas como esta, sejam as perguntas feitas em entrevistas ou em outros momentos mais informais. A fala do pastor também é bem exemplificativa de como há mobilidade entre estes cargos. Durante o tempo em que fiz a pesquisa de campo, esses cargos estavam sempre em mudanças. Novas pessoas apareciam ocupando certos cargos e outras mudavam de cargos. Na maioria das vezes, a prática não mostra distinção entre as tarefas de cada uma das funções na hierarquia da igreja, somente sendo possível saber o título da pessoa perguntando para ela. As exceções são as obreiras que são identificáveis por usarem um colete amarelo escrito “obreiro (a)” e os pastores.

Os pastores se vestem de forma diferenciada do restante das pessoas. Eles não sobem ao altar sem estarem vestidos com um blazer ou paletó. Algumas vezes vi o presidente da igreja e o vice presidente alternarem o uso de um paletó quando

um saía do altar e o outro entrava. Apenas uma vez vi um homem vestindo paletó entre os fiéis da igreja. O homem era branco e recebeu atenção especial dos pastores que o mencionaram ostensivamente durante o culto, tratavam-no por “doutor” e pelas falas dos pastores tratava-se de um advogado. Salvo esta situação peculiar, apenas os pastores usavam paletós (ou blazers), e eles sempre o usavam, na igreja em que fiz observações participantes²².

Assim que a igreja abre, dá-se início à preparação para o culto. Nesse momento, duas coisas precisam ser feitas e sua ordem não é fixa. Testa-se o som e faz-se uma primeira oração. A oração pode ser feita no microfone, se já foi testado o som, como também sem o microfone ou mesmo silenciosamente. Na maioria das vezes esta oração é feita pelo pastor-presidente, pelo seu filho (o vice-presidente da igreja) ou pela sua esposa, que também é pastora. Nas ocasiões em que a pastora faz a oração no início do culto, ela o faz silenciosamente, ajoelhada no chão e prostrada para o púlpito da igreja. O pastor presidente costuma fazer a oração de joelhos podendo ou não usar o microfone. Algumas vezes um diácono ou missionário(a) também pode fazer esta oração. Apenas uma vez vi uma obreira fazer a oração. Tratava-se da mesma obreira que, no trecho de entrevista citado anteriormente, o pastor faz referência informando que se tornou diácona.

A passagem do som costuma ser breve. Um pastor pega o microfone e repete “glória à Deus” e “aleluia” enquanto outro fica na mesa de som, na parte posterior da igreja, fazendo os ajustes que são pedidos. É destoante como os pastores fazem os pedidos de ajustes do som, e não, como eu esperaria, o grupo de louvor, que é o grupo responsável por tocar as músicas. É dizer, portanto, que não há controle do som por parte dos músicos, mas apenas por parte do pastor que faz o controle do som, que pode ser o primeiro que terá a palavra ou o presidente da igreja, ainda que este não tenha a palavra. Além disso, apenas o microfone é testado nessa passagem de som.

Durante estes preparos iniciais, o pastor presidente, se não envolvido com uma destas atividades, fica na porta da igreja recepcionando os fiéis que ainda

²² Na segunda igreja em que fiz observações, os pastores também se vestiam com “roupas sociais” e sapatos, de modo distinto dos outros membros da igreja. Mas no caso desta segunda igreja, não havia obrigatoriedade de uso de paletó ou blazer para subir ao altar, pelo contrário, nenhum deles utilizava estas vestimentas. Não há, portanto, uma generalização de obrigatoriedade específica com relação à vestimenta dos pastores, mas eles procuram se vestir de forma distinta dos outros membros da igreja.

chegam (a maioria só chega neste momento). Quando o pastor presidente sai da porta, outra pessoa toma a posição, embora normalmente sentado, de ficar na porta cuidado para que as crianças não saiam. As crianças ficam normalmente na parte posterior da igreja, onde não há mais cadeiras, o lugar é próximo da escada de entrada e saída.

Também durante os preparos, alguns pastores chegam à igreja. Os pastores cumprimentam, nesse momento, todas pessoas da igreja individualmente. Também recepcionam os visitantes cumprimentando com a “paz do Senhor” e desejando que “seja bem vindo”. Os membros da igreja não ficam todos sentados. Chegam e andam cumprimentando algumas pessoas ou parando de pé para conversar uns com os outros, mesmo enquanto um pastor faz a oração.

A oração que ocorre no início, seja quem for o responsável por ela, sempre menciona o pedido de que Deus proteja aqueles que estão no caminho para a igreja e intervenha para que os que estão em suas casas possam vir também.

Após a primeira oração, um pastor toma a palavra. Algumas vezes o pastor presidente decide, na hora, quem vai falar, algumas outras vezes existe já um acordo prévio que é decidido pelo pastor presidente da igreja, pelo pastor vice presidente ou pela secretária da igreja e é anunciado para os pastores pela secretária da igreja²³. Mas em uma quantidade expressiva de vezes há um entendimento entre os pastores na mesma hora para decidir quem vai ter a palavra. Neste tempo as pessoas normalmente estão conversando ainda umas com as outras ou não demonstram muita atenção no que acontece na frente da igreja.

Durante esta primeira oratória de um pastor, após a oração, ainda há desorganização e movimentação entre os fiéis. Em cerca de meia hora, o pastor ou pastora encerra a primeira mensagem chamando o grupo de louvor para tocar as músicas. O grupo é composto por um jovem de cerca de 16 anos que toca a bateria, o pastor vice-presidente que toca violão, a esposa do pastor vice-presidente – que durante o período desta pesquisa se tornou pastora – que canta e mais uma missionária que também canta. No período mais recente, há também uma jovem de cerca de 18 anos que também canta. O grupo se alterna podendo tocar sem bateria ou violão e com no máximo duas pessoas para cantar. Na ausência das cantoras do grupo de louvor, um pastor ou pastora canta. A etapa do louvor não é prescindível e

²³ A secretária desta igreja era a esposa do pastor vice-presidente.

nunca deixa de acontecer, mesmo que seja apenas um pastor ou pastora cantando precariamente sozinho (a).

Os pastores e membros não se referem a esta etapa fazendo referência à música ou à musicalidade. Trata-se em termos de “hinos”, “hinos de louvor”, “louvor” ou “adoração”. Esses hinos de louvor são sempre de temáticas relacionadas à religião. Não há um repertório muito grande, a variação dos hinos é pequena, o que facilita a identificação e conhecimento das letras, que são acompanhados pelos fiéis.

Quando o grupo de louvor é chamado à frente, geralmente aqueles que não tomaram seus lugares o fazem. As pessoas são convocadas para ficarem de pé, mas não há insistência quando algumas permanecem sentadas. Antes de iniciar propriamente os hinos - às vezes com uma trilha sonora do violão e bateria mas também muitas vezes sem isso – a ministra ou a pastora que vão cantar passam algumas mensagens com tom da voz diferenciado, que me dá uma idéia de súplica, e trata de uma narrativa de problemas e doenças existentes no mundo, fala-se sobre as drogas, a miséria, a doença, os pecados, a fome, a *lepra*²⁴, a *prostituição*²⁵, e sobre como todos que estão ali na igreja estão livres disso. Diz-se invariavelmente que muitas pessoas gostariam de estar ali mas não puderam sair de casa por causa dos problemas citados, mas que aqueles que estão ali devem agradecer porque não estão em condição tão vulnerável que não possam ir à igreja – cita-se as doenças graves como motivo que impediria.

Após este breve discurso, começa-se a tocar os *hinos*, propriamente, ou seja, as músicas de temática religiosa. As pessoas são encorajadas a cantar, bater palmas e até dançar, a maioria das pessoas participa. Uma das músicas tocadas frequentemente, a participação das pessoas é indicada inclusive através das próprias letras, que pedem para as pessoas cantarem ou dançarem²⁶. Nas outras

²⁴ A lepra tem uma sinonímia própria entre os pentecostais, ela é usada como sinônimo de pecados – estar entregue à lepra é viver uma vida de pecados, longe do Espírito Santo, em uma palavra a lepra é a condição de quem não é batizado.

²⁵ A prostituição também tem uma sinonímia própria dos pentecostais que é bastante peculiar. A prostituição pode significar 1) o sexo sem casamento ou sem um compromisso formal entre as pessoas igualmente aceito pela comunidade, 2) a prática de masturbação ou 3) o desejo sexual do homem por uma mulher pela qual não tem compromisso – nunca vi o termo sendo usado para tratar de forma equivalente aos desejos das mulheres, supõe-se que as mulheres não têm este desejo. Quando usado genericamente, o termo pode possuir todos os significados ao mesmo tempo.

²⁶ As músicas tocadas neste momento são músicas de cantores famosos entre os evangélicos. A música “Vitória do Deserto” de Aline Barros, por exemplo, encoraja as pessoas a seguir as instruções da letra, quando diz: “Por isso eu Pulo, pulo, pulo, pulo, pulo na presença do Rei/Por isso eu danço, danço, danço, danço, danço na presença do Rei/ Por isso eu grito, grito, grito, grito, grito na presença

músicas, os pastores que não cantam acompanham o ritmo da música batendo palmas ou dançando. A maioria dança apenas com o movimento dos corpos de um lado para o outro, mas alguns se movimentam mais, andando pela igreja ou até girando por todo o espaço na frente do altar. O momento também pode ser usado pelos pastores para fazer orações particulares em certas pessoas, a escolha não é requisitada pelas pessoas, e é justificada pelos pastores como sendo uma escolha feita por Deus, que conta para eles quem deve receber oração. As orações podem ser de formatos bem variados, variando normalmente conforme o pastor que realiza. Cada um tem uma forma própria de conduzir a oração.

Em grande parte das vezes, os pastores se aproximam da pessoa e colocam a mão em sua cabeça ou seguram suas mãos, eles fazem a oração falando em ritmo rápido, na maior parte do tempo, podendo diminuir o ritmo em algumas partes. As orações podem ser rápidas com um minuto de duração ou podem demorar até cerca de dez minutos, em casos raros. Os pastores, durante a oração, podem fazer profecias²⁷ para as pessoas, afirmando que determinadas coisas irão acontecer na vida da pessoa, geralmente de forma vaga, mas podendo também tratar assuntos bem determinados. Os pastores sempre usam uma fala ritmada, que se mistura com a fala em línguas – a glossolalia. Os pastores podem também fazer o reteté – pisa-se alternando as pernas, de forma dura, contra o chão – ou andar puxando ou empurrando a pessoa enquanto bate os pés no chão, de modo que a pessoa é forçadamente deslocada a ponto de seus pés saírem do chão, algumas vezes o procedimento faz com as que pessoas também iniciem o movimento de bater os pés no chão.

Assim que um pastor inicia a oração, rapidamente, uma obreira tira as cadeiras de perto da pessoa e se coloca atrás da pessoa com as mãos prontas para segurar. Na ausência de uma obreira, nos casos em que a(s) obreira(s) está ocupada com outra pessoa que recebe oração, ou no caso de pessoas muito grandes (uma das obreiras tem um estatura bem baixa, tendo talvez menos de

do Rei [...]”. Durante estas partes da música, o grupo de louvor pula, dança ou grita conforme a letra instrui, e o restante das pessoas da igreja segue também os mesmos gestos.

²⁷ Uma profecia é um determinada mensagem sobre a vida de uma pessoa, que pode ser de sentido bastante geral (como “espere que o que você está esperando vai acontecer”) ou específico (como “você será pastor”) mas que só é considerado como uma profecia legítima após ser reconhecida como algo que de fato aconteceu. No casos em que não acontece, são consideradas como uma influência maligna ou simplesmente uma “profecia da carne”, isto é, não é considerada como inspirada por Deus. Voltaremos ao tema na seção 5.2, que trata sobre “o chamado”, para abordar as questões relevantes referentes às profecias reveladoras do chamado.

1,5m), o diácono ou um pastor pode tomar a posição atrás da pessoa, em prontidão para casos em que precise de que as pessoas próximas sejam afastadas ou de que se segure a pessoa que recebe a oração.

Esta prontidão de uma pessoa atrás de quem recebe a oração é devida às possíveis reações à situação. Em algumas vezes, a oração é acompanhado por uma seqüência de movimentos corporais da pessoa que podem ser o reteté, podem ser movimentos com as mãos para cima ou para os lados, podem ser a continuidade do movimento para os lados que a pessoa já fazia seguindo o ritmo dos hinos, podem ser uma queda para trás ou uma queda acompanhada de tremor no corpo, nesses casos, a obreira ou o pastor que se encontra atrás da pessoa prontamente segura a pessoa e a coloca no chão e cobre o quadril da pessoa com um lenço branco, a fala em línguas (glossolalia) não é comum entre os membros e visitantes da igreja.

Um pastor, em certa ocasião, comentou comigo e com mais alguns membros freqüentes da igreja, sobre o fato de certas pessoas tremerem exageradamente. Ele disse que “têm gente que é só encostar que começa a tremer e cai no chão”, ele classificou as ações destas pessoas como “da carne”, ou seja, não eram, para ele, legítimas manifestações ligadas ao mundo espiritual. Na mesma ocasião, ele também disse que, quando faz uma profecia, não sabe distinguir sobre se elas são “da carne” ou se são legítimas, sendo a única forma de confirmação, o fato de ela se realizar. Assim, segundo ele, ele faz diversas profecias, que, se forem realizadas, serão verdadeiras e legítimas, mas enquanto não são realizadas, não se pode saber se são da “carne” ou se foram ditas por Deus através das palavras dele. Interessa no momento destacar que as diversas manifestações sejam gestualizadas ou proferidas, que ocorrem durante o culto, não podem ser diferidas, pelas próprias pessoas da comunidade, ou pelo próprio pastor, que é uma referência de alta hierarquia dentro da igreja, entre aquelas manifestações que são legítimas ou não, aquelas que são “do mundo da carne” ou as que são “do mundo espiritual”, ou, mais propriamente, não há método de separação objetivo entre as performances hierofânicas e as performances profanas. Esta ausência de separação dá ensejo aos comentários paralelos e desconfianças entre as pessoas umas sobre as outras. Como não há teste final para decisão sobre as performances que manifestam o sagrado ou as puramente “da carne”, recai sobre a experiência pessoal a validação sobre o que é ou não legítimo.

Almeida (2009) afirma, sobre a IURD, que a “quase ausência de objetos nos templos, que poderiam desempenhar algum papel litúrgico, demonstra que, como veremos, está baseado na oralidade e na performance. Aliás, no limite, qualquer objeto é prescindível para a realização da reunião – inclusive o próprio templo é dispensável” (p.72). A ausência destes objetos, encontra eco nas igrejas pentecostais, inclusive seguindo o mesmo sentido de que tais presenças poderiam ser consideradas como uma “idolatria”, que é uma prática que, segundo os pastores, não condiz com uma “atitude cristã”. Se, deste modo, o papel litúrgico se concentra na oralidade e na performance, por outro lado, a performance também não é rígida e recai sobremodo à experiência pessoal.

Ainda sobre o momento em que o grupo de louvor toca e canta as músicas, cabe notar que por vezes há participação de outras pessoas no canto das músicas. Embora as vocalistas do grupo de louvor sejam fixas, elas anunciam que uma pessoa específica pediu para cantar uma música e chama a pessoa para participar. Uma das vocalistas, então, dá espaço para outra pessoa cantar e a outra acompanha a pessoa convidada. Uma vez também foi dado espaço para uma jovem de uns dezessete anos para que dançasse na frente do altar enquanto o grupo cantava. Como veremos, a participação dos membros e visitantes da igreja não se restringe ao momento de apresentação do grupo de louvor, eles são chamados ou pedem para ir na frente do altar para diversas coisas, o que normalmente é permitido.

Certa vez, um pastor falou comigo que não gostava de se exhibir demais. Disse que as curas que realizava e as profecias que fazia eram apenas Deus utilizando-o, e que portanto não deveria usar isso como uma atitude ligada à sua personalidade. Dessa feita, esclareceu, orgulhoso, que: “você já deve ter percebido que Deus me usa muito”, mas mesmo assim, ele sempre pedia para que as pessoas que fossem fazer testemunhos na frente da igreja sobre milagres, curas ou profecias realizadas por ele não identificassem o seu nome. Mas, disse, apesar de sua modéstia, as outras pessoas da igreja não eram assim. Muitas delas, segundo o pastor, ao levar uma doação para ou ao ajudar em uma faxina da igreja, pediam que o pastor anunciasse, durante o culto, um agradecimento à ajuda que a pessoa fez. Apenas sei disso por referência deste pastor. Nunca presenciei um pedido semelhante e nem ouvi de outros pastores sobre esse tipo de coisa. Mas a

participação ou menção a alguma pessoa certamente são bem vistos e desejados pelos fiéis. De qualquer modo, a participação nos cultos, mediante convite de um pastor é freqüente.

Ao final do grupo de louvor, o próprio grupo chama alguém para fazer o pedido das ofertas. Na maioria das vezes quem faz isso é a esposa do pastor presidente da igreja, que também é pastora. A pessoa chamada faz um pedido breve abençoando as pessoas que poderão contribuir e dizendo que aqueles que forem contribuir receberão a unção com o óleo. Enquanto isso, as obreiras, ou, em sua falta, um diácono ou missionário, ou na falta destes algum pastor, passam com envelopes oferecendo para as pessoas em suas cadeiras. As pessoas que querem ofertar ou dizimar pegam um envelope enquanto outras acenam que não para a pessoa que entrega os envelopes.

A pastora que faz o pedido costuma concluir dizendo que quem for ofertar pode ir à frente fazer a doação, mas aqueles que não puderem também podem ir à frente para receber a unção. No entanto, normalmente apenas vão à frente aqueles que irão fazer suas ofertas ou dízimos. Após a conclusão do pedido e oração pelos ofertantes, o grupo de louvor toca uma música temática para o momento. As pessoas que tem envelopes na mão vão até uma urna de madeira que a pastora coloca à frente do altar assim que inicia o pedido de ofertas. Depositam seus envelopes ali e passam suas mãos em um óleo colorido e perfumado que fica em um copo perto da urna. Elas geralmente esfregam esse óleo em seus braços, cabelo e nuca. Algumas delas, ao retornar para suas cadeiras, cumprimentam as outras pessoas esfregando suas mãos nas mãos das pessoas, para passar o óleo ungido para as outras pessoas que não foram à frente fazer oferta.

Após encerrados os depósitos dos envelopes na urna, o grupo termina a música. Em sequência, uma das vocalistas do grupo de louvor chama, na maioria das vezes, um pastor para o altar para fazer a pregação e mais uma outra pessoa (normalmente um outro pastor, diácono ou missionário(a), mas algumas vezes chama-se também uma obreira, um membro da igreja ou uma criança) para fazer uma oração ao pastor que vai fazer a pregação. Nesse momento a vocalista consulta o pastor presidente ou o pastor vice presidente sobre quem deve chamar, muitas vezes o processo sofre intervenção dos pastores, que podem não concordar

com quem vai ser chamado para pregar, conversam, discutem, tudo isso sem o microfone. Por fim, ao decidirem quem vai ser chamado anunciam.

O pastor chamado para pregação recebe uma oração do convidado que costuma ser breve, pede-se normalmente para que todos fiquem de pé e ergam suas mãos no momento da oração. Não são todos que levantam e dos que levantam, nem todos levantam suas mãos. Cada pessoa tem uma forma diferente de levantar a mão, também. Alguns colocam as palmas da mão voltadas para cima, outros voltam as palmas das mãos para frente, alguns levantam as duas mãos e alguns levantam apenas uma. A variação também é observada entre os pastores. Uma pastora, especificamente, para exemplificar, durante as orações, coloca uma das mãos no coração e a outra para cima, enquanto, de olhos fechados, movimenta sua boca, embora falando quase em silêncio, ao mesmo tempo em que balança a cabeça. Outro pastor fecha os olhos e levanta suas duas mãos enquanto fala alto. O pastor presidente e o vice-presidente normalmente levantam a mão apenas um pouco e, enquanto olham pela igreja, vigiam se tem alguém tomando conta da porta para que as crianças não saiam e até dão instruções para que alguém faça algo, que olhe alguma criança, ou que busque uma água.

Após a breve oração, inicia-se a pregação. Quase sempre a pregação começa com a leitura de uma passagem da Bíblia, momento em que o pastor pede que todos fiquem de pé. Novamente não é unânime a performance dos fiéis. Diz para que as pessoas procurem um certo capítulo e versículo de um livro da Bíblia, e pede para que as pessoas digam algo como “aleluia”, “aleluias”, “glória à Deus”, entre outras coisas, se tiverem encontrado. Isso é uma forma de controle para saber se tem muitas pessoas que ainda não encontraram a passagem. Caso esse seja o caso, o pastor pede para que as pessoas ao lado ajudem quem ainda não encontrou a passagem ou esclarece sobre a posição do livro em questão (depois ou antes de algum livro mais conhecido). Algumas vezes os pastores fazem menção ao fato de que haviam preparado outra passagem para a pregação, mas que Deus disse-lhe para falar sobre esta, então assim será. Após a leitura da passagem, o pastor inicia uma digressão, supostamente motivada pelo assunto do trecho lido. Muitas vezes, no entanto, a pregação se dedica a maior parte do tempo com a narração de uma coletânea de relatos de casos que aconteceram com o próprio pastor ou com pessoas que ele conhece, sem especificar as pessoas, ou, alternativamente, tomam

o tom de um discurso no formato “tem pessoas na igreja que...” e procede com uma série de observações sobre a conduta inadequada – do ponto de vista dos pastores – das pessoas que deve ser corrigida para uma determinada forma.

Alguns recursos diferentes são usados na oratória de acordo com o pastor que faz a pregação. Alguns deles buscam citar trechos específicos da bíblia sempre que possível, mas nem sempre lembrar exatamente a indicação que gostariam, o que causa certos interstícios na fala com uma seqüência de correções. Alguns pastores usam uma fala mais ritmada, e para isso frequentemente abrem mão da coerência do que dizem. Não é o conteúdo de sua fala que é importante, mas o ritmo intenso com fala rápida. Estes invariavelmente se utilizam da fala em línguas (diz-se que têm o dom da fala em línguas). Alguns pastores cantam algumas músicas no decorrer de sua pregação, enquanto outros colocam, sob a supervisão de algum outro pastor que fica na mesa de som, alguma música instrumental como background de sua pregação. Os pastores se valem de certas estratégias também para prender a atenção dos fiéis. Para isso, podem pedir que repitam algumas coisas, uma forma bastante comum de se fazer isso é pedindo que se fale determinada coisa para a pessoa que está ao seu lado (por exemplo: “fale para a pessoa ao seu lado: ‘que bom que você veio hoje’”), podem falar uma palavra até a metade para que as pessoas completem (por exemplo: “é preciso ter compro...” e as pessoas completam “...misso”).

No momento da pregação, enquanto um pastor é responsável por ela e se encontra falando no púlpito, os outros pastores desempenham outras tarefas. Ou seja, a um mesmo tempo, as tarefas de cada um dos pastores não é coincidente. Um pastor faz a pregação, outro pode estar cuidando da mesa de som, um outro pode estar fazendo uma oração com alguém ou expulsando um demônio. Há geralmente algum pastor ou diácono que anda no corredor da igreja para frente e para trás e esporadicamente grita “aleluia” ou “glória a Deus” ou pode, de acordo com o contexto, bater palmas em ritmo de uma música ou para iniciar aplausos, eventualmente um pastor ou pastora pode filmar o culto. Em momentos em que o pastor que faz a pregação inicia uma série de fala ritmada em velocidade maior, pelo menos dois pastores irão fazer orações individuais, o que ocupa a obreira e também mais um pastor ou diácono, para proteção atrás da pessoa caso ela caia.

Após a pregação, chama-se um pastor, diácono ou missionário para fazer uma nova oração, agora com a função de encerramento do culto. Esta oração decorre da mesma forma como a primeira, variando bastante seu conteúdo e forma de acordo com o responsável por ela. Ao fim desta oração, por vezes ainda se encontram alguns pastores fazendo orações com um ou outro fiel. O pastor responsável pelo culto desce do altar e uma parte dos fiéis saem da igreja. Uma outra parte dos fiéis se dirigem aos pastores para conversar, pedir conselhos, contar casos sobre outros membros da igreja ou, principalmente, para pedir orações. Em algumas vezes, ao final do culto, um pastor pode pedir a voz para fazer anúncios sobre campanhas que serão realizadas, sobre quais pastores virão nos próximos dias (isso normalmente é feito no domingo), ou alguma outra informação de caráter geral. Alguns pastores são mais procurados do que outros nestes momentos. Aqueles que fazem orações mais intensamente e são conhecidos por trazer mais profecias ou mais manifestações do Espírito Santo são mais procurados do que outros.

O presidente da igreja, durante os cultos, costuma ficar em sua posição em uma cadeira que fica ao lado do altar, virada de costas para a parede e de lado para o restante das pessoas. Apenas uma vez vi o pastor presidente fazer uma pregação, e nenhuma vez o vi fazendo orações durante a pregação. A imagem dele perante o discurso de outros membros e de outros pastores é a de um “ancião”, que pode ser “ranzinza”, mas é “como um pai”, para usar os vocábulos exatos que observei. Eventualmente, na presença de conversas durante os cultos, ele observa fixamente os fiéis que conversam fazendo cara de desaprovação ou até fazendo um sinal pedindo silêncio, caso o barulho esteja muito alto, mas seus pedidos não surgem muito efeito.

A esposa do presidente da igreja, também pastora, nem sempre chega à igreja no início do culto, sendo costume (principalmente após algumas complicações de saúde que teve) chegar durante a apresentação do grupo de louvor. Quando chega, ela anda toda a igreja cumprimentando cada pessoa que está ali, e depois se senta ao lado do presidente da igreja. Além de fazer o pedido das ofertas e dízimos, a pastora conversa com algumas pessoas pessoalmente, principalmente com as senhoras, quando ela chega e quando o culto termina. Também conversa com visitantes da igreja e tenta convencê-los de que devem “aceitar Jesus”.

Há um pastor que nunca faz pregações. Este pastor geralmente comparece apenas nas sextas feiras e apenas toma a fala ao microfone para fazer uma oratória ritmada em velocidade alta e predominantemente com uso da fala em línguas. Nos outros momentos, ele faz orações com as pessoas, grita “aleluia”, “ai meu Deus”, “eu acredito”, repentinamente durante os cultos, em uma altura tão intensa que, por vezes, provoca murmurinhos e trocas de olhares de reprovação entre os fiéis.

Outro pastor, o pastor R, se destaca pelas suas performances corporais. Diferentemente dos outros, ele tem costume de, durante os hinos de louvor ou das pregações, sair de seu lugar e, de pé, executar movimentos de giros simultâneos de seu corpo enquanto se locomove no espaço à frente do altar, com os braços levantados na altura da cabeça. Seus giros às vezes são quebrados por simulações de desequilíbrio, no qual o pastor parece estar caindo, pela inclinação que atinge, mas o pastor retoma suas rotações em movimentos equilibrados e teatrais.

Em síntese, cada pastor ou pastora têm certas práticas diferentes dos outros nas suas performances e expressões corporais. Na igreja, há certas funções que quase todos exercem, como a pregação, as performances corporais, de fala e a prática da oração que ocorrem durante o culto são variáveis entre os pastores e pastoras. Todas estas práticas são importantes para o culto. Os pastores rotulam as práticas desta igreja como o fato de esta ser uma igreja “avivada”. Uma igreja avivada é aquela em que as pessoas gritam coisas durante o culto, há prática de fala em línguas e do reteté, e todas estas formas performáticas que citei anteriormente são aceitas e praticadas na igreja. As igrejas pentecostais tendem a ser avivadas, segundo as informações dos pastores. No entanto, quando perguntei sobre outras igrejas evangélicas, as informações foram divergentes. Um pastor me disse que algumas vezes há intercâmbio de pastores, podendo alguns de sua igreja pregar nas igrejas batistas, enquanto outros da igreja batista podem pregar na sua igreja. Perguntei-lhe se não haveriam diferenças entre as igrejas, ao que me respondeu:

A Palavra de Deus é a mesma, né. É... o, o, o... o entusiasmo pode ser diferente, né. Então, né... tem igreja Batista que é avivada, tem igreja batista que é tradicional. Tem igreja Batista que se ocê entrar e dar um ‘Glória a Deus’ lá eles te expulsam ocê de lá... [risos] eles correm cocê de lá. Mas tem igreja Batista que é igual nós aqui, gostam de glorificar, sente em paz, se sente tranquilo em abrir o coração e dar glória a Deus e aleluia, né. Hoje... hoje em dia até a Igreja Católica... o... é... hoje tem as ramificações, hoje tem... é... é... esqueci o nome agora... né, carismáticos... eu fui da

carismáticos antes de vir pra cá, né. Quando aconteceu isso foi lá né... a gente tinha essa situação e a gente foi envolvendo e a gente tinha essa mesma alegria de um batista, de um pentecostal e eu falei 'que que eu tô fazendo aqui', né... vô tomar as minhas decisões. (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio)

No relato do pastor, a “alegria” dos cultos foi um dos fatores para sua decisão de se tornar um pentecostal. Em outros momentos, referindo-se ao seu pai, o presidente da igreja, ele também menciona o fato de que, após participação na igreja batista, em uma visita, o seu pai havia feito um exorcismo, motivo pelo qual foi-lhe recomendado sair da igreja batista e mudar para uma pentecostal.

Outro pastor, de outra igreja, me afirmou que apenas nas igrejas pentecostais eu encontraria certas práticas. O pastor, referindo-se à minha condição de estudo (mas que acredito ser apenas a forma como ele encontrou para se referir a todo um conjunto de características associadas à renda e à cor, por diversas falas mencionando essas minhas características durante a entrevista), me indicou que fizesse minha pesquisa nas igrejas batistas, que não me assustariam tanto. Este pastor indicava reiteradamente isso sorrindo, mas provocando para que eu viesse ver as “práticas diferentes” às quais ele fazia menção. A fala deste pastor sugeriu uma relação entre as práticas avivadas dos pentecostais as características sociais associadas aos critérios de raça, classe ou renda.

A Ceia, a Ceia Ministerial e o Conselho de Pastores

Até então, expusemos aqui o que seria o procedimento do culto conforme observado em campo, para a maioria das vezes. A forma e sequência dos cultos e das práticas dos pastores tende ao processo aqui descrito. Na prática, no entanto, algumas diferenças podem ocorrer. Uma diferença previsível concerne ao dia reservado para a Ceia.

A Ceia ocorre geralmente nos primeiros ou segundos domingos do mês. No entanto, dois pastores de igrejas distintas me informaram igualmente que esta data é apenas um procedimento para facilitar a organização, mas que não é estabelecido nenhum dia na Bíblia para a Ceia, e portanto, ela pode ocorrer em outros dias, de acordo com a disponibilidade e preferência dos pastores.

Na Ceia, além do procedimento comum dos outros cultos, uma parte da pregação é interrompida para ceder lugar à Ceia. Os pastores organizam uma mesa

com copos e com um pão asmo (pão sem fermento para sua elaboração). Um pastor, escolhido para partir os pães e servir os sucos, como parte do procedimento ritualístico, lava suas mãos. Depois põe-se a partir o pão em vários pequenos pedaços e serve os sucos de uva. Um outro pastor consagra o pão, que a partir de então, segundo a informação que foi dada pelos pastores, passa a ser reconhecido como a carne de Cristo²⁸. Os pedaços de pão são distribuídos por um ou dois pastores, diáconos ou missionários, conforme a disponibilidade deles no dia. As pessoas são instruídas para ficar de pé apenas se tiverem sido batizadas e livres de consciência. Aliás, a temática da pregação nesses dias tem foco maior na reflexão introspectiva sobre sua conduta e seus atos, inclusive podendo o pastor pedir que todos fechem seus olhos e reflitam por um tempo. Após a ingestão dos pedaços de pães consagrados, os que assim o fizeram ajoelham e oram. Em um segundo momento, os pastores consagram o suco de uva distribuído nos copos e os distribuem. As pessoas, quando assim instruídas, bebem aquele suco de uva e também se colocam a orar. Quando os membros da igreja são instruídos a orar, como nesse caso, muitos deles o fazem ajoelhando, de costas para o altar e de frente para o assento de sua cadeira, apoiando-se neste assento com os braços. Nem todos, no entanto, fazem o mesmo procedimento. Alguns membros da igreja esquecem de comer o pão no momento indicado e somente comem junto com o suco. Alguns comem ou tomam antes da hora indicada, assim que pegaram da bandeja. No fim, os pedaços de pães são recolhidos em uma sacola de plástico e os sucos servidos e consagrados ficam na mesa à frente do altar. Algum pastor ou pastora pode liberar o consumo dos sucos excedentes para as crianças, quando elas pedem.

A Ceia como acontece na igreja para os membros da igreja é muito semelhante com a prática da Ceia Ministerial, que é exclusiva dos pastores ou colaboradores da igreja (como diáconos, obreiras, etc) e sobre a qual tratarei em breve.

Outro tipo de atividade atípica consiste na promoção de campanhas organizadas pela igreja. As campanhas são planejadas pelos pastores, com aval do presidente da igreja, e são anunciadas pelos pastores para os fiéis no púlpito da igreja, após o final do culto. As campanhas têm uma data para começar e uma data

²⁸ Esta crença, conhecida no catolicismo como transubstanciação me surpreendeu em campo, já que a tradição foi rompida por diversas igrejas reformadas.

para terminar. Muitas vezes, são feitas por algumas semanas, sempre ocorrendo no mesmo dia da semana, nos cultos destes dias. Na prática, estas campanhas não modificam a estrutura dos cultos, que continuam, no essencial, funcionando como descrito. As campanhas são geralmente feitas para combater, no mundo espiritual, todas as coisas que impedem a pessoa de alcançar alguma realização valorizada pelo discurso da igreja. Pode-se, então, por exemplo, ser uma campanha para o bom sucesso financeiro, ou para conseguir emprego, ou podem assumir um caráter mais genérico, como uma campanha para “melhorar a situação do país”, ou para “derrubar os sete muros” que impedem o seu sucesso. As campanhas podem ser propostas de diferentes práticas. Elas podem se resumir na obrigação de ir todas as quartas feiras do mês aos cultos e fazer jejum nestes dias, por exemplo, ou elas podem significar que em todas as sextas feiras de algumas semanas consecutivas, irá ser tratado um determinado assunto no culto. Algumas vezes introduz-se, sem tirar as outras atividades do culto, algum evento diferente. Presenciei certa vez, uma caminhada em círculos dentro da igreja de olhos fechados e mãos dadas com as outras pessoas, enquanto uma pastora tocava um berrante. Isso ocorreu após a pregação, cujo tema foi atrelado à proposta da campanha, e foi seguido por uma oração com todos de pé no espaço à frente do altar, encerrando o culto.

Outras tarefas importantes das igrejas se referem às questões legais, financeiras e burocráticas para o manutenção regular da instituição. Uma série de obrigações legais são exigidas das instituições religiosas por parte do governo, tanto para a abertura de uma igreja quando para uma prestação de contas periódica. Para estes serviços, as igrejas podem recorrer a uma instância separada da igreja que são os conselhos de pastores.

A igreja que estudei não apenas fez parte como sediou as reuniões de um conselho de pastores de igrejas de pequeno porte²⁹ principalmente localizadas em Minas Gerais, por certo período, quando eu fazia os primeiros estudos de campo, ainda no segundo semestre de 2016. Após uma interrupção do meu contato com o campo, retornei para encontrar a igreja já desligada deste conselho de pastores e

²⁹ As igrejas de pequeno porte não possuem uma assessoria contábil ou jurídica própria. O conselho referido auxilia na execução das tarefas burocráticas básicas que as igrejas precisam realizar e por isso, é uma boa hipótese considerar que as igrejas que participam de tal conselho são igrejas de pequeno porte, ainda que não tenhamos categorizado todas igrejas que são listadas pelo conselho como suas filiadas, informação que, de qualquer modo, não nos dariam material relevante para nosso estudo.

ligada a outro conselho. Quando perguntei para alguns pastores (incluindo o presidente da igreja) sobre o motivo do desligamento das relações com o conselho, não obtive respostas claras, mas descobri, eventualmente, que um dos pastores da igreja, que antes ministrava em outra igreja, é o presidente do novo conselho ao qual a igreja faz parte. Este conselho não faz reuniões com seus filiados como o conselho antigo fazia, e portanto, não pude ter o mesmo contato que tive com o outro conselho de pastores.

Na situação anterior, havia encontros mensais do conselho, nos últimos sábados de cada mês, em que os pastores das igrejas vinculadas recebem consultoria sobre os assuntos burocráticos, assim como explicações de como devem fazer declarações, preenchimento da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), e até os direitos e deveres como pastores; o conselho também realiza cadastro dos funcionários das igrejas e emite documentos de identificação pelo título dos filiados na igreja – como pastor, obreiro, presbítero, etc. O conselho ainda fornece um modelo básico de estatuto para as igrejas, que define orientações gerais tanto para a liderança da igreja como para os membros e que é parte importante do registro de uma igreja. Para abrir uma igreja, é preciso conseguir certa documentação que necessita de assinatura de contador ou advogado, conforme me informou um pastor, e esse serviço pode ser conseguido por um preço mais barato através de contadores e advogados que fazem parcerias com estes conselhos.

Os serviços prestados pelo conselho eram quase em sua totalidade exercidos pelo presidente do conselho, que também é pastor. Esse presidente centralizava o conhecimento sobre as questões legais e contábeis que os outros membros do conselho não estavam aptos para desempenhar. Em uma reunião em que o presidente do conselho não pôde participar, por exemplo, foi possível perceber que o pastor que o substituiu ficou extremamente limitado e repetia à exaustão como a ausência do presidente do conselho impossibilitaria esta ou aquela tarefa na ocasião. Para manter as atividades, o conselho recolhe contribuições dos membros, que são feitas através de uma taxa fixa, além das “ofertas” que são realizadas durante as reuniões mensais, à semelhança do modo como se recolhe ofertas nos cultos. Particularmente o recolhimento de ofertas do conselho ocorre após a realização da Ceia Ministerial, rito que ocorre em toda reunião do conselho (mensal) em que apenas os pastores e lideranças da igreja participam comendo o pão e o

suco de uva consagrados e considerados pelos pastores, portanto, como matéria transubstanciada, respectivamente, em corpo e sangue de Cristo.

O acesso que obtive aos encontros do conselho dos pastores forneceu um material importante que complementa o material das entrevistas que realizaremos. Foi possível realizar observação participante nos encontros do conselho dos pastores de algumas igrejas pentecostais que compreendem igrejas pentecostais pequenas de Minas Gerais, predominantemente. Nesses encontros, a presença é quase exclusiva de pastores, obreiros, presbíteros entre outros títulos, além de alguns aspirantes a estes títulos – ou seja, daqueles que trabalham em algum grau exercendo tarefas para a igreja mas não obtiveram ainda algum título. Nas reuniões do conselho, é possível observar as relações dos pastores entre si, evento que ocorre sempre de forma quase imperceptível e inacessível à observação dos cultos. A Ceia Ministerial tem procedimento muito parecido com a Ceia que toma espaço na igreja em que participam os membros, mas ela é um rito privativo dos líderes da igreja, e que por isso mesmo recebe o nome “Ministerial”. Seu procedimento iniciava sempre com uma fala que explicitava o caráter exclusivo deste momento. Por exemplo, conforme meu relato de campo, após o presidente do conselho convidar um pastor para fazer a ceia:

O outro pastor assume o púlpito. Lê o capítulo 22 de Lucas (todos de pé), [que versa sobre] quando Jesus celebra a última páscoa. A Santa Ceia é só para quem está na liderança, afirma, não para membros das igrejas. Reforça que ali só estavam presentes os que pertenciam à nata. Diz que a nata é a camada fina que fica por cima, o melhor do leite. Outros pastores também haviam assumido posição na frente de todos, para ajudar na organização, servindo o suco de uva. Pedem que àqueles que não tivessem posição de liderança se identificassem. [...]. Pediram então [...] que somente os que iriam participar se levantassem das cadeiras. (Caderno de campo de elaboração própria, 27/08/2016, os trechos entre colchetes correspondem a supressões ou incrementos posteriores para facilitar o entendimento).

Os pastores referem-se a si e aos outros trabalhadores da igreja como os líderes, e se separam dos *membros* através de um status que garante uma posição superior, e que é reiterada mensalmente através do rito da Ceia Ministerial, que tem parte no fim das reuniões do conselho de pastores. Assim, é preciso que tenhamos esta disposição hierárquica em mente todas as vezes em que os pastores se referem aos *membros* da igreja. Da literatura da sociologia do trabalho, sabemos que a linguagem no trabalho aparece, sempre, carregada de significados, uma vez

que as profissões se constroem com base em estereótipos, retóricas e sistemas de justificação. Cabe a nós entender as definições das situações em que os atores estudados estão implicados (DEMAZIÈRE E DUBAR, 1997). A partir da compreensão da linguagem do trabalho, da observação da organização, do processo de trabalho e das relações sociais na igreja, podemos compreender melhor as atividades dos pastores, dando maior concreticidade à análise dos relatos de vida.

O referencial da sociologia do trabalho deve receber especial atenção quando nos deparamos com as questões de organização das atividades e distribuição das hierarquias entre todos que participam da igreja, em especial os pastores. Cabe documentar que o tratamento das funções desempenhadas na igreja com o trabalho em uma empresa não é apenas uma hipótese levantada nesta pesquisa como têm fundamento nas declarações dos pastores, que, em dois casos (de igrejas diferentes) associaram a igreja com uma empresa explicitamente. Retornaremos ao tema oportunamente.

Ainda sobre o procedimento da Ceia Ministerial, cabe notar que, distintamente da Ceia dos membros da igreja, as manifestações “avivadas” foram a constante após a ingestão do pão e também após a ingestão do suco consagrados. Nesses momentos, eles falam em línguas, pisam forte com os pés, fazem performances com as mãos retorcidas e os braços esticados enquanto gritavam “aleluia”, “olha só, Senhor”, ou oravam em um misto de falas e glossolalia. Poucos se limitavam a orar ajoelhados com o apoio dos braços nos assentos das cadeiras. Após cerca de dois minutos destas manifestações que se seguiram ao suco de uva, um dos pastores que organiza a Ceia ministerial começa a cantar uma música, que na medida em que vai ganhando adeptos ao canto, reduz a intensidade das manifestações até que todos terminem.

Assim que terminam as manifestações, um pastor passa uma cesta pelos presentes para recolhimento de ofertas, que explicaram, eram destinadas ao conselho. Além dessas ofertas, o conselho arrecada uma mensalidade e uma anualidade. Conforme a prestação de contas feita verbalmente em uma das reuniões que eu participei, as ofertas ficavam entre 75 e 180 reais. O pastor também informou nesta ocasião que o caixa do conselho estava negativo em 200 reais.

4.2. As trajetórias de vida dos pastores

Apresentaremos neste capítulo as trajetórias das vidas dos pastores com informações que achamos pertinentes coletadas a partir das entrevistas realizadas com eles. Os nomes apresentados continuarão sendo os nomes fictícios, no objetivo de preservar a identidade dos pastores, assim como informamos aos mesmos no momento da entrevista oralmente e por via escrita.

Para apresentar estas informações, começarei relatando algumas informações sobre como foi feito o meu contato com o entrevistado e sobre como ocorreu a entrevista, além de apresentar algumas informações gerais sobre o contexto em que conheci estes pastores. Estas informações são relevantes para termos um panorama de como os dados apresentados aqui foram obtidos. Alguns entrevistados foram mais resistentes a fornecer certas informações do que outros, e, embora a entrada em campo tenha sido fácil, a obtenção das entrevistas enfrentou certas dificuldades que mostraremos logo no início das trajetórias de cada um.

Após esta visão geral, iremos narrar, buscando ser o mais fiel possível às próprias palavras utilizadas pelos entrevistados, sua biografia na ordem cronológica, seguindo a mesma disposição que o roteiro de entrevista foi pensado. É preciso mencionar aqui que apesar do roteiro seguir uma ordem, as próprias entrevistas têm percursos diferentes, uma vez que os entrevistados muitas vezes antecipam fases da vida que seriam tratadas posteriormente ou retornam a falar sobre uma fase anterior de sua vida, mas também eu próprio precisei voltar várias vezes a certa fase para reformular certas questões cujos dados eu precisava (como contextualizações de certos períodos da vida, datas ou idade em que um certo evento ocorreu). Neste quesito, ressalto que muitas respostas foram vagas com relação às datas e idades, de modo que as informações colocadas aqui foram muitas vezes estimadas pelos próprios entrevistados e algumas vezes as datas foram estimadas por mim através do ano que foi fornecido ou o ano foi estimado calculando-se a partir da idade que foi fornecida. Quanto aos dados que eram muito vagos quanto ao período da vida em que ocorreram, mantive-os estimando o período pelas informações sobre isso que os entrevistados me deram.

Trajetória do pastor Antônio

Conheci o pastor Antônio na igreja em que fiz a observação participante por mais tempo. Primeiramente, eu havia pedido entrevistas para o pai dele (o que gerou um longo processo de entrevistas marcadas que eram desmarcadas na hora) e só depois, para ele. O pastor Antônio aceitou conceder a entrevista, a princípio. No culto da sexta feira anterior ao sábado que o pastor havia marcado de fazer a entrevista, ele me procurou e avisou que não poderia fazer a entrevista neste Sábado por conta de alguns compromissos pessoais, remarcamos para o sábado subsequente. Nesta segunda vez, a entrevista ocorreu tranquilamente. A entrevista, como todas as outras, foi marcada, por iniciativa do pastor, na própria igreja. Assim que cheguei, chamei-o na casa dele, que fica nos fundos da igreja, e ele abriu a igreja para fazermos a entrevista lá. Sentamos na parte do fundo da igreja, em algumas cadeiras que o pastor pegou e colocou de frente uma para a outra. Além disso, o pastor pegou uma cadeira para colocar do seu lado, e sobre ela depositou uma Bíblia, que pegou na igreja. Durante a entrevista, algumas vezes ele buscou a Bíblia para dar a referência correta das citações que fazia. A posição do pastor frente à entrevista foi a de uma relativa resistência para falar sobre questões da vida pessoal, quando comparado às temáticas religiosas, sobre as quais falava sem comedimento.

Pastor Antônio tinha 46 anos na data da entrevista, em Setembro de 2017 (ele nasceu em 1972), ele é vice-presidente da igreja e também filho do pastor-presidente. E trabalha como autônomo fazendo instalações de sistemas de segurança, ele tem dois irmãos mais novos (um deles é três anos mais novo e o outro é 11 anos mais novo), é casado e tem dois filhos, sua esposa tem 41 anos (nascida em 1977). Ele diz que quando nasceu foi considerado como “branco”, mas que se classificaria como “mestiço”. Sua esposa aparenta ser negra. Seu pai e sua mãe eram primos “de primeiro grau”³⁰ nascidos em um município pequeno da Zona da Mata (com menos de 25 mil habitantes em 2014). O pastor resistiu um pouco para falar sobre seu pai, muitas vezes remetendo-me à questionar estas informações diretamente para seu pai.

³⁰ No caso, a referência de primos “de primeiro grau” refere-se ao fato de que a avó paterna e a avó materna do pastor são irmãs, informação que o pastor dá aos poucos mostrando incerteza no início e certeza no fim, talvez um pouco constrangido.

Antônio conta que seu pai já havia decidido que se casaria com sua mãe logo que ela nasceu o que, após um tempo convivendo juntos, acabou se concretizando. Os dois se mudam para um município no Vale do Aço, antes de migrarem pra Belo Horizonte, onde o pastor Antônio nasceu. Já em Belo Horizonte, sua mãe trabalhava com as tarefas domésticas, em casa, mas também trabalhava, por conta própria, como costureira; com 33 anos de idade, ela faleceu em decorrência de um câncer de mama. Tanto o pastor como seu pai, sua mãe e irmãos, eram católicos. A morte da mãe representa um ponto de inflexão a partir do qual a família, sob iniciativa do pai, vai gradativamente migrando de religião, primeiramente, passando pelo movimento carismático dentro do catolicismo. Ao contar sobre a morte de sua mãe, o pastor diz que “a ciência não conseguiu salvar ela pela ocasião”.

Seu pai trabalhou como mecânico por conta própria, em uma oficina que ele tinha, no mesmo lugar em que hoje tem sua casa, alguns espaços comerciais para alugar e a igreja, no segundo andar, enquanto eles moravam no mesmo bairro, embora em outra rua. O pastor Eduardo, pai do pastor Antônio, vendeu a casa que tinham, ainda na infância do pastor Antônio, e mudaram-se todos para o local onde estão hoje.

Antônio descreve sua infância como “tranquila” e “normal”. Conta que brincava na rua em uma época em que não havia ainda muito movimento na avenida e que o bairro era novo, desse modo, relata, era fácil fazer muitas amizades pelas redondezas. Estudou sempre em escolas públicas, primeiramente em rede municipal, e posteriormente, na rede estadual. Gostava das aulas de química, história, geografia, matemática e educação física. Com relação às aulas de religião que teve, relata que teve uma professora que era Espírita “da linha branca”. O pastor diz que somente no segundo grau ele teve literatura e ensino social, que antes disso, era ensino religioso – o pastor parece ver uma relação entre estes.

Após sua formatura e já por volta dos 12 anos, sua mãe falece e ele conta que ele se distanciou de religião (que antes era católica), e arrumou um emprego em uma loja de sapatos. Essa época foi, para o pastor, uma época em que ele chama de “bagunça do mundo”. Ele tinha alguns amigos, conhecidos da vizinhança e da escola do segundo grau, com quem saía para assistir shows de rock, funk (segundo ele, um funk melody, diferente do que se vê hoje), “wave” e tecnopop e saía para beber na companhia dos amigos. Ele também conta que tinha uma banda de rock na

qual ele era o responsável por tocar contra baixo. Foi nessa época que aprendeu um pouco de música, ainda que apenas com a ajuda dos amigos e por repetição, sem ter feito um curso.

Mesmo antes do falecimento de sua mãe, o seu pai, Eduardo, havia se aproximado do espiritismo freqüentando o templo, onde permaneceu por algum tempo após o falecimento de sua mãe. Com o falecimento da esposa, sua família se voltou contra Eduardo, culpando-o por sua morte, dado que ele tinha relacionamentos extraconjugais que teriam prejudicado no tratamento dela. Pressionado e com a perda da esposa, Eduardo entrou, segundo o relato de Antônio, em uma fase de depressão, para o que ele buscou ajuda se convertendo como evangélico na igreja Batista.

Com essa conversão para evangélico surgiram alguns desentendimentos entre o pai e os filhos, principalmente por causa das imagens religiosas de santos que haviam na casa. Pelo relato do pastor, esse momento já era de certa proximidade dele e de seus irmãos com a nova crença do pai:

a gente era apegado por causa da mãe que era religiosa... minha mãe era, era líder de círculo de oração, então a gente ficava com o coração.... 'mas poxa, pai... era... minha mãe era religiosa... o senhor era bagunceiro e agora o senhor quer ser religioso... minha mãe se foi... eu não aceito isso não', né. A gente batia o pé. Brigava com ele. E a gente brigava com ele mas a gente... sentia carência da mãe, sentia carência de apoio... de pais. E a gente buscava um... um convívio com ele. A gente buscava ouvir a palavra de Deus, ou então lendo a Bíblia. (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio)

Nessa fase da vida, enquanto participava “das bagunças do mundo”, onde encontrava “bebidas e mulheres”, o pastor descreve uma dualidade quanto às suas vontades. Relata que apesar de sair para a bagunça, ele sempre sentia um arrependimento posterior.

Ele costumava passar no centro e assistir filmes no cine Brasil. Quando saía dos cinemas, ele recebia panfletos distribuídos com conteúdos religiosos, ele conta que “alguns deles eram espíritas”, mas não entra em detalhes sobre os outros. E ele diz que: “Então você lia e você sentia, né, remorso, você sentia é... uma coisa faltando dentro de você, né, que são... essa ligação com Deus. E mesmo assim continuava a bagunça, né, as bagunças, de jovem, né.” (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio).

Em toda esta fase, o pastor também relata que já tinha um embate provocado pela sua leitura da Bíblia e seus questionamentos sobre o falecimento da sua mãe. Ressalte-se que a narrativa da leitura da Bíblia como forma de conversão é unânime em todos relatos, o que segue uma tendência histórica ligada ao protestantismo. Mas coexistem com essa explicação outros apontamentos de fatores importantes para a conversão. A carência de atenção do pai que agora era evangélico, a falta que fazia a sua mãe, assim como o remorso e sensação de que faltava algo dentro dele, bem como os panfletos que recebia com mensagens religiosas foram alguns apontamentos do pastor de motivos pelos quais se aproximava ainda da religião, apesar de ele dizer também que nesse período da vida (aos vinte e poucos anos de idade) ele tenha se distanciado da religião (no sentido institucional).

Foi somente quando seu pai se casou pela segunda vez, com uma senhora evangélica, que o pastor começou, então, a participar mais ativamente dos cultos e também passou a ler mais a Bíblia. Antônio conta que por volta de seus 22 ou 23 anos, por indicação de seu pai, foi a uma igreja pentecostal para conhecer alguns antigos amigos evangélicos de sua mãe de quem se lembrou após a indicação de seu pai. Nessa época ele passava por uma fase em que ficava muito “fechado em casa”, e vivenciava um “relacionamento conturbado” com uma “menina” que dizia estar grávida dele, mas não estava verdadeiramente, segundo o pastor. Ele separou um cômodo na oficina de seu pai e foi morar junto com esta “menina”, mas, diz o pastor, este relacionamento não “se concretizou”. Na igreja dos amigos de sua mãe, o pastor conheceu sua atual esposa, com quem namorou por três anos interrompido por um rompimento na relação e posterior retorno. Nessa igreja, o seu sogro era o pastor presidente da igreja.

O pastor conta, então, que “aceitou Jesus” na frente da igreja. A aceitação de Jesus foi um processo de aproximação da igreja no qual o pastor ainda mantinha ligações com suas “bagunças” ao mesmo tempo que adotava, gradualmente, novas condutas de vida e aprendia sobre quais deveriam ser seus novos comportamentos. Assim, “aceitar Jesus” aconteceu com um marco da primeira vez, mas foi sucedido por várias “aceitações”. Esse é o processo normal, segundo todos os pastores, sobre como funciona o “aceitar Jesus”. É um meio termo de proximidade com a igreja em que a pessoa declara publicamente que concorda e que deseja se aproximar das condutas defendidas pela igreja. Mas ele ainda não é considerado um

membro da igreja efetivamente. É considerado normal que a pessoa que está nesta fase ainda viva os “prazeres da carne”, pois ela se encontra em um processo de mudança de seus comportamentos, que não pode acontecer repentinamente, exige uma adaptação.

Esse curso de transformação traçado a partir do momento em que se “aceita Jesus”, mas que pressupõe, normalmente, todo um contato prévio com a religião (no caso do pastor Antônio isso ocorreu principalmente através de seu pai e da nova esposa de seu pai) culmina na “passagem pelas águas” (ou batismo). O pastor Antônio descreve esse momento nas seguintes palavras: “Quando você toma uma decisão de passar pelas águas, é o que nós falamos, você faz isso com consciência, né, que você está abandonando os seus, as suas velhas práticas, né, você tá mortificando aquele velho homem, para nascer do homem novo.” (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio).

A partir do momento em que se passa pelas águas, considera-se que a fase de aprendizado, de aproximação com a doutrina da igreja, se encerrou. O pastor considera este marco como o início da sua cobrança sobre si mesmo de adoção efetiva dos comportamentos exigidos pela religião, que na fase de aceitação de Jesus era apenas uma obrigação afrouxada. Depois de “passar pelas águas”, a auto-cobrança pelo rigor nas suas condutas é efetivo. Assim, diz o pastor: “Somente nesse momento você sente que o Espírito Santo tá te envolvendo mesmo, tá te... te, te mudando mesmo, tá te resgatando mesmo, então você fala assim: ‘O que é pro mundo pra mim já num tem mais valor o mundo, né... eu tenho que amar as pessoas que tão lá para conquistar elas pro Reino de Deus. Mas o meu propósito agora é com Deus. A minha aliança é com Deus, é viver uma vida em santidade, mudar minha maneira de viver’” (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio).

Todo esse processo de conversão do pastor ocorre por volta dos seus 23 e 25 anos, ou seja, 1995 e 1997. Já em 1999, motivado pelo medo de que o mundo se acabasse no ano 2000, o pastor tomou a decisão de se casar. Durante este período de 1995 até 1999, seu pai havia saído já da igreja batista, quando, ao fazer uma visita em uma casa de recuperação, se defrontou com uma “manifestação de espírito” e “expulsou o demônio” na ocasião. Essa prática não foi bem aceita na igreja Batista que pediu, nas palavras do pastor Antônio, para que ele fosse “exercer o seu dom pra lá”. Pastor Eduardo, então, passou a percorrer igrejas pentecostais

incluindo as denominações Deus é Amor e a Assembléia de Deus. Foi na Assembléia de Deus que ele fez o curso de pastor e foi ordenado pastor.

O pastor Antônio, por sua vez, conta, em primeiro momento, como que de forma conclusiva, que não escolheu ser pastor, mas que sim, foi chamado. Eu insisti pedindo que me explicasse como foi o chamado e então, como resposta, obtive um relato em que ele se justifica em diversos momentos que ele não queria virar pastor. Mas uma série de pastores falavam com ele que ele tinha dom para pastor, ao que ele recusava e tentava fugir. No entanto, no mesmo relato o pastor também conta: “eu tinha sempre um entusiasmo de ajudar... de ir nos hospitais, né, e ir nos lugares pra pregar o evangelho” e também que “eu andava na rua e andava nas praça, via o pessoal pregando... ficava pregando ali também. E muitas coisas ia manifestando, né”.

O ponto mais decisivo, segundo o pastor, para o seu “chamado”, foi a insistência de um irmão de sua atual esposa (na época namorada), que dizia sempre informalmente para ele que iria lhe “ordenar pastor”. E foi com isso que, na igreja Batista, ele começou o seu preparo com um curso de teologia. O curso tinha dois tipos de testes, segundo o pastor. Um deles é por meio de provas acadêmicas, com questões de conhecimento sobre os livros da Bíblia. O outro é o “teste espiritual”, que consiste na prática de orações, repreensão de espíritos e manifestações de outros dons como a profecia, a fala em línguas. Este teste espiritual, segundo o pastor, não se aprende no curso, trata-se de uma questão de “postura” da própria pessoa frente aos testes.

Antes desse período, na igreja Batista, Antônio foi primeiramente cooperador. Ele ajudava principalmente tocando violão nos cultos, já que tinha conhecimento de contra-baixo. Além disso ele sempre fazia visitas em hospitais e pregava nas ruas. Após pouco mais de um ano como cooperador, ele virou evangelista, função que exerceu por aproximadamente três anos. Na mesma época de seu casamento, ficou mais dois anos como diácono. Por fim, e depois de três anos fazendo o curso na igreja Batista, foi ordenado pastor por seu pai e seu cunhado, na igreja de seu pai, e não na igreja Batista, onde estudava teologia. Mas hoje ainda ele afirma ter alguma resistência em ser pastor, que vê como uma obrigação: “às vezes você luta contra o seu chamado, mas ele sempre bate na sua porta, né, e... eu sempre tive profecias... tem, tem hora que até hoje eu fico relutando: "ô pai, eu num queria ser pastor"... mas

é... "ah, eu num vou fazer isso"... cê acaba fazendo porque você num consegue se... você se entrega, né" (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio)

Já como pastor na igreja do pai, Antônio aprendeu com seu cunhado, que também freqüentava a igreja, e que hoje é também pastor (pastor Carlos, que também entrevistei) o ofício que desempenha hoje como autônomo. Depois do primeiro trabalho de Antônio, em loja de calçados, ele migrou pra essa área que aprendeu trabalhando na instalação de equipamentos de segurança. Seu trabalho envolve a divulgação pessoalmente ou pela internet, o orçamento do trabalho e por fim a instalação dos equipamentos de segurança que podem ser cercas de arame farpado ou concertina, câmeras de segurança, alarmes e cercas elétricas, tudo isso ele faz sozinho, embora algumas vezes ele leve seu filho (que tem, na data da entrevista em Setembro de 2017, 16 anos), para ajudá-lo com o trabalho, quando não atrapalha a escola.

O pastor teve, com a atual esposa, dois filhos. Em 2002 ele tem seu primeiro filho e em 2015 nasce a sua filha. Seus filhos não foram batizados em qualquer igreja, pois, diz o pastor, isso é uma decisão individual (frequentemente ouve-se dos evangélicos que "a salvação é individual"), mas o pastor também diz que seus filhos "nasceram no evangelho", que são evangélicos desde pequenos e que sempre trouxe eles para a igreja.

Sua esposa trabalha como guarda e ganha cerca de 3500 reais, sendo o "carro chefe da casa", nas palavras de Antônio. Ele próprio afirma receber rendas muito variadas, que vão de 1500 até 10.000 reais, de acordo com o mês. A variação de salário por meses é explicada pela demanda maior em meses próximos das férias, em que as pessoas se preocupam mais com a proteção da casa para poderem viajar tranquilos. A igreja fica em local que era terreno do seu pai, mas que foi antecipado como herança para os filhos, segundo o pastor, em uma "partilha".

Eduardo, pai do pastor Antônio, desde algum tempo (o pastor resiste em especificar as datas exatamente) após se tornar pastor, foi largando o trabalho como mecânico e passou a viver de aluguel. Nesse sentido, as informações do pastor foram bastante confusas, mesmo depois que insisti algumas vezes pedindo explicações sobre isso. Ele diz que os filhos todos recebem parte dos aluguéis dos lugares que são de seu pai que são uma capotaria, uma floricultura e a própria igreja. A igreja, apesar de estar no nome do pastor Antônio, paga aluguel. Mas o

pastor afirma que ela não paga aluguel para o próprio Antônio, mas sim para a “partilha”, mas quando se trata da igreja, ele afirma que ele não recebe nada da “partilha”, que ele vive exclusivamente de seu salário e do da sua esposa. Ambos moram na casa que seria também da “partilha”.

No entanto, sem muita clareza no assunto, o pastor diz que poderia aceitar caso “a igreja quisesse ajudar” mas que isso seria muito difícil, veja-se as palavras do pastor:

Pastor Antônio: A igreja pode até querer nos ajudar, mas é muito difícil a gente aceitar alguma coisa... muito difícil.

Entrevistador: Como assim a igreja pode querer ajudar?

Pastor Antônio: Que eu... é... a ordenança da igreja... você pode usufruir... é uma coisa não só do código penal, né... no código penal, perdão, no código, constituição, mas, é... no, no, no... estatuto da igreja também. Eu posso usufruir. Mas não é... eu e minha esposa, nós somos jovens, a gente num tem... a gente tem gosto pelo trabalho a gente num tem muita queda por isso, né, de, de... então às vezes, igual meu pai já não... é um aposentado, e aposentadoria já num é um grande recurso. Se ele precisar de, de... da secretaria que ajude ele. A secretaria vai lá e... e faz uma cesta básica, faz alguma coisa assim pra ele, que tá de dificulda... de dificuldade, mas é... a igreja aqui ela não é... ela não sobrevive, com os pastores aqui não sobrevive de um... de uma renda, né. Cada um tem... cada um, cada pastor tem seu emprego. (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio)

Quando perguntei quantos pastores havia na igreja, o pastor me respondeu que eram cinco homens, três mulheres e que “a cantora nós tamo pensando” e depois esclarece, com risos, que a cantora é a esposa dele, e reafirma que estão pensando nela. Isto, é, ele e seu pai planejam ordenar sua esposa como pastora também.

O pastor afirma participar nas tarefas domésticas, mas reconhece que sua esposa faça mais do que ele. Sua filha fica em uma creche da prefeitura durante a semana e em casa durante o Sábado e Domingo. Seu filho estuda em uma escola estadual conhecida pela boa qualidade na região norte de Belo Horizonte, e que não é tão próxima da casa, e, cursando o segundo ano do ensino médio, pretende prestar a prova do Enem com vistas a ingressar em uma faculdade de medicina, no Sábado, estuda inglês, informática e administração.

No tempo de lazer, o pastor diz que “a gente sai um pouquinho, né, do meio religioso e fica um pouco mais social, né”. Ele gosta de passar com a família, seja viajando para um Resort, visitando um parente, indo a algum aniversário, ou passeando nos parques que tem ao redor do bairro.

Trajetória do pastor Bruno

Conheci o pastor Bruno desde o início das minhas observações de campo e ele mostrou alguma curiosidade sobre o que eu estava fazendo na igreja. Busquei sanar suas dúvidas com relação a isso sempre que me perguntava, explicando sobre a pesquisa que eu fazia. Quando, em 2017, pedi para ele uma entrevista, o pastor prontamente aceitou e se dispôs a marcar uma data, mas sem marcarmos ainda. Antes de marcarmos uma data para entrevista, em um dia que eu participei do estudo de pré-batismo, o pastor me procurou ao fim da “aula” e se dispôs a fazer a entrevista. Precisei marcar para outro dia, já que eu não tinha o termo de consentimento e o roteiro de entrevista comigo no momento. Marcamos ao final das aulas de pré-batismo (após o pré-batismo, a igreja fica aberta até quando termina o estudo dominical) e assim fizemos nossa entrevista, que precisou ser realizada em duas partes, devido ao horário da igreja fechar. Nota-se que, se a entrevista do pastor Carlos (cuja trajetória será a próxima a ser apresentada) pôde ser feita em horário e dia que a igreja não estava em funcionamento, ele tinha acesso livre para uso da igreja, enquanto com o pastor Bruno, mesmo marcando a entrevista na igreja, ficamos restritos ao horário em que a igreja estava aberta para seu funcionamento normal.

Fizemos a entrevista no fundo da igreja, enquanto o grupo da escola dominical estava nas cadeiras da parte da frente da igreja. Como a entrevista ocorreu logo após o estudo de pré-batismo que o pastor Bruno ministrava, ele estava com a Bíblia consigo previamente e assim manteve durante a entrevista.

O pastor Bruno se considera “negro, apesar de [...] não ser tão preto assim”, tinha 25 anos na data da entrevista, em Novembro de 2017 (nascido em 1992). Ele é divorciado e não tem filhos. Mora com a mãe e seu pai é falecido. De família católica, sua história de conversão, como veremos, está intimamente relacionada à sua busca por interromper seu consumo de drogas e com o distanciamento da criminalidade, com a qual começou a se envolver. Bruno tem três irmãs e um irmão. Bruno trabalha em linha de 1978-198 produção e ganha um valor um pouco acima de salário mínimo, em muitos períodos ele ficou desempregado e teve que se sustentar fazendo “bicos”. Nas pregações, Bruno se destaca com performances e “danças” e

suas pregações têm ritmos de fala intensos. Sua oratória e a quantidade de profecias e manifestações que desempenha na igreja fazem com que se formem longas filas de pessoas ao final do culto que o buscam para pedir orações individuais enquanto outros pastores têm menor ou nenhuma demanda por orações.

O pai de Bruno morava no interior de Minas Gerais, de onde veio para Belo Horizonte. Os pais do pastor Bruno se conheceram no Bairro São Bernardo, na região norte de Belo Horizonte. Seus pais era vizinhos e seu pai, que era muito “namoradeiro” foi conquistado pela mãe de Bruno. Tiveram uma filha primeiro e então se casaram. Seu pai sempre trabalhou como eletricista e bombeiro enquanto sua mãe trabalhava como doméstica. Hoje, sua mãe não trabalha mais por ter problema respiratório e vive com a renda que tem da pensão de seu pai. O pastor Bruno conta que quando nasceu (em 1992), seus pais moravam em outro bairro, o Conjunto Felicidade (também na região norte de Belo Horizonte, embora em uma área mais periférica) mas logo mudaram-se para o bairro São Bernardo de volta.

Na escola, Bruno conta que “aprontava” muito. Ele diz que era um tempo de “vida corrida”, “meninas” e “droga”, mas tinha bom relacionamento com os colegas. Se desde os 12 anos ele já fazia uso de bebidas alcoólicas, no final do ensino fundamental ele já via o uso de drogas na escola, mas ainda não fazia uso.

A família de Bruno era católica, incluindo ele, mas os pais de Bruno freqüentavam centros de umbanda até quando Bruno tinha cerca de cinco anos de idade. A partir de então, eles iam para centros espíritas e levavam o pastor Bruno com eles, mas ele afirma que nunca se sentiu muito próximo do espiritismo. Quando tinha cerca de dezesseis anos, toda sua família parou de ir ao centro espírita. O pastor interpreta que, antes de se tornar evangélico, ele “sabia” que Deus tinha um chamado para ele, mas não “entendia” isso. Ele diz que já “sabia” que tinha um chamado pelo fato de que antes de ser cristão ele orava em casa, ato que aprendeu sozinho, além de que tinha sonhos em que era perseguido por soldados romanos. Na época, Bruno não compreendia o significado destes sinais de seu chamado, coisa que apenas faz hoje, retrospectivamente – por isso diz que “sabia” mas não “entendia”. Mas também explica que orar não significava “falar palavras bonitas com Deus”, era simplesmente “falar aquilo que tá dentro do seu coração”.

Aos treze ou quatorze anos, aproximadamente, Bruno começa a trabalhar como ajudante de pedreiro, conseguindo trabalho primeiramente através de seu pai

e posteriormente através de um colega com quem estudava. Aos dezesseis anos, começa a trabalhar em uma mercearia onde sua irmã tinha um emprego (e o tem até hoje). Por dois anos Bruno ficou trabalhando por períodos curtos e intercalados por desemprego até que teve sua carteira de trabalho assinada, o que durou nove meses.

Quando alcança a metade do primeiro ano, já estava fazendo uso freqüente de drogas e diz que só ia para a escola para “aprontar”. Tomou então a decisão de parar de ir para a escola porque corria o risco de morrer na escola, e achou que ficaria mais seguro em casa (durante a época que usava drogas, Bruno foi ameaçado várias vezes de morte, ele não especifica o motivo preciso das ameaças, embora diga que tinha relações com a droga).

Na mesma época em que Bruno saiu da escola, seu pai descobriu que estava com câncer, por consequência do hábito de fumante. É nessa época que Bruno diz que Deus “começou a trabalhar na vida dele”.

Já com dezoito anos, foi trabalhar como impressor cenográfico, na linha de produção de uma indústria de plástico próxima à sua casa. Nesta empresa, trabalhou com um pastor e com uma obreira que eram casados. Eles chamavam Bruno para a igreja deles e ouviam músicas de louvor no trabalho. Apesar do insistente convite deles para que Bruno fosse à igreja, ele não foi na igreja deles. Mas o contato com as músicas de louvor foi uma importante forma de aproximação de Bruno à igreja.

Em 2012, com 19 anos, um rapaz havia jurado Bruno de morte e ele ficava escondido em sua casa. Nesse contexto, uma amiga sua com quem se encontrava para fumarem maconha em companhia propôs levá-lo para uma igreja. Quando explicando porque tinha vindo nessa igreja e não em outra, o pastor Bruno conta que sua amiga trouxe-o para a igreja em que ele é pastor hoje porque tinham lhe falado que era uma igreja boa, e “Ela foi lá e me trouxe aqui. Mas ela não era daqui. Ela já ouviu falar que aqui era um igreja boa, e tal. Então falou ‘vamos lá então, é lá que eu tem que ir mesmo’. Peguei e inclusive o rapaz que queria me matar, que tinha me jurado de morte, ele morava nas redondezas aqui. Mora ainda, né... Aí eu vim com medo” (Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno).

Ao conhecer a igreja, o pastor diz que sentia “uma paz” quando participava dos cultos. Ele passou a freqüentar a igreja, nessa ocasião, todos os domingos. Ele

usava drogas nos outros dias da semana, mas evitava seu uso aos domingos, quando participaria do culto à noite. No entanto, o pastor relata dificuldade para se afastar do uso de drogas e relata que a oferta de drogas ficou maior, com pessoas que passaram a oferecer mais drogas pelo mesmo preço que ele pagava antes. Bruno, então, afastou-se da igreja por cerca de um mês. Sua situação volta a se agravar, com maior uso de drogas, e novamente é ameaçado de morte.

No final de 2012, pouco tempo antes do Natal, o pai do pastor faleceu. Na virada do ano, Bruno conta ter feito uma promessa de que iria parar de usar drogas e entrar na igreja. Ele resume seu pensamento como o seguinte: "ou eu me entrego totalmente pra Deus... ou eu vou acabar morrendo" (Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno).

Em Janeiro de 2013, em um Sábado, um grupo de pessoas encurralou Bruno em um beco e o pastor foi severamente agredido. No dia seguinte, um domingo, conta que desde quando acordou mantinha fixa a idéia de ir à igreja. No decorrer do dia, diz, se entregou ao impulso de procurar droga, mas se arrependeu antes de concretizar a compra, pediu seu dinheiro de volta ao vendedor e foi para sua casa. Então, ele conta:

Peguei meu dinheiro de volta, tomei um banho, troquei de roupa... Minha mãe deu até glória na hora que eu cheguei em casa... eu falei "hoje eu vou pra igreja" aí todo mundo comemorou... "ele vai pra igreja!"... aí veio todo mundo comigo, veio todo mundo. Aí nesse dia eu entrei na igreja e na hora que eu pus o pé na porta da igreja eu comecei a chorar. Já entrei chorando e aí a pastora já desceu do altar... e Deus usando ela pra falar... e ela falava mas era Deus que falava através dela comigo. (Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno)

Foi a partir deste momento que Bruno conta ter se livrado do seu vício em drogas, mas não especifica se chegou a fazer uso de drogas ilícitas ainda alguma vez depois disso. Seu uso de cigarro permaneceu, como contou certa vez em um dia de estudo de pré-batismo, até poucos dias antes de seu batismo, e sempre sob pressão do pastor presidente da igreja, que ameaçava não batizá-lo se ele não parasse de fumar.

Em 2013, com 20 anos, Bruno saiu da empresa de plástico e foi trabalhar na linha de produção de uma empresa de mineração e siderurgia em contagem, como

trabalhador terceirizado. Lá, teve contato com uma “célula”³¹ de uma igreja evangélica através de um convite de um colega de trabalho para uma “confraternização”, que o pastor diz ter acreditado inicialmente ser uma festa de aniversário até chegar ao lugar e perceber que se tratava de um culto. Embora surpreso e um pouco desapontado, Bruno permaneceu no encontro e passou a frequentá-lo. A célula acontecia sempre no horário de almoço (um intervalo de uma hora), dentro de uma sala da empresa. Bruno conta que eles almoçavam e já se encaminhavam diretamente para a célula, antes de retornar ao trabalho. Algumas vezes atrasavam um pouco para voltar ao trabalho, diz o pastor: “às vezes voltava uns cinco minutos mais tarde... mas era tudo pela fé”.

Assim que se converteu, Bruno conta que, sem demora, se batizou e começou a pregar nas ruas do seu bairro, em praças, e em porta de um presídio, para familiares dos presos que passavam pelo lugar. Também passou a pregar na empresa, onde afirma ser um dos lugares que mais gostou de trabalhar porque foi onde ele “mais ganhou almas para Jesus”. Na sua vizinhança, ele buscou explicitar sua conversão e sinalizá-la para todos o mais rápido possível, contando para seus amigos (“Quando eu aceitei Jesus eu já saí falando com todo mundo: ‘eu aceitei Jesus, agora eu sou de Cristo’” - Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno), além da forma como se vestia (usando roupas sociais) para ir à igreja. O pastor Bruno tem alguns casos que me contou não apenas na entrevista, mas também nos estudos da igreja, de como lidou com algumas pessoas que buscavam ou ofereciam drogas para ele após sua conversão oferecendo o caminho da religião e pregando para eles. Sua conversão foi, inicialmente, recebida com desconfiança pelas pessoas que o conheciam, mas ele buscou mostrar que ela era séria, e hoje as pessoas o tratam com respeito. Bruno conta que era chamado de diversos apelidos pejorativos e relacionados ao uso de droga, mas que hoje só lhe chamam pelo nome ou pelo título de pastor.

³¹ “Célula” é um ponto de pregação criado com um lugar estabelecido e um dia e horários fixos, também pré-estabelecido. Na célula, reúne-se um grupo de pessoas com o objetivo de fazer uma pregação e louvor. Os encontros em células costumam ser curtos, com duração próxima de uma hora, enquanto cultos em igrejas duram, geralmente, entre duas horas e duas horas e meia. O nome “célula” é usado primordialmente pelas pregações ligadas às igrejas batistas. No meio pentecostal, a mesma prática das células também existe e tem funcionamento idêntico, embora recebam, preferencialmente, o nome de “culto nos lares”. No relato de Bruno, a célula foi instrumento importante de sua aproximação com o meio evangélico e também de suas primeiras pregações, bem antes de se tornar pastor.

Ainda em 2013, alguns meses após sua conversão, o pastor Bruno foi demitido da Magnesita por causa da crise. O pastor ficou desempregado mais de um ano e meio. Nesse tempo, com a benção do pastor presidente da igreja, Bruno foi congregar alguns meses em outra igreja, de um pastor que era daquela mesma igreja mas foi montar a sua própria, e depois de alguns meses voltou para a mesma igreja inicial. Bruno conseguiu um emprego temporário neste período, em que trabalhou instalando cerca elétrica para uma empresa em uma área de luxo na região sul da cidade.

Como foi dito, desde que se converteu, o pastor Bruno começou a pregar nos lugares em que ele ia. Posteriormente ao momento em que ele começou a pregar, ele diz que Deus começou a usar os pastores para mostrar que ele tinha um chamado³². Ele diz que começou, então, a ter sonhos que interpretava como mensagens de Deus de que ele deveria se tornar um pastor. Embora ele não tivesse pretensão de ser pastor, Bruno diz que queria ser obreiro em um momento e missionário em outro momento da entrevista.

Em 2015 conseguiu emprego em uma salsicharia no bairro Guarani em local próximo à sua casa e à igreja. No final do mesmo ano ele se casou com uma moça que conheceu na própria igreja, após namorarem por cinco ou seis meses. Ambos se mudaram para uma casa alugada, no bairro Guarani. Sua esposa trabalhava como empregada doméstica. Pouco depois de casado, foi ordenado a pastor através do conselho de pastores que operava na igreja à época. Ele conta que geralmente é necessário fazer uma prova, mas como ele já conhecia o pastor presidente do conselho³³, ele foi liberado de fazer esta prova. O pastor também não fez curso, diz que aprendeu tudo sozinho, observando os outros pastores e pregando igual, além da leitura da Bíblia. Sobre o seu “chamado” para pastor, ele diz que “Quando o Pastor Felipe me consagrou, tudo que um pastor fazia eu já fazia. A gente na verdade, a gente já nasce com a unção de Deus. Eu já nasci pastor, só que eu não sabia ainda que eu era”(Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o

³² Bruno diz o seguinte: “quando eu comecei a pregar a Palavra de Deus, Deus começou a usar os profetas dentro da igreja, começou a falar que Deus tinha uma obra na minha vida, que eu ia ser um grande pregador, que eu ia pregar em várias lugar, que Deus ia me levar em várias lugar. E Deus mostrou o pastor, que eu ia ser pastor. Depois que Deus me falou comigo através de um pastor na igreja que Deus ia me consagrar pastor” (Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno).

³³ Trata-se aqui do presidente do conselho de pastores ao qual a igreja era filiada na época.

pastor Bruno, o nome citado foi alterado por nome fictício). Observe-se que, seguindo o que também relataram os outros pastores, Bruno foi consagrado a pastor após já desempenhar todas tarefas que um pastor faz. O desempenho das tarefas próprias de um pastor torna manifesto o chamado que seria dado desde o nascimento, na visão dos pastores. A consagração pelo conselho só formalizou esse chamado e deu a carteirinha de pastor ao Bruno, mediante pagamento da carteirinha (cujo valor o pastor diz não se lembrar). Ainda hoje o pastor é filiado ao mesmo conselho, apesar de a igreja ter mudado para outro conselho.

Em meados de 2016 ele perdeu o emprego e passou a viver da renda obtida por panfletagem para uma lanchonete de seu cunhado. No final de 2016, após cerca de um ano de casado, separa-se da esposa, após conversarem com o pastor presidente da igreja. O pastor presidente concordou com o divórcio, dado que não havia alternativas. O pastor reconhece que “Deus não se agrada de divórcio”, mas justifica que, se o casamento não deu certo, foi porque o próprio ato de casar não foi feito sob a direção de Deus. Por isso, diz o pastor, ele aconselha as pessoas a namorarem muito para não casar sem a direção de Deus. Em Junho de 2017, o pastor Bruno consegue seu trabalho na salsicharia novamente, com a carteira assinada. Lá, Bruno é responsável por pesar o alimento e embalar, função pelo qual são responsáveis ele e mais uma pessoa. Bruno normalmente fica responsável por pesar enquanto o outro fica responsável por embalar, mas algumas vezes eles invertem as funções. Como é requisito usar roupas especiais e botas para entrar na área em que trabalha, diz que apenas vê seu chefe na hora do pagamento. O seu maior contato com o chefe é indireto, feito pela observação que o chefe faz por meio de uma câmera. Bruno diz que tem bom relacionamento com seus colegas de trabalho. Eles sabem que ele é pastor e ele os convida a visitar a igreja. Alguns deles já foram convertidos, diz o pastor.

Só depois de se tornar pastor Bruno teve curso sobre a Bíblia, sob iniciativa de um pastor na igreja, mas que parou na metade e deixou o curso sem conclusão. Bruno também fez um curso de liderança de 8 horas dado em um mesmo dia, com um professor de outra igreja (que o pastor não tem certeza se foi da Assembléia de Deus ou da Adventista). O pastor comprou um livro sobre liderança na ocasião, que diz ainda ter em sua casa, organizado pelas próprias pessoas que deram o curso.

Em seu tempo livre, o pastor Bruno diz ler a Bíblia e escutar louvor. Quando perguntei se não fazia mais alguma coisa, ele afirmou também jogar vídeo game “que também pastor é gente” (Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno), jogar bola e sair para o bar ou para almoçar com a família. Ele diz fazer orações para sua família e diz que eles freqüentam esporadicamente a igreja, mas afirma que apenas ele permanece “firme na presença de Deus”. Ele diz “ajudar” nas tarefas domésticas arrumando a casa e lavando vasilha, mas apenas nos dias de folga.

Na igreja sua função é a de pregar, ajudar em tudo o que for necessário e abrir o culto quando for pedido. Há uma escala que normalmente é feita pela secretária da igreja, avisada com uma semana de antecedência por telefone. Qualquer coisa que Bruno faz associado ao seu cargo de pastor é informada previamente ao pastor presidente com antecedência. Além das atividades, em si, Bruno também afirma que é preciso estar sempre preparado para pregar, porque sempre há possibilidade de algum pastor faltar e ele ser requisitado para fazer a pregação. A preparação para a pregação envolve a obrigação de que ele tenha feito jejum e consagração, segundo o que ele relata³⁴. O jejum não tem uma regra sistemática de funcionamento. Para o pastor Bruno, o jejum significa ficar sem comer ou beber nada por um tempo estipulado subjetivamente, por critérios que o próprio pastor decide. Ele afirma fazer o jejum todos os dias na parte da manhã, se permitindo comer apenas no almoço. Mas Bruno diz que o jejum é obrigatório porque “Porque pode acontecer qualquer situação endemoniada... se eu não tiver no jejum às vezes o demônio pode nem sair, porque tem demônio que só sai se você tiver no jejum e na oração”. Bruno têm o plano de, no ano seguinte ao da entrevista, fazer trabalho de conversão fora da igreja (missionário) porque é onde as pessoas realmente precisam, já que na igreja as pessoas já estão convertidas e salvas, diz ele.

O pastor diz não receber qualquer tipo de remuneração desta igreja em que congrega. Ele faz pregações frequentemente em outras igrejas, através de convites, e ele diz não cobrar nenhum valor para isso, mas às vezes o pastor da igreja que o convidou oferece um dinheiro e, nesses casos, ele aceita. Ele conta que uma vez

³⁴ Apesar de Bruno relatar como uma exigência para as orações e pregações que ele tenha feito jejum previamente, o jejum não é visto como obrigação por todos os pastores como veremos mais à frente.

recebeu um dinheiro em uma situação como esta e que faltava gás na sua casa, e o dinheiro foi suficiente para comprar o gás que estava faltando, ele justifica dizendo que Deus usou o pastor da outra igreja para não faltar gás em sua casa. Ele não especificou a data em que isso ocorreu (mas certamente aconteceu entre 2016 e 2018). Pelo preço do gás de 13Kg, geralmente usado pra fins residenciais, o valor recebido deve ter ficado entre 40 e 70 reais, ou um valor próximo de 5% do salário mensal do pastor hoje, em seu trabalho na salsicharia.

Bruno mantém uma expectativa tímida de fazer a obra de Deus de forma remunerada; diz ele:

Se eu pudesse viver disso aqui eu vivia... se o pastor chegasse pra mim e falasse: 'Rodrigo, eu quero te assalariar procê... trabalhar, viver... viver só da obra de Deus', eu ia aceitar com o maior prazer, porque é uma coisa que eu gosto de fazer. O pastor podia me prometer um salário mínimo... eu ia ficar muito feliz. Por que? Eu faço o amor de Deus por amor. Se Deus me honrar de viver por ela, eu ia ficar muito feliz mas por enquanto eu trabalho. Mas eu também não tenho interesse assim de falar 'não, eu quero só da obra de Deus, não'. Eu faço da obra de Deus porque eu gosto. Se Deus me abençoar, amém. (Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno)

Mas, da entrevista do pastor vice-presidente da igreja, sabemos que a remuneração não é feita para nenhum dos pastores da igreja. A igreja, no entanto, costuma dar apoio material (com dinheiro ou cestas básicas) para as obras missionárias.

Trajetória do pastor Carlos

Conheci o pastor Carlos na igreja. Ele não costuma fazer muitas pregações e costuma ficar recatado durante os cultos. Ele foi a última pessoa pra quem pedi entrevista na primeira igreja que freqüentei. Na primeira vez que marcamos uma entrevista, o pastor marcou na própria igreja mas não foi no dia e nem mesmo respondeu à mensagem que eu havia enviado previamente. Quando cheguei à igreja ela estava fechada. Chamei nos fundos e o pastor presidente, que mora ali, me atendeu, e, um pouco sem graça, me informou que o pastor Carlos sequer estava em Belo Horizonte, me disse que ele estava em Jaboticatuba com a esposa, em acampamento.

Tendo em vista o ocorrido, considerei nem mesmo marcar outra entrevista – porque também já estava buscando contatos para entrevistas em outra igreja. Em um culto posterior encontrei na igreja o pastor Carlos, que me procurou para pedir desculpas dizendo que houve imprevistos e propôs uma nova data para a entrevista – como ele propôs, eu aceitei a nova data. Ao final deste mesmo culto, quando eu estava saindo da igreja, me despedi dele (ele estava na porta de saída com sua esposa) e confirmei a data para o nova entrevista. A esposa dele, então, se desculpou por ele várias vezes (já sabia do caso, aparentemente) e insistiu, repetidamente, que desta vez ele não faltaria enquanto o pastor simplesmente se mantinha quieto ao lado dela.

No dia da segunda entrevista, o pastor chegou à igreja e abriu para fazermos a entrevista lá. Ele tinha consigo uma Bíblia, que pegou na igreja para ter por perto durante a entrevista. Se manteve durante a primeira meia hora de entrevista dando respostas curtas. Sempre que podia se restringir a “sim” ou “não”, ele assim o fazia. Tentei, dentro do possível, alterar as perguntas na hora para limitar a possibilidade de respostas curtas, e a partir de quando já tínhamos cerca de meia hora de entrevista transcorrida, o pastor ficou um pouco mais à vontade para dar respostas um pouco mais narrativas. No final, essa entrevista durou pouco mais de uma hora, e foi certamente de informações mais limitadas. O pastor também ficou bastante intimidado com o gravador, para o qual ele olhava a todo instante.

Carlos é jovem, tem 24 anos (na data da entrevista em Fevereiro de 2018) e é muito tímido e recatado. É casado e tem uma filha de dez meses. Pastor Carlos é negro segundo sua declaração e sua esposa aparenta ser parda. Tem dois irmãos e uma irmã. Sua irmã mais velha é nascida em 1977 (41 anos) enquanto seus irmãos nasceram em 1977 e 1980 (41 e 38 anos). Seu irmão mais velho já é falecido, mas tinha sido pastor em vida. Seu pai e sua mãe são pastores e todos seus irmãos ocupam cargos em igreja. Todos eles pentecostais. A trajetória do pastor Carlos foi desde cedo marcada por isso, diferentemente dos outros entrevistados, que têm uma história de aproximação da igreja, o pastor Carlos já “nasceu no berço evangélico”.

Seu pai nasceu na região de Valadares e sua mãe também é do interior de Minas Gerais, mas se conheceram em Belo Horizonte, namoraram por três anos e então se casaram, no ano de 1975. A mãe de Carlos, próximo da época do

casamento, tirou registro para trabalhar como corretora de imóveis e foi seguida pelo esposo, pai do pastor Carlos. Até hoje trabalham como corretores de imóveis.

Seu pai é pastor há mais de quarenta anos, o pastor não desenvolveu sobre a história, mas dada a diferença deste tempo para sua idade, ele não assistiu à conversão de seu pai. O pastor conta, sem detalhes, que seu pai chegou até a freqüentar grupos de Candomblé antes de se converter para o pentecostalismo. Sua mãe foi católica antes da conversão. Nestes quarenta anos, sempre moraram no mesmo endereço, no Bairro Guarani, e é lá, no mesmo terreno do pai, que o pastor mora hoje com sua esposa e filha, embora em uma casa ao lado da casa de seu pai. Seu pai congrega em uma igreja em Vespasiano e sua mãe congrega em uma igreja em Belo Horizonte mesmo.

Embora todos pastores digam, em uma primeira resposta, que não se tornaram pastores, mas que, no lugar, foram escolhidos, ou, chamados, por Deus para desempenhar a função de pastores, estes pastores sempre têm uma história de como esse chamado não era conhecido e aos poucos, na medida em que desempenhavam funções auxiliares na igreja, o chamado de pastor foi se manifestando, sendo descoberto por ele. No caso do pastor Carlos isso não ocorreu. Filho de pastor e de pastora, ele conta que seu chamado para pastor veio antes mesmo dele nascer. Ele conta:

É porque eu já nasci com o chamado. Já nasci vocacionado a ser ministro do Evangelho. Até quando minha mãe estava grávida, minha mãe descobriu que estava grávida já tinha seis meses... minha mãe tava tratando de uma doença e foi lhe informado a ela pelo médico... mas na verdade ela estava grávida e... foi liberado a profecia que eu seria um dos profetas dos últimos dias. Como segue uma linhagem... lá em casa meu pai é pastor, meu irmão é pastor, minha mãe é pastora, minha irmã mais velha é pastora... então segue ali uma linhagem. Não quero eu dizer que seja... que ser pastor é uma herança, porque ninguém é escolhido por herança. Você é vocacionado por Deus e Deus escolhe quando... antes mesmo de você nascer. Então eu creio assim. (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Carlos)

Assim, diferentemente dos pastores que vivenciaram uma trajetória de conversão, pastor Carlos, que nasceu em berço evangélico e cujos irmãos e irmã tiveram, todos, funções na igreja, recebeu o chamado explicitamente antes de nascer, através de uma profecia. Na fala, vemos que o pastor tenta justificar o fato como uma coisa comum, e faz o uso do termo “linhagem”: ao mesmo tempo ele se

reconhece como participante de uma linhagem de pastores mas também nega a existência de uma herança do chamado.

No entanto, não foi apenas a profecia do chamado que condicionou a atividade de pastor de Carlos. Ele ainda não havia sido ordenado, e exercia funções apenas auxiliares na igreja, preferindo atividades que exigissem menor exposição ao público, devido à sua timidez, até o seu irmão falecer, vítima de bala perdida, deixando para ele seus postos na igreja, como explicaremos um pouco mais à frente.

Voltando ao período em que o pastor Carlos tinha oito anos, seu pai ainda era presidente de uma igreja dele. Pelo desenvolvimento de uma diabetes, o pai dele se afastou do ofício de pastor para cuidar da saúde nesta época³⁵. Assim, com o cunhado (pastor Antônio) sendo o vice-presidente de uma igreja, pastor Carlos passou a freqüentar aquela igreja. Foi também ali que ele passou pelas águas, aos 15 anos de idade. Mas antes mesmo do batismo, aos 12 anos, ele já desempenhava função na igreja como Levita, apenas tocando bateria porque “até então eu era muito tímido” diz Carlos.

O pastor conta que estudou em uma escola pública estadual situada no mesmo bairro. Como o pastor é novo de idade, já faz parte de uma geração que teve aulas de sociologia na escola, mas ele não comenta muito sobre as matérias. O pastor também chegou a ter, na escola, aulas de religião. Sua professora era católica e ele diz que, já tendo “uma mente aberta”, pelas coisas que aprendia em sua casa, ele buscava ter uma atitude, nas aulas, de “colher de tudo e aproveitar só aquilo que é benéfico”.

Na escola, o pastor diz que muitas vezes vivenciou confrontos por um lado pela discordância com as aulas de religião, ao que ele atribui ao fato de que, na época “... não existia ainda o... o... o meio católico igual tem hoje que é o carismático. Então era aquele antigo Deus tradicional” e por outro lado com a “questão do homem vir do macaco, essas coisas...”. Quando isso acontecia, ele diz que batia de frente, não aceitava, e por causa de sua atitude, ele sofria retaliação por parte dos professores (por não recebimento de notas em trabalhos feitos por ele e repreensão por discordância das coisas ensinadas). Ele diz que “Porque se um

³⁵ Eu tenho essa informação somente a partir da entrevista do pastor Antônio. O pastor Carlos não entrou em detalhes sobre o porque de seu pai se afastar da sua igreja.

professor tá pra ensinar e cê vai com outro pensamento, com outra estrutura, realmente cê sofre” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Carlos).

Outra vivência do pastor se refere à maior dificuldade de convívio na época da escola, em comparação com hoje, porque diz o pastor, naquele tempo as igrejas evangélicas eram mais rigorosas, enquanto hoje elas são moda, “o Evangelho virou moda”. Assim, ele explica, se antes a igreja mantinha cobranças mais estreitas aos comportamentos das pessoas, hoje elas flexibilizaram estas obrigatoriedades de seguir certos comportamentos (como a proibição para as mulheres de cortar o cabelo e fazer as unhas e para os homens de usar bermuda) para ampliar o alcance da evangelização. Por causa disso, segundo o pastor, ele não era compreendido na escola e virava alvo de zombarias. Ele diz que hoje isso é diferente porque com a flexibilização das condutas da igreja, as pessoas foram mais integradas a ela.

Com quinze anos de idade o pastor começou a trabalhar em obras, por influência de seu irmão que era pedreiro. Na mesma contratação que seu irmão trabalhava, ele começou, então, trabalhando no departamento de marketing: ele era responsável pela montagem de tapumes, mural, iluminação e complementos que diziam respeito à obra. Com 16 anos ele “descobre a sua profissão”, quando foi trabalhar com segurança eletrônica. Seu patrão freqüentava os mesmos cultos que ele e lhe chamou para começar a trabalhar para ele. Esse patrão foi responsável por lhe dar os primeiros treinamentos. O pastor é muito grato a ele até hoje por ter aprendido tudo com respeito à sua profissão e pela paciência dispensada por ele no início de seu trabalho. Desde os seus 18 anos, mantém-se fazendo sempre cursos de atualização e reciclagem para acompanhar as mudanças do setor, que, diretamente ligado ao uso de tecnologia de segurança, incorpora novidades que precisam ser aprendidas. Ele diz ter feito aproximadamente dez cursos nestes sete anos com que trabalha com isso. Sua função hoje é, especificamente, de supervisão de manutenção de portarias virtuais, utilizadas para substituição dos porteiros. O último curso de atualização que pastor fez foi no ano anterior ao da entrevista, e ele justifica que o sistema integrado à internet que é usado hoje é diferente do sistema que era usado quando ele começou a trabalhar.

Com dezoito anos de idade, o pastor Carlos conheceu sua atual esposa. Seu pai tinha “uma situação melhor”, diz o pastor, se referindo à situação financeira, e ele acolhia pessoas oferecendo moradia. Uma pessoa que seu pai acolheu foi a avó de

sua atual esposa, que na época tinha 15 anos. Com as visitas dela à igreja, o pastor Carlos a conheceu e começaram a namorar. Três anos depois, quando ela completou 18 anos (e o pastor tinha, então 21), casaram-se.

Ainda aos seus 18 anos, pastor Carlos mudou-se para outra igreja, que se localiza no mesmo bairro e que é uma igreja mais tradicional, mais apegada aos costumes e regras rígidas do pentecostalismo³⁶. Ele explica sua mudança como um mero acaso, e não detalha motivos concretos que o levaram a essa mudança. Se dos 12 anos até quando mudou de igreja, aos 18, ele havia unicamente desempenhado função como Levita, na nova igreja ele exerce cargo de cooperador, além de permanecer com as funções de Levita. Como cooperador, ele exerceu atividades auxiliares nos cultos e nas aberturas dos cultos, fez trabalho de libertação e visitas, assim, ele explica, ocupou quase o mesmo cargo de um diácono ou de um presbítero.

Em 2016 o pastor retornou à igreja que estava antes (que foi onde eu o conheci). Pouco depois disso, em Novembro de 2016, seu irmão falece vítima de uma bala perdida. Seu irmão era também seu professor de teologia, segundo ele, e sempre lhe dizia que em todos lugares que atuava, as pessoas sabiam que quando ele morresse era Carlos que deveria assumir o lugar dele. Entre as atividades que seu irmão exercia estavam a de vice presidente da igreja e a de presidente de um conselho de pastores. O cargo de vice-presidente da igreja não foi transferido para o pastor Carlos, ele ficou, no lugar, com o pastor Antônio, filho do presidente da igreja. Mas o conselho de pastores – que tem sede em São Paulo – passou por um processo de competição pelo posto de presidente sem sucesso e o Pastor Carlos foi chamado para o cargo, como era a vontade de seu irmão. Como Carlos não era pastor ainda, ele foi, de surpresa, sem comunicação prévia, ordenado a pastor em Novembro de 2016 para que pudesse assumir o cargo no conselho.

Neste conselho de pastores, Carlos ocupa a função de presidente mas, ele diz não ir muitas vezes para São Paulo. Não há reuniões de forma muito freqüente, e ele afirma que não há necessidade porque o vice presidente do conselho mora em São Paulo e tem autonomia para suas decisões. Então sua função se resume à

³⁶ Essa igreja, o pastor me contou depois da entrevista, quando estava um pouco mais relaxado sem a presença do gravador, impõe regras de conduta tão rígidas que seus membros são proibidos de conversar com os membros de uma outra igreja pentecostal que fica literalmente ao seu lado.

administração das questões mais locais, que tem mais proximidade. Quando necessário um encontro, o pastor vice-presidente é que vem para Belo Horizonte.

As atividades que o pastor desempenha relacionadas à religião compreendem suas funções na igreja e suas funções no conselho de pastores. Na igreja, o pastor se dedica às pregações que faz eventualmente, quando decidido pelo presidente da igreja e é responsável pelos congressos e eventos dirigidos aos jovens. Estes congressos, bem como as campanhas, consistem em uma seqüência de dias que podem coincidir com os dias e horários dos cultos, mas podem também abranger outros dias que normalmente não teriam cultos (os dias que normalmente tem cultos são a quarta feira, sexta feira e domingo, mas as campanhas e congressos podem acontecer também nos outros dias da semana). Esses eventos nada diferem dos cultos tradicionais senão pelo tema que será tratado (no caso dos eventos pelos quais Carlos é responsável, tratam de assuntos voltados aos jovens) e pela presunção de que os fiéis deverão participar de todos os encontros compreendidos na congresso ou campanha. Também é de responsabilidade do pastor Carlos a divulgação destes eventos. A divulgação é feita por ele através da publicação de uma imagem promocional em um site de relacionamento social via internet e em um programa de troca de mensagens eletrônicas via celular, ambos populares³⁷, a divulgação é, portanto, limitada às pessoas com quem o pastor tem contato através de um destes meios. A divulgação também é feita no final dos cultos, quando se anunciam informações concernentes aos próximos encontros da igreja.

Para se preparar para os cultos, o pastor Carlos dá ênfase na necessidade de estudar e praticar aquilo que vai pregar. Nota-se que a prática dos ensinamentos é considerada fundamental para o pastor quando ele se refere à preparação para uma pregação. Isso vai ao encontro da observação de que as pregações têm foco muito intenso no relato de casos práticos relacionados à vida do próprio pastor, de pessoas próximas a ele ou das pessoas que freqüentam a igreja.

Carlos diz ter amigos de religiões (maçons e católicos) diferentes e lida com isso dizendo que prefere se calar e “ouvir de tudo”. Ele também tem amigos de outras igrejas pentecostais e neopentecostais, que ele não trata como outra religião.

O pastor prega em igrejas Batistas e Assembléias quando é convidado, e por outro lado, diz que também recebem naquela igreja pessoas das outras igrejas.

³⁷ Trata-se do site *facebook.com* e do programa desenvolvido para telefones celulares *whatsapp*.

Sobre esses convites, o pastor afirma que não se sente confortável em cobrar espontaneamente algum valor estipulado previamente para pregar em outra igreja, assim como também não se sente confortável com as pessoas que estipulam valores para poder pregar nas outras igrejas. No entanto, diz que quando parte voluntariamente da pessoa que fez o convite, o oferecimento de alguma remuneração (“se a pessoa sentir no coração de te abençoar” – Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Carlos), então ele não considera como um problema.

Trajetória do pastor Daniel

O pastor Daniel foi meu único entrevistado de uma igreja diferente. Interessei-me por conhecer esta igreja porque percebi que tinha um funcionamento um pouco diferente das outras igrejas do bairro. Nas outras igrejas pentecostais (*stricto sensu*), ocorre a abertura da igreja somente nos horários em que há culto previsto, que são, via de regra, às quartas feiras, sextas feiras e domingo às 19:00 horas ou 19:30 horas, com a possibilidade de uma escola dominical que ocorre nos domingos pela manhã. Nesta igreja, além deste funcionamento do culto, por vários dias da semana encontrei a igreja com a porta aberta.

Logo na proximidade da porta da igreja, há uma mesa com uma toalha branca e algumas artigos que envolvem três copos com óleos coloridos e perfumados, uma Bíblia, e algumas reproduções de notas de dinheiro. Atrás da mesa, um mural móvel segura um cartaz que promove o aconselhamento que ali acontece para casos de insônia, depressão e problemas financeiros. Sentado à esta mesa que fica próxima da porta da igreja, encontra-se sempre o Pastor Daniel, vestido com um guarda-pó.

O pastor fica sentado ali vários dias na semana, em turnos diversos, esperando as pessoas que ali entram para pedir orações e conselhos. No dia que conheci o pastor pela primeira vez, por exemplo, sentei em uma das três cadeiras que ficam perto da porta, dispostas de lado, como um espaço de espera, e aguardei enquanto o pastor terminava uma oração que fazia para um rapaz. Depois, o pastor me contou que o rapaz havia saído de seu trabalho e procurou a igreja porque estava com dores de cabeças muito intensas.

Desde que me apresentei e expliquei meu propósito como estudante, o pastor foi muito solícito, conversamos por quase uma hora antes mesmo da entrevista gravada. Marcamos uma entrevista para um domingo, mas como tive tempo livre, fui observar um culto do domingo anterior ao marcado. Assim que me viu no culto, o pastor veio conversar comigo e ofereceu de anteciparmos a entrevista. Ele esteve sempre em uma postura de disposição para fazer a entrevista (embora tenha sido evasivo nas perguntas tocantes à sua vida como seu trabalho, as datas de cada evento e sua família), e de insistência para que eu fosse mais vezes ao culto para observar como tudo era mesmo real, apesar de que ele não poderia me dar provas científicas. O pastor pautou explicitamente e com clareza a distância social que nos separava. Durante nossa conversa bem como durante a entrevista, Daniel me explicou, didaticamente, como a vida dele era diferente da vida de um estudante como eu. Para fazer referência à minha posição, por exemplo, ele se referiu à sua distância para “vocês daqui da cidade” que tem “família” e “árvore genealógica”, e diz que “Mas não é o meu caso não. Tive esse privilégio não”. Também diz que: “Eles falam aí que nós somos produto do meio. Se você é criado numa sociedade de classe média e estuda, você tem um padrão de vida diferente. Completamente diferente” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel). Mas de modo geral, o pastor se sentiu entusiasmado e predisposto a responder a entrevista, que durou aproximadamente duas horas e meia.

Quanto aos seus pais, Daniel diz apenas que eles são de Minas Gerais, mas não sabe dizer em quais cidades eles nasceram. Ele diz que vem de uma classe pobre, e por isso não tem árvore genealógica, assim, explica: “as coisas acontecem como se fosse nativo da região entendeu...são pessoas que conhece e se juntam e tem relacionamento, tem filho depois morre, num tem aquela ligação familiar igual esses país de primeiro mundo não” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel). O pastor diz que ele próprio nasceu em Belo Horizonte, em 1974 (tinha 43, quase 44 anos na data da entrevista, em Fevereiro de 2018), mas foi criado desde pequeno no interior de Minas. Daniel diz que não conheceu avós, conheceu seu pai (católico), mas que já é falecido, e conheceu sua mãe (católica), que também já faleceu. Quando perguntei sobre cor ou raça para Daniel, o pastor me respondeu que entende que não existem diferenças de cor e nem de raça, pois estas diferenças apenas ocorrem no mundo material, que não tem nenhuma

importância ou sentido. Para ele, apenas o mundo espiritual deve ser fonte de atribuição de sentidos. Na seção intitulada “os dois mundos” iremos aprofundar nesta temática e suas implicações. Quanto à cor raça do pastor Daniel, ele aparenta ser negro.

Os pais de Daniel não foram casados e passaram pouco tempo juntos. Sem a presença do pai, sua mãe teve que trabalhar para sustentar os seus sete filhos, motivo pelo qual Daniel diz que quem os criou mesmo foi Deus, porque a mãe estava ausente em casa. Sua infância é mais marcada pelo fato de morar no interior do que em qualquer cidade específica, as quais ele diz nem se lembrar quais foram, mas diz que mudavam-se muito. Ele caracteriza sua criação como “do interior”, da roça, e diz que ele próprio, como eu poderia constatar, era um “roceiro”, pelo seu “jeito” e pelo seu “sotaque”. Por conta de toda sua criação na infância ter sido na “roça”, ele justifica que sua vocação é para a roça “de novo”, ou seja, ele entende que sua vocação não é de pastor, mas de missionário em cidades do interior.

Quando criança, desde seus 5 ou 6 anos, ele conta que não havia ligação de eletricidade ou canalização de água em sua casa, de modo que ele e seus irmãos necessitavam buscar água em um poço. Além disso, o acesso à lenha seca era difícil e requeria que andassem muito dentro de matas fechadas para conseguir as lenhas e poder ter fogo em casa. Na sua infância ainda, conta que também trabalhava na lavoura, plantando e colhendo, para obter comida para a própria subsistência da família. Com aproximadamente dez anos, o pastor conta que corria de onças e de cobras nas matas e descreve sua vida nesta época comparando-se aos “nativos” e “índios” de documentários. Na infância, ele relata que não tinha religião e sequer acreditava em Deus. Diz também que nunca o levaram à igreja. Quando perguntei se ele foi batizado na igreja católica, o pastor me respondeu da seguinte forma: “Eu num lembro, eu vi falar que eu fui batizado mas eu num lembro, eu era criança né?”(Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel).

Daniel estudou o ensino básico normalmente, mas diz que não se lembra de mais nada do que aprendeu por ter ocorrido há muito tempo. Ele se lembra de ter se mudado algumas vezes para Belo Horizonte no decorrer de sua infância, mas não sabe precisar quantas vezes ou quando isso aconteceu, apenas descreve que houve muitas “idas e vindas”. Após “ficar jovem”, Daniel diz que começou a trabalhar e cuidar da própria vida. Começou trabalhando com construção civil, fazendo

“serviço braçal”, assim, ele seguia mudando de cidade para onde havia oportunidade de trabalho.

Aproximadamente aos dezessete anos, muda-se definitivamente para a cidade, mas explica que a “cidade” significa “subúrbio, favela”, ele diz ter morado na região do Barreiro e no Bairro Ribeiro de Abreu (que fica na região norte de Belo Horizonte, em área localizada a cerca de 2Km para o nordeste do Bairro Guarani, e portanto, mais periférico, embora próximo). Morando nas favelas, Daniel teve contato com a criminalidade e com as drogas, e conta ter se tornado usuário de drogas por influência do meio, que diz ser “uma cultura diferente” e um “mundo diferente”, em suas palavras, “parece que existe dois mundo dentro desse mundo, um mundo pra classe média e um mundo pra classe inferior” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel). Na adolescência, ele tinha amigos que moravam próximos com os quais jogava bola e passeava, e com os quais também se aproximou da criminalidade e do uso de drogas. Ele conta que seus amigos desta época foram todos assassinados. Ele diz que o uso de drogas pode causar morte, mas ressalta que não é, normalmente, pelo efeito das drogas que os jovens morrem, mas porque se endividam para comprar drogas e na impossibilidade de pagar as dívidas são assassinados. Ele, pelo contrário, teve o “privilégio” de se tornar cristão, o que garantiu que estivesse ainda vivo.

Desde os 18 anos, Daniel começa a freqüentar as igrejas evangélicas. Ele sempre se manteve em igrejas evangélicas, mas, como mantinha uma trajetória itinerante, passou por uma diversidade grande de igrejas. Seu processo, independentemente da mudança de igrejas, foi o de começar a freqüentar e então “aceitar Jesus”. Deste momento em diante, diz que começou a sentir a transformação, a “libertação”, que consiste na perda de vontade de fazer o uso das drogas, do álcool e do cigarro, mas tudo, diz ele: “isso foi com o tempo, com o tempo entendeu, por etapa...” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel). Ao longo do processo, ele cita passagem pela Igreja Universal, pela Assembléia de Deus, pela Igreja Quadrangular e por várias outras igrejas pentecostais, mas diz não se lembrar de todas porque foram muitas. A passagem pelas águas do pastor foi feita na Igreja Universal, sobre isso, o pastor diz ter vergonha de falar, e justifica que ainda era rapazinho e que isso (a passagem nas

águas) “é só um requisito da igreja evangélica”, é só uma “formalidade”.³⁸ Assim, ele conta que freqüentou a Universal, batizou-se lá, mas não gostou da igreja e saiu de lá, no entanto, como na Bíblia só há um batismo, ele não se batizou novamente.

O pastor Daniel justifica que quando começou a ter prática dos dons do Espírito Santo, começando pelo dom de falar em línguas. Com essa prática, ele diz que se distanciou das igrejas neopentecostais (ele cita como exemplo a Universal, a Quadrangular) e das igrejas em que estes dons não são bem vindos (cita como exemplo a igreja Batista, a Metodista e a Presbiteriana). Nessa ocasião, o pastor “várias vezes” freqüentou estas igrejas e falou em línguas durante os cultos e ele conta que tentavam tirá-lo à força da igreja por estar atrapalhando o culto. Por essa diferença, por estas igrejas não aceitarem as manifestações dos dons, o pastor conta que considera estas igrejas iguais à católica, ele afirma não ver diferença nenhuma entre elas.

Em Belo Horizonte, com dezessete anos, o pastor conclui seu estudo com o fim da oitava série do Ensino Fundamental. O pastor passou então a trabalhar na construção Civil, fazendo “serviço braçal”, e mudando-se de acordo com onde encontrava trabalho. Ele diz que seu trabalho tinha muita rotatividade, de modo que em alguns períodos ele teve carteira assinada enquanto em outros períodos ele trabalhava sem carteira assinada. Considerando todo o tempo que trabalhou, diz ter trabalhado aproximadamente a metade do tempo com e a outra metade do tempo sem carteira assinada. O maior tempo que Daniel já teve carteira assinada foi um período de dois anos. A preferência de Daniel sempre foi pelos trabalhos autônomos porque ganhava um salário maior e tinha maior flexibilidade de horário.

Ao longo do tempo, Daniel diz ter acumulado muita experiência na área, e foi pela experiência que ele conseguiu “pular de degrau” dentro do que sua categoria permite, de modo que foi servente de pedreiro, encarregado, encarregado geral, e diz também ter todo o conhecimento necessário para exercer como mestre de obra, embora não tenha diploma. Os cursos que fez foram um curso de vigilante, em um período em que esteve desempregado, mas ele não chegou a exercer o trabalho de

³⁸ A “vergonha” desta passagem pela IURD pode refletir um certo distanciamento dos pastores com relação às igrejas neopentecostais. Um motivo para este distanciamento pode ser a demarcação dos limites entre aquelas igrejas que são pentecostais e têm um compartilhamento e interligação (que são em grande medida realizados pela criação de conselhos de pastores que agrupam diversas igrejas não-denominacionais e pelos convites para pastores de outras igrejas realizarem pregações, como detalharemos melhor ao longo do trabalho) e aquelas igrejas que funcionam a partir de outra estrutura organizacional, sem manutenção de conexões com as pentecostais.

vigilante e o curso de teologia para ser pastor. Todo esse percurso foi narrado pelo pastor sem oferecer datas. Hoje, por consequência da sua experiência, o pastor diz ter conhecimentos de todas as áreas da construção civil, elétrica, hidráulica, pintura, parte estrutural e acabamento.

O pastor se converteu ainda aos dezoito anos. Dois anos após se converter, o pastor se tornou diácono na igreja Quadrangular e após um ano sendo diácono Daniel se tornou pastor auxiliar ainda na igreja Quadrangular, enquanto estudava para aprender a dominar a palavra de Deus. Como “pastor auxiliar”, desempenhava várias tarefas para ajudar o pastor titular, incluindo o cargo de tesoureiro da igreja. Aprofundando-se nos estudos, Daniel diz ter então se tornado apto para ser “pastor de igreja”, embora ressalte que não tenha se adaptado bem como pastor, e justifica que sua verdadeira vocação é de missionário, com Ministério Itinerante.

Antes de se casar³⁹, o pastor diz ter aberto uma igreja. Ele foi então Apóstolo da Igreja (e não pastor presidente, porque não tinha a intenção de permanecer na liderança da igreja). Ele diz então que quando a igreja foi bem sucedida, ele diz: “Levantei dois pastores auxiliares e passei pra eles, né”. Até hoje estes pastores são os responsáveis pela igreja, diz Daniel. O registro da igreja, cabe notar, somente foi feito após a presença dos pastores. Antes disso, o pastor diz que era uma “obra missionária”: ele alugou uma loja, e montou a igreja, mas não tinha necessidade de registro.

No ano 2003, o pastor Daniel conhece uma moça na igreja. Eles namoraram por entre 3 a 6 meses antes de se casarem, Daniel diz que namoros cristãos são curtos porque eles não podem ter relacionamentos sexuais antes do casamento. Com o casamento, ele diz que teve que reduzir os trabalhos que exercia fora de Belo Horizonte e restringiu-se mais às proximidades da cidade. Daniel diz que seu casamento foi muito abençoado e com a vida sexual muito ativa que o fez se sentir tão feliz que até hoje, mesmo sendo hoje sua esposa falecida, sente-se completo, por já ter desfrutado “desse lado bom da vida”. Em 2015, sua esposa faleceu.

Hoje, Daniel vive de uma pensão a que teve acesso por causa do falecimento de sua esposa através da qual recebe o valor de dois salários mínimos. Além disso,

³⁹ A data não é precisa porque apresenta uma incoerência no discurso do pastor. Na entrevista, ele diz que este fato ocorreu há “uns 14 anos atrás mais ou menos” (portanto, em 2004). No entanto, ele também diz ter sido depois de seu casamento (que ocorreu em 2003, pelo cálculo através dos dados informados). Basta saber, para nosso fins, que isso aconteceu antes do casamento.

Daniel trabalha ainda com alguns “bicos” que diz escolher somente aqueles que são mais leves. O pastor se preocupou, na entrevista, em justificar que ele tem prosperidade, porque caso não tivesse, ele não poderia ministrar a prosperidade na vida das outras pessoas. Assim, ele explica:

Eu num preciso, eu num preciso ter carro importado, num preciso ter apartamento. Eu sou solteiro, a minha despesa que eu te falei é pouca. Eu já tenho a minha pensão, eu ainda trabalho, e eu num sou... eu num sou vaidoso. Eu preciso de pouco pra sobreviver. Mas muito pouco. E eu já tenho todo o sustento. Eu me considero próspero. Você não vai ver eu andando de carro importado, minha roupa é simples. Mas eu me considero próspero. Eu me considero, porque eu... num me falta nada. Deus num me deixa faltar nada, então eu reconheço que eu posso ministrar a prosperidade na vida da pessoa. (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel)

O pastor mora de aluguel em um apartamento localizado na frente de um lote que é da família. Neste lote, Daniel diz que está construindo sua casa própria. Neste lote da família, Daniel diz que “cada um pega um pedacim... faz uma barraquinho...” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel). Como mora sozinho, Daniel diz que ele próprio faz as tarefas domésticas em casa, mas ele explica que sua casa está sem limpar há dias, suas roupas estão todas sujas e ele não cozinha há três meses porque ele diz que não tem tempo.

O pastor Daniel é auxiliar na igreja em que o conheci, após ter sido chamado pelo pastor presidente que é vizinho dele, mas ele diz estar ali como “voluntário”, e que não recebe salário. Ele afirma que o pastor presidente ofereceu ajuda financeira por algumas vezes, mas ele diz ter rejeitado porque não precisa. Daniel afirma estar se preparando para fazer obra missionária. Por várias vezes, o pastor reitera que não se adapta à cidade e que sua vocação é ser missionário, é ser “itinerante”, é estar em cidades pequenas e pobres do interior.

Na igreja, Daniel afirma limpar o chão, desentupir privada, fazer todo tipo de trabalho auxiliar, pregar e abrir cultos quando necessário. Além disso, por iniciativa dele, colocou uma mesa para conselhos e orações na qual fica sozinho durante horários alternativos aos cultos e dependendo de sua disponibilidade, atendendo o público. Ele diz que isso não é prática normal das igrejas pentecostais, e que nunca irei encontrar isto em qualquer outra igreja, e explica que ele fez isso porque, no seu caso, embora esteja ali como pastor, tem chamado para missionário, e por isso prefere trabalhar sozinho. O pastor tem um irmão que é pastor da IURD que está em

um missão pregando no nordeste. Ele diz que seu irmão sempre foi da Igreja Universal, porque “pra eles Universal é uma religião”.

Daniel não paga dízimo. Ele justifica que esta é uma prática que deve ser cumprida pelos membros da Igreja, mas não pelas pessoas que atuam em outras posições hierárquicas na igreja. Ele diz que cada um tem sua função, e a função dos pastores não envolve o pagamento de dízimo.

5. A ontologia do pentecostalismo no discurso dos pastores

5.1. Introdução

Faremos aqui uma descrição preliminar à análise a respeito dos dados referentes aos pastores entrevistados. Como já relatamos, nossos pedidos de entrevistas não tiveram boa recepção entre os pastores e pastoras e, dado o tempo e as dificuldades inerentes ao tipo de pesquisa, foi preciso que nos adaptássemos aos dados que eram possíveis no contexto deste trabalho. Mas desde já é importante notar que não foi possível realizar entrevista com pastoras mulheres. Deve-se notar que a quantidade de pastoras mulheres é notavelmente menor à quantidade de pastores homens, o que também dificulta a obtenção das entrevistas.

Dentre os entrevistados temos, portanto, apenas pastores homens. Os dados referentes à declaração de raça ou cor deles foram respondidos vagamente de modo que classificarei esse aspecto a partir da minha própria observação, ainda que de modo nenhum desrespeitando o que foi declarado por eles. O caráter de imprecisão das informações relativas à raça e cor por parte dos pastores estão associadas à forma como o discurso de uma ontologia binária por parte do proselitismo pentecostal busca diminuir a importância de certos aspectos considerados do “mundo da carne” para aumentar a importância da igualdade entre as pessoas no “mundo espiritual”. Esse caráter será melhor analisado no próximo capítulo.

Temos dois pastores negros e dois de classificação razoavelmente dúbia, mas certamente adaptáveis, em um sentido amplo, na categorização de “pardo”. Dois entrevistados estão têm pouco mais de quarenta anos (com 43 e 46 anos) enquanto os outros dois pastores têm menos de trinta anos (com 24 e 25 anos). No critério adotado pelos pastores e membros da igreja, a categoria de “juventude” apenas se aplica às pessoas que não se casaram, de modo que nenhum dos pastores era considerado jovem embora eu, com 28 anos, seja considerado jovem para eles. Nesse sentido, confere-se uma importância central, na igreja, à pergunta sobre se a pessoa é ou não casada, como forma de identificar se, aos seus critérios, a pessoa é ou não jovem.

A conversão para uma religião evangélica de Daniel ocorreu aos seus 18 anos enquanto a de Antônio só ocorreu por volta de seus 26 anos. A conversão de

Bruno ocorreu por volta de seus 20 anos, enquanto o pastor Carlos, diferentemente dos outros, nasceu em berço Evangélico e se batizou oficialmente aos 15 anos, depois que já desempenhava função nos cultos tocando bateria.

Entre os adultos, temos o pastor Antônio com o ensino médio completo e o pastor Daniel com ensino fundamental completo, enquanto entre os dois pastores mais novos em idade, Bruno apenas concluiu o ensino fundamental e Carlos concluiu o ensino médio.

Nota-se que entre os entrevistados, as conversões não ocorreram anteriormente à década de 1990. Conjunturalmente, deve-se lembrar que o surgimento em larga escala das igrejas pentecostais não-denominacionais ou de pequeno porte ocorre precisamente a partir da década de 1990, como foi observado pelos dados do censo de 2000.

Como discutimos, as histórias de conversões de cada um oscilam e dentro de cada relato podemos observar múltiplas justificativas que motivaram a conversão para uma religião evangélica, bem como para o início do desempenho de funções dentro da igreja, até que se tornassem pastores. Entretanto, a série de dados apresentados nas histórias de como foram convertidos para uma religião evangélica dos pastores entrevistados podem ser agrupados em duas categorias distintas: há aqueles cuja aproximação com a religião ocorreu motivada pela presença religiosa pentecostal na família (os casos de Antônio e Carlos), e há aqueles que se aproximaram da religião buscando, de forma consciente e manifesta, uma adesão a um conjunto de sociabilidade e de simbologias distinto do “mundo do crime”⁴⁰ (que são os casos de Bruno e de Daniel). Nesse último sentido, a participação na igreja é percebida como a única forma de se desligar de uma vida participante não apenas do consumo e venda ilegal de drogas como também de outras atividades ilícitas constituintes de um conjunto de práticas e significados da “criminalidade”.

Essa categorização quando ao motivo da conversão, pela proximidade da família ou como alternativa à criminalidade se revelou indispensável como categorização dos entrevistados, motivo pelo qual esta diferenciação será melhor trabalhada na nossa análise, ao tratar da carreira dos pastores, na seção 6.1.

⁴⁰ Assim como fizemos anteriormente, utilizamos o termo “mundo do crime” com o sentido de um “conjunto de códigos e sociabilidades estabelecidas, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos e furtos” (Feltran, 2008, p.93).

As rendas dos pastores entrevistados variam entre um e dois salários mínimos, e não se mostram relevantes como categorização entre eles. Mas devemos notar que a faixa salarial declarada pelos pastores está acima do que é recebido por grande quantidade dos fiéis de igrejas protestantes de origem pentecostal nos dados do IBGE para 2010. Não é nosso objetivo, e nem mesmo nosso método e nossos dados nos permitem, estabelecer causalidades estatisticamente significantes, mas cabe mencionar que uma causalidade no sentido de maior renda entre os pastores do que entre os fiéis da igreja encontraria amparo na bibliografia e nos dados que obtivemos. É possível dizer que a atitude dos pastores frente à sua renda, em comparação com a renda dos fiéis, é a de exaltação de seu progresso como sinal do desígnio divino.⁴¹ Devemos tratar em breve da manifestação deste caráter de demonstração da prosperidade entre os pastores na seção sobre “trabalho religioso e trabalho secular”. Antes disso, na próxima seção, buscaremos aprofundar-nos no quesito do “chamado”, importante para entender o discurso dos pastores sobre como se tornaram pastores.

5.2. O chamado

Quando perguntados sobre como se tornaram pastores, há duas linhas de respostas que sempre estão presentes e que são contrastantes entre si. Por um lado, os pastores explicam, em um primeiro momento, que não se tornam pastores ou que não escolheram se tornar pastores, assim como nenhuma das pessoas escolheu, também suas funções. Trata-se de um chamado feito por Deus, um chamado que foi dado desde que havia nascido e que só se precisa descobrir. Nesse caso, à primeira vista aparece a figura da “vocaçãõ” no discurso dos pastores com uma similaridade com o conhecido “beruf” dos protestantes históricos, que é bem conhecido dos sociólogos por ter sido tratado por Weber na *Ética Protestante*. Aprofundando-nos nisso, com o cuidado de compreender o que os pastores estão dizendo, há uma dimensão concreta de escolhas, esforço, estudo e prática em seus relatos de como as pessoas ocupam certas funções e de como elas progridem de funções mais simples para funções com títulos mais importantes, seguindo, portanto,

⁴¹ Há vários momentos em que os pastores demonstram isso. Como um exemplo, o pastor Daniel disse em entrevista que “Eu posso ministrar prosperidade na vida da pessoa porque eu já... Deus já me supriu minhas necessidades” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel).

uma progressiva escalada hierárquica dentro de uma carreira na igreja (ou com as funções associadas à igreja).

A interpretação de que a carreira se inicia quando se recebe uma profecia de que se tem o chamado para determinada função sacerdotal não é mais do que um discurso pertencente à “linguagem sublimada” religiosa que é apresentada em primeira abordagem⁴², mas que cede espaço à visão prática em momento posterior.

Em outro momento, relatei que um pastor me disse que ele próprio seria incapaz de saber se suas profecias eram “da carne” ou eram “do mundo espiritual”, e tratei nesse lugar sobre a incapacidade de critério objetivo a priori para separação entre as revelações sagradas e profanas no momento em que são profetizadas.

A profecia reveladora do “chamado” pode acontecer de diversas formas, durante o culto ou fora do culto, mas ela somente será considerada como uma profecia verdadeira, sagrada, associada ao “mundo espiritual”, caso ela se concretize materialmente⁴³. Em uma pregação, um pastor (tratava-se de um pastor convidado de outra igreja) explicou isto dizendo que tanto Deus “soprava” profecias para os pastores profetas, quanto também o Diabo induziria os profetas a fazerem profecias “da carne” e que portanto, era preciso ter cuidado com as interpretações delas. Esse pastor explicou que havia uma forma de saber identificar as profecias de Deus e separá-las das profecias induzidas pelo Diabo: o Diabo, disse o pastor, sabe tudo sobre a sua vida, e pode soprar para o pastor informações sobre seu presente e passado, mas apenas Deus poderia dizer algo verdadeiro sobre o futuro. Dessa forma, as profecias sobre o futuro que se concretizam, que se tornam reais, são profecias que devem ser interpretadas como verdadeiras, como ligadas ao “mundo espiritual”, ao passo que as profecias que não acertaram nada sobre o seu futuro são meras expressões “da carne”, potencialmente influenciadas pela ação do Diabo, embora ditas pelos pastores.

A veracidade neste contexto é definida pelo critério usado pela religião, que percebe o “mundo espiritual” como a verdade e “o mundo” (ou também “esse

⁴² Dada a posição em que fui colocado pelos pastores como potencial convertido, os pastores faziam seu trabalho de pastores, de intelectuais religiosos, para comigo. O uso dessa linguagem é parte integrante da função de um pastor.

⁴³ No decorrer das observações participantes, eu mesmo recebi dos pastores as seguintes notícias, de pastores diferentes: 1) Um pastor disse-me que eu tinha um “chamado” mas que precisaria descobrir para que função ele era; 2) Uma pastora disse –me que tinha um chamado para pastor e 3) Um pastor disse-me que tinha chamado para ministro; todas estes eventos não terão importância nenhuma e não serão considerados profecias verdadeiramente uma vez que não se concretizem.

mundo”, “a carne”) como uma ficção. Esse critério, como o defino, é calcado nos discursos dos pastores, não em suas práticas ou relatos de vida. Quando falam retrospectivamente dos eventos de suas vidas, não deixam de mencionar os “chamados”, as profecias, as revelações do “mundo espiritual”, mas quando organizam os eventos de suas vidas de forma causal, buscam outras explicações para os mesmos eventos. Nesse sentido, no material coletado pelas entrevistas, há pelo menos dois relatos paralelos e diferentes para a explicação dos eventos principais da “carreira” de pastor, um “do mundo” e outro “do mundo espiritual”, poderíamos interpretar.

No entanto, se analisarmos os relatos, é possível encontrar uma explicação causal de certos momentos considerados “do mundo espiritual” como consequência de eventos “da carne”. Embora isso seja, evidentemente, o oposto da explicação ontológica religiosa, é a forma como os pastores se utilizaram para justificar os eventos de suas vidas nas entrevistas de relato de vida.

É preciso mencionar que existe, no meio evangélico, um tipo de discurso diferenciado chamado “testemunho”, que consiste justamente na exposição de um relato de sua vida, geralmente em público, obrigatoriamente colocando causas espirituais para consequências da carne. Na igreja, as pessoas são chamadas para fazer testemunhos à frente do altar algumas vezes, e os pastores podem dar testemunhos durante os cultos, conversando individualmente com alguém ou falando ao microfone. Os testemunhos podem ser dados também pelos fiéis da igreja para outras pessoas, fora da igreja, o testemunho é considerado um instrumento de conversão. Desta forma, coincidindo com a obrigatoriedade do testemunho de narrar explicações causais no sentido do mundo espiritual para as consequências materiais, isto é, no sentido considerado, religiosamente, como verdadeiramente ontológico, os testemunhos apenas contém relatos de transformações positivas na vida que foram possíveis pela ação espiritual de Deus, da crença, da conversão ou da prática da oração.

No entanto, fora dos momentos de testemunhos, não há qualquer objeção para inverter a relação causal e buscar explicações “da carne” para todos os tipos de eventos. Os dois tipos de discursos causais podem ser observados concomitantemente, inclusive, certas vezes, causando alguns embaraços para os quais é preciso buscar um entendimento consensual entre os presentes.

Nessa linha, observei certa vez em uma reunião do conselho de pastores o seguinte evento: durante a execução da reunião, cuja organização se dá de forma análoga à organização dos cultos, o presidente do conselho introduziu na pauta de sua fala a discussão sobre uma lei sobre a qual queria falar. Tratava-se de uma lei que impedia os pastores de entrar em hospitais sem necessidade de autorização. Disse que entraram com ações em alguns casos, conseguindo vitórias para que pastores entrassem nos hospitais, mas que pararam de fazer isso porque não dá pra ficar trabalhando com os casos isolados. O presidente do conselho que foi tratar do assunto com um desembargador, mas que ele pediu no mínimo mil filiados para considerar o pedido do conselho, e que o conselho não tem. Um dos pastores perguntou porque os padres conseguiam entrar, já que a lei deveria valer para todos. O pastor presidente do conselho responde que a lei vale para todos, mas como muitos hospitais são católicos, eles deixam os padres entrarem. Falou de um presídio que só a igreja universal entrava, e narra que foi conversar com um amigo seu de alto posto na polícia (durante a narrativa deste caso, o pastor repetiu que era muito seu amigo e de alto posto várias vezes, se gabando de suas relações) e que conseguiu uma ordem para que o presídio permitisse apenas a entrada de pastores do conselho. “O problema é que tava entrando só pessoal da Universal, e o Brasil é um país laico”, diz. Completou dizendo que, por fim, perderam a exclusividade de entrar no presídio porque não tinham pastores dispostos a ir periodicamente no local. Na reunião subsequente, o tema voltou, e como nesta, os pastores discutiam formas de se buscar, frente ao poder judiciário, autorizações para que os pastores membros do conselho pudessem entrar livremente em presídios e hospitais sem necessidade de autorização da instituição. Também promoveram o nome de um conhecido político, supostamente envolvido com esta lei, para que ninguém votasse nele (essa foi a única menção explícita que vi durante o trabalho de campo à questão da política eleitoral, e vale lembrar que ocorreu no contexto de um evento que, embora aberto à participação do público, era voltado para pastores). Em meio a várias propostas de organização dos pastores – por meio de influência jurídica ou por meio de influência política – além de diversas sugestões sobre a forma como os pastores deveriam se comportar nos hospitais (como fazer menos barulho porque isso era, segundo alguns pastores, o motivo da lei ter sido feita), uma pastora fez uma sugestão *sui generis*: propôs que todos os pastores, no lugar de buscarem

organização, “entrem em oração e em jejum” porque tudo que fazem em oração é conseguido. A reação foi a que eu relato no caderno de campo:

O pastor responde que concorda, mas que Deus é “organizado” [em referência à sugestão de abandonar a organização dos pastores em detrimento da oração e jejum]. Volta ao ponto de que tem que ter mais filiados no conselho. [...]. Reclama, ainda, da quantidade de pessoas que vem nas reuniões que acha que ali seria apenas um espaço para orações, sem dar importância para a ceia ministerial. Diz ainda o pastor que “quando nos organizarmos e juntarmos mais gente participando, teremos peso na justiça. Uma pastora reclama dizendo que cortaram visitas porque os pastores ‘cantavam’ as irmãs bonitas e levavam drogas para a prisão. Outro pastor fala que “temos que nos organizar e ter forças para vencer isso”. A pastora retorna à questão da sugestão de se resolver o problema com oração, ao qual é respondida por outro pastor, indignado com sua sugestão, que responde com essas palavras: ‘mas aí é uma lei que foi criada, né? Aí não tem jeito...’ (Caderno de campo 24/09/2016)

Após isso, o pastor defende que é preciso criar uma força política, “isso que é jeito”, diz. Os pastores continuam então as discussões em torno da necessidade de organização, com sugestões variando entre a necessidade de maior peso para influenciar as decisões jurídicas ou do pedido de apoio político para os políticos, quando viessem pedir apoio nas igrejas.

Este caso é bastante simbólico⁴⁴ de como os pastores, sem abandonar a linguagem religiosa ou suas crenças, invertem sempre que necessário, com aceitação consolidada consensualmente, a lógica da explicação ontológica da primordialidade do mundo espiritual sobre o fantasioso “mundo da carne”. Essa possibilidade de afirmações absolutamente contrárias às próprias bases ontológicas da religião e a não observância de qualquer tipo de inconveniência com as contradições de seus discursos mostra, pela prática, a fragilidade ontológica e o caráter flexível (e de menor importância) de uma visão de mundo para os pentecostais, em detrimento de uma ênfase na experiência religiosa pessoal, tema que será melhor aprofundado em capítulo futuro deste trabalho.

Nesse sentido, gostaríamos de trabalhar agora dois grandes temas que despontam como perspectivas necessárias para compreender melhor todas as nuances que despontam a partir das atividades sacerdotais dos pastores

⁴⁴ Para documentar apenas mais um caso significativo disto, o pastor Felipe, presidente do conselho de pastores, ensinou certa vez aos pastores que, na ocasião de mulheres que sofrem violência doméstica e que vão à igreja escondidas dos maridos, não é suficiente orar para que os homens melhorem. Ele disse na ocasião que “só orar não converte” e que “se fosse assim, era só orar pra que o mundo todo fosse convertido”, o que, certamente não funcionaria (cadernos de campo de elaboração própria no dia 29/10/2016).

pentecostais. A partir do entendimento destas nuances, compreenderemos melhor o trabalho dos pastores. Um primeiro tema que deve ser enfrentado diz respeito aos sentidos atribuídos aos dois mundos, o mundo da carne e o mundo espiritual e suas implicações nos discursos e nas práticas dos pastores. Um segundo tema que trataremos diz respeito propriamente ao trabalho dos pastores. No entanto, a separação é apenas didática para fins de explicação, na realidade concreta estas duas nuances se encontram contraditoriamente unidas nas práticas próprias da função de pastor.

5.3. Os dois mundos

Como mencionei anteriormente em discussão metodológica sobre as condições em que me inseri no campo e da forma como fui recebido, durante todo meu levantamento de informações, estive, diante dos olhos dos pastores, sob o ponto de vista de um potencial novo convertido, isto é, havia em todo o tempo da minha pesquisa a tentativa de me converter. Uma vantagem disso é que obtive grande quantidade de informação, pela minha própria experiência, sobre a forma de conversão dos pastores, ponto nodal de seu trabalho.

Nesse sentido, além de algumas vezes em que me ofereceram orações, promessas de curas ou que recebi profecias, há presença constante do discurso sobre a dualidade do nosso mundo, que irei expor aqui, de forma breve.

O nosso mundo, segundo os pastores, funciona de forma muito simples. Vivemos em um “mundo natural” onde está o nosso corpo, nossa carne, todas as coisas concretas e sensíveis e que é o mundo que nós conhecemos. Nesse “mundo natural”, não há como nós termos qualquer conhecimento ou sentimento da existência de Deus⁴⁵. Esse mundo material, o mundo da carne, é passageiro e mutável. Nosso corpo, que está no mundo material, por isso mesmo “deteriora”. Nesse sentido, temos uma vida que tem fim, quando morremos. Mas ao mesmo tempo, existe também um “mundo invisível” que é onde está nossa alma. Nesse mundo espiritual, há a presença de Deus, mas também de Satanás, que travam uma

⁴⁵ “nós vivemos num mundo natural assim que...ser humano ele não entende, ele não percebe, não tem essa perspectiva de que nós somos criaturas de Deus, que existe um Deus, que ele nos criou entendeu?” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel)

“guerra espiritual” que não podemos ver ou conhecer, senão pela convicção, pela fé. O pastor Daniel me explicou, em sua posição como pastor:

É aí onde nós entramos com nossa fé. Que também não é uma prova, é só uma convicção entende? Porque a gente não vê também, e eu vou te ser sincero, eu não vejo o mundo espiritual. Eu sinto, eu sinto a presença de Deus...eu não sei se é...tô te explicando no meu ponto de vista porque às vezes não sei se você também crê em Deus, crê nessas coisas, no meu ponto de vista é assim ó, eu sinto a presença de Deus, eu tenho essa convicção, e também sinto que existe uma influência maligna e tem, tanto como tem a certeza que Deus existe, a presença de Deus é bem assim, bem real, eu também tenho certeza que existe uma influência maligna nesse mundo (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel)

Se no mundo material há espaço para diferenças e discriminações, nada disso importaria no mundo espiritual, dado que no mundo espiritual, todos são iguais⁴⁶. O potencial enxergado pelos pastores no mundo espiritual como lugar em que as disparidades percebidas no mundo material não importam é melhor demonstrado pela resposta que me foi dada pelo pastor Daniel quando lhe perguntei qual era a sua raça ou cor:

Pastor Daniel: Olha... eu, eu entendo assim. Num posso falar por todos... que o ser humano não tem diferença nenhuma, nenhuma... em nada... eu entendo assim, né, a minha fé é essa. Nem diferença de cor, nem de raça... tendeu? inclui tudo, né, etnia, religião... tudo. Todos eu vou por aqui, diz a Palavra que somos todos iguais diante dos olhos de Deus, entendeu? o que eu posso te falar de diferença, é só que tem uma diferença na parte espiritual que uns é mais dedicados que os outros, só nessa área eu me sinto diferenciado dos outros, não que eu seja melhor, mas eu vivo uma vida espiritual bem ativa, né, então eu vivo em prática disso. (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel)

No mundo espiritual, não há diferença entre raças ou classes, não há opressão. E nesse cenário, a função dos pastores é a de interferir no mundo espiritual para lutar contra as influências malignas, que as pessoas comuns não podem ver nem sentir, para que então, a pessoa consiga obter benefícios materiais, no mundo material, que ela não conseguia por causa dos efeitos malignos travados nesse mundo que ela não vê e nem sente. Nas palavras de Daniel:

⁴⁶ Nas palavras do pastor Daniel: “Pastor Daniel: Mas agora diante de Deus num tem diferença nenhuma. Tanto o cara que tá fazendo a faxina no banheiro, como o pastor presidente dono da igreja, diante de Deus todos eles são capacitados para ser ministro de Deus.

Entrevistador: Uhum

Pastor Daniel: Todos. O cara pode ser analfabeto e o outro teólogo, faz diferença nenhuma.” (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel).

E o quê que importa pra Deus é a alma, e é por isso que nós evangélicos pentecostais nós trabalhamos esse lado espiritual que a nossa visão é só o mundo espiritual mesmo, nós oramos pras pessoas ser abençoada no mundo material né, por exemplo que nem eu te falei coisas relacionadas a saúde, doença, esses problemas pessoais a gente entende que a ciência ela tem...até certo ponto ela é suficiente pra atender as pessoas necessidade mas existe um certo ponto em diante que entra num lado espiritual que a ciência infelizmente não pode ajudar em nada, como que ela vai ajudar uma coisa que ela não vê? (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel)

No outro lado no mundo espiritual, os pastores situam, por várias vezes, outras religiões, como as espíritas e as religiões de matriz africana. Nesse sentido, os pastores afirmam buscar sua consagração para ter forças para entrar na “guerra” espiritual a favor das pessoas para quem oram. Pastor Bruno diz que “até no centro espírita eles se consagra. [...] Se consagrando pra fazer um pacto com o Diabo, e nós temos que se consagrar pra Deus. Pra Deus me fortalecer, porque se o Diabo se fortalece nós também temos que fortalecer.” (Entrevista realizada nos dias 20/11 e 04/12 de 2017 com o pastor Bruno). Os pentecostais, assim como os neopentecostais, assumem, diante destas outras religiões que condenam, uma postura que consiste não na rejeição do poder e da verdade das outras igrejas, mas no potencial real de influência destas religiões⁴⁷ para o lado da influência maligna que trará resultados negativos para a pessoa, no próprio mundo material.

Quanto à visão sobre a “ciência”, que costuma ser associada diretamente com a medicina, permanece unânime que as pessoas devem procurar ajuda médica, mas ao mesmo tempo, favorece-se o discurso de que a ciência padece com seus limites muito curtos, porque presos ao mundo da carne. Todos os limites encontrados pela ciência, ou pela medicina no caso, são interpretados com limites interpostos pela sua inabilidade para tratar do mundo espiritual. Entretanto, ao contrário, não se concebe limites para o poder de cura feito através da influência no mundo espiritual.

A chamada “cura espiritual” pode ser, muitas vezes, bem abrangente, não se restringindo ao que seria objeto da medicina, mas se estendendo muito frequentemente ao tratamento de questões que variam de desentendimento entre casais, desemprego, depressão ou melancolia, relacionamentos entre familiares ou entre conhecidos na igreja. Em entrevista, assim me contou o pastor Antônio:

⁴⁷ Assim como notam, no neopentecostalismo Mariano (1995) e Oro (2006).

Porque chamado é uma coi... e ser pastor não é fácil não, cê tem que aguentar muita gente na sua orelha, você fica, é, tendo que aguentar muitas dificuldades das pessoas... muito tipo de pessoa que você tem um tratamento. Muitas pessoas muitas vezes problemáticas no casamento, dentro do lar com os filhos ou com os pais, então você tem que ter uma psicologia incrível. Não você, né... você recebe de Deus um amor pelas pessoas. Mas é bom estudar um pouco também dessa área, né. Saber tratar, porque vai ter pessoas que você vai ter que escutar, deixar ela se 'estragar' toda antes de chegar e abençoar ela ou repreender qualquer espírito, né. Cê tem que entender o que tá se passando, né, se a pessoa chega: "ora pra mim que, que... é eu tô precisando de um emprego"... invão, vão, vão conversar primeiro, vão orar o que tá acontecendo... vamos orar, vamos fechar as brechas, tem alguma... alguma área que entrou ou alguma, é, presença maligna que tá te atrapalhando... vamo quebrar isso aí, né (Entrevista realizada 23/09/2018 com o pastor Antonio)

Nesses casos os pastores, além de ceder ao discurso sobre a interferência no mundo espiritual, buscam ouvir as pessoas e buscam oferecer um serviço análogo a um apoio psicológico, assistencial. Os conselhos dos pastores, no entanto, não se baseiam em estudos especializados de assistência social ou de psicologia, restringindo-se ao conhecimento prático e a observação das pessoas. A observação das pessoas e da comunidade freqüentadora da igreja é marca onipresente nas tarefas dos pastores sendo, inclusive, marca distintiva dos discursos das pregações. Além da base Bíblica e do uso do material complementar, os pastores citam a observância dos elementos sociais sobre os quais irão falar na pregação durante o tempo de preparo. Assim, se irão falar sobre a família na pregação, observam as relações familiares próximas deles.

Quanto ao quesito da interferência no mundo espiritual, a prática é bem mais simples e funciona da seguinte forma:

[o] pessoal chega... a gente só oramos apresentamos pra Deus, eu ministro a cura. Dispensio o poder de Deus na vida dela. Libero o poder de Deus pra curar... E aí já não é comigo, aí já é com Deus, entendeu... só passo essa parte, humano pra humano, e a parte espiritual é tudo pra Deus. (Entrevista realizada 23/09/2018 com o pastor Antonio)

Assim, em primeiro momento, o dualismo ontológico encontrado entre os pastores mantém o dualismo ontológico que se inicia com a filosofia de Platão e é característico de diversas religiões, destacadamente o cristianismo (LUKACS, 2012), no qual as coisas são estruturadas assim:

de um lado, o mundo dos seres humanos, do qual provêm as necessidades religiosas e a ânsia por sua realizabilidade; de outro, um mundo transcendente, cuja constituição ontológica é invocada para fornecer perspectivas e garantias de tal realizabilidade (LUKACS, 2012, p.33)

Se há algo de específico no pentecostalismo que encontramos em nossa época e aqui no Brasil, não está então, por certo, na estrutura dualista de mundo proposta pelo discurso dos pastores. A apreensão da cura espiritual como atividade reivindicada pelos pastores representa não mais que a atenção à necessidade religiosa, a necessidade pessoal e imediata de seu público.

5.4. Trabalho religioso e trabalho secular

Cabe ainda uma nota metodológica importante: para dar vazão à representação desta ontologia binária em sua prática, os pastores se valem de uma linguagem própria, com termos próprios fazendo referência a todo material que dá suporte à visão dos dois mundos e da “guerra espiritual” que toma espaço no “mundo invisível”. Também é comum que cada profissão desenvolva uma certa linguagem específica e cheia de significados⁴⁸. Mas nesse caso, devemos estar atentos porque estes significados estão intimamente relacionados à explicação dualista do mundo. Sempre que esta linguagem foi utilizada, portanto, preferimos enxergar o contexto mais amplo, em perspectiva histórica, do qual esta linguagem faz parte.

O uso dessa linguagem religiosa, sublimada, eufemística, como quer que se queira chamá-la, não é, no entanto, o da separação entre os dois mundos, mas pelo contrário, a da união entre eles para que se permita o trânsito permanente entre os assuntos considerados espirituais e os assuntos considerados materiais. Provavelmente como uma herança protestante, esse trânsito facilitado e sem embaraços em que os pastores oscilam entre os seus “dois mundos” tem relações com a forma como, a partir das doutrinas de Lutero e Calvino, a vida material passa a estar em absoluto votada à Salvação espiritual.

Essa característica permite-nos contrastar nossa observação com a feita por

⁴⁸ Como ganha destaque na obra de Hughes entre outros autores comumente reunidos sob o nome de Escola de Chicago) as análises dos símbolos e significados ganham relevância como uma dimensão das profissões de se construírem com base em estereótipos, retóricas e sistemas de justificação (DEMAZIÈRE e DUBAR, 1997).

Bourdieu no contexto das igrejas católicas. Para Bourdieu, a igreja é uma empresa econômica que só funciona porque se nega como instituição econômica (BOURDIEU, 1996, 84). É esse aspecto que Bourdieu percebe ao tratar do trabalho religioso em seu “Economia dos bens simbólicos” quando mostra a presença de uma linguagem que se mantém graças ao silêncio velado a respeito da “verdade das trocas”. Para ele, os trabalhos prestados por benemerência são sempre formas de transfiguração verbalizada: “para poder fazer o que se faz, acreditando (se) que não se faz, é preciso dizer(se) que se faz outra coisa” (BOURDIEU, 1996, p.193). Se Bourdieu afirma isso, é porque ele identifica diferentes formas de “capital” que podem, em última instância, ser convertidos em capital econômico.

No entanto, no caso observado, os pastores trataram sem reticências sobre suas atividades de pastores como trabalho. Algumas vezes, optaram até por separar seus trabalhos chamando-os como trabalho (o religioso) e trabalho secular (seu emprego remuneratório). Vale lembrar que os protestantes possuem um entendimento de trabalho herdado de Lutero e Calvino que faz com que o próprio trabalho diário se torne parte integrante de sua vigilância por uma vida santificada. Desse modo, quando tratamos as atividades de um pastor como trabalho, estamos de acordo com a forma como os próprios pastores se referem ao sacerdócio.

Mas se isso ocorre assim, é porque o próprio trabalho secular, além do trabalho religioso, deve ser um meio de busca por uma vida santificada. Os pastores argumentam que se eles pregam e oram para as pessoas para que elas alcancem realizações em diversas instâncias de suas vidas, então eles próprios devem ter também prosperidade em todas estas instâncias de suas vidas, sob o risco de, caso contrário, cometer uma contradição. Seu trabalho e a vida financeira próspera, assim são importantes e valorizados pelos pastores, que inclusive usam extensamente seus próprios exemplos nas pregações. Quando sua situação própria, no entanto, não lhes é favorável, justificam, normalmente, que embora não tenham muito dinheiro, têm tudo que precisam. Embora não tenham muita saúde, têm mais saúde do que aquelas pessoas que sequer podem ir aos cultos, e assim o fazem com as demais instâncias da vida de que possam falar. Não se trata de uma condição *sine qua non*, portanto, que sua prosperidade seja farta, mas de que suas necessidades sejam menores do que o que têm.

Assim, a racionalidade do capital que subordina o valor de uso ao imperativo

do valor de troca, e que busca transformar todo o tempo de vida humana em tempo de trabalho não pago encontra uma ideologia à sua altura não apenas no discurso dos pastores como em sua própria prática diária de vida como exemplo a ser seguido. A “afinidade eletiva” de Weber (2004) encontra eco no Brasil do século XXI, na santificação da vida dos pastores pentecostais.

Passaremos, agora, a tratar mais especificamente, dentro do contexto que estudamos, sobre o trabalho e a carreira dos pastores pentecostais.

6. A carreira religiosa e a relação de trabalho na igreja no caso dos pastores pentecostais

6.1. Carreira religiosa

Se no ponto de vista do discurso religioso a carreira do pastor é considerada simplesmente como um “chamado”, perene e imutável no qual por toda a vida do pastor, havia já uma predestinação para todas suas funções religiosas, e para o qual os relatos e experiências na vida são apenas uma manifestação fenomênica, temos, do ponto de vista materialista, a carreira de um pastor como uma produção social e processual que envolve aprendizados práticos e de domínio lingüístico-simbólico apropriado à função do sacerdócio.

Deve-se considerar que o aprendizado do conjunto simbólico e lingüístico exigido no âmbito das tarefas de um pastor já começa com a aproximação e frequência nos cultos ou nas células das igrejas, com o contato com os “hinos de louvor”, além da gradual mudança de comportamento que toma espaço a partir do momento em que se “aceita Jesus” até o batismo.

Na fase em que se aceita Jesus, há permissibilidade de incidência das antigas práticas da pessoa que não são consideradas adequadas no conjunto de regras e proibições da igreja. A conformação destas práticas exige tempo da pessoa que se aproximou da igreja, e que pode variar, inclusive porque a proximidade com os costumes da igreja pode ser mais antiga do que o momento em que a pessoa efetivamente passa a freqüentá-la. Como vimos, o contato com as relações

simbólicas religiosas está presente nos locais de trabalho, na família, nas amizades com evangélicos, entre outras formas possíveis. Mas é a partir da participação em pregações e do ato de aceitar Jesus que a pessoa concebe sua inclinação a se adaptar àquele conjunto de regras, condutas e práticas. Em entrevista, O pastor Antônio me explicou este processo como se segue:

Você aceitou Jesus, você veio no culto, o Pastor pregou a mensagem e você identificou com a mensagem e você aceitou essa mensagem. Cê levantou a mão pra Jesus e você aceitou Ele como seu salvador, o Senhor... então os meus pecados é o Senhor levou na cruz, né, por amor a mim, né. O que era pra ser o meu castigo, né, está no Senhor, mas aí no Senhor, então isso tá me trazendo a paz agora. O Senhor comprou a minha vida. O Senhor me resgatou da minha... vã maneira de viver. E... só que como a gente ainda é frágil, né. Ainda tem convivência... meio... e desejos, até... artísticos, de jovem, até hoje um homem tem desejos, né. Mas tem que controlar, vencer esses desejos, então, é... o que acontece? É, é... Você ac... levantou a mão aqui mas você saiu da porta da igreja pra fora ou você foi pra sua casa e beleza. Você pode ter batido a cabeça, é, colocado sua cabeça no travesseiro pra descansar... mas no outro dia você tem um outro ambiente, né,... você pode ter até esquecido do que você... tomou ou mais o... quando você desperta você já pecou de novo. Aí eu... sentia, sabia que eu tinha pecado... voltava pra igreja de novo... aceitava de novo, né. E aceitava de novo. E... fui isso durante um período até que a palavra de Deus começou a falar mais alto dentro de mim. Toda da vez que eu senti o desejo... vamo supor assim.... (sussurrando) "vou masturbar"... senti o desejo, eu recolhia e falava "por amor a Cristo eu não vou...". Porque a... aqueles que crucificam suas paixões por amor à Cristo, né. São justificada... Resisti, né. Eu resisti a esse desejo físico, nessa tentação que vem de fora, né. Porque o Espírito, que é a palavra de Deus, ele tá me fortalecendo. Quando você aceita a Cristo como salvador, a Palavra Dele, essa palavra começa a viver em você, então você começa a ter forças para resistir ao que é carnal em você. Até o momento de você tomar uma decisão e ser batizado, você tem uma luta espiritual e uma luta carnal. (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio).

Nesse sentido, essa fase em que ocorrem as aceitações de Jesus, é o período em que, diz o pastor, a pessoa aprende e toma consciência do pecado. Consciência de que convive com o pecado e que deve abandoná-lo. Assim, se os evangélicos no Brasil mantêm uma conduta de ascese intramundana semelhante à encontrada nas origens do protestantismo por Weber, é neste período que eles aprendem como moldar seus comportamentos de acordo. Nesta fase, não apenas o pastor Antônio, como também os outros pastores que foram entrevistados descrevem como tiveram um contato mais íntimo com a “Palavra” através da participação na igreja. É nesse momento que passam a compreender o mundo como um lugar de pecados em que suas condutas são postas à prova, em que ele deve, portanto, se empreender na tarefa de comprovar sua disposição ascética através de uma “o domínio metódico ‘desperto’ da condução da própria vida” (WEBER, 1991,

p.366). Aqui, a forma de comprovação desta disposição ascética, claro, se ajusta aos comportamentos defendidos pela doutrina específica deste tempo e sociedade. Há que se guardar as diferenças com o protestantismo histórico, embora, na essência, a disposição ascética intramundana permanece.

Quanto às especificidades, é preciso notar que modificam-se rapidamente. Como nota Weber (1982), “com frequência, as pregações e as promessas [...] são reinterpretadas basicamente pela geração seguinte. As reinterpretações adaptam a doutrina às necessidades da comunidade religiosa” (p.312). De certo, ao menos no caso estudado por nós, houve uma mudança na doutrina que tomou forma recentemente e cuja transformação deixou certas marcas importantes não apenas nas condutas de quem faz parte da religião como inclusive para uma forma de expansão da “evangelização”. Com a crescente expansão do neopentecostalismo, notadamente da IURD e dos movimentos de evangelização através da radioteledifusão, as igrejas pentecostais tenderam a se flexibilizar com relação aos costumes proibidos. Passou-se a observar a aceitação de uso de roupas, maquiagens e cortes de cabelos que há poucas décadas não eram ainda aceitos. Essa transformação ainda está em curso, algumas igrejas (no bairro que estudei, há pelo menos uma igreja assim) ainda preservam as obrigatoriedades mais rígidas quanto aos quesitos mencionados, enquanto no restante, a maioria das igrejas pentecostais, observa-se a presença de fiéis tatuados(as), trajados(as) de vestes que finalizam acima do joelho, mulheres maquiadas e de cabelo curto e unhas pintadas. Ao relatar a trajetória do pastor Carlos, vimos como ele percebe que essa flexibilização dos costumes favoreceu um melhor convívio dos pentecostais com os que não professam a mesma fé, além de ampliar o escopo de evangelização, conseguindo alcançar mais pessoas. Sobre isso, o pastor afirma ter reinterpretado sua visão sobre o tema para facilitar a evangelização:

Pastor Carlos: Ó, eu tinha, como falei pra você, eu nasci num lar cristão. Mas muitas coisas que eu achava corretas antes hoje eu não acho. Todas coisas que eu era contra antes, hoje eu não sou, entendeu?

Entrevistador: Tipo o que?

Pastor Carlos: Ó, é... a questão eu fui... eu fui... ensinado da seguinte forma: meu pai como pastor de igreja pentecostal tradicional... nos tempos dele a gente não podia: usar bermuda, as mulheres não podiam cortar o cabelo, não podiam fazer as unhas, entendeu? Só que vai passando o tempo, aí vem o tempo do meu irmão... meu irmão foi consagrado a pastor, começou a presidir uma igreja... e... eu aprendi com ele de outra forma. Por exemplo: não adianta você estar fazendo a coisa para agradar ao homem...

se no seu coração você já fez aquilo. Por exemplo, não adianta você estar vestido de crente, estar com uma roupa que a pessoa acha que é correto, se no coração dela ela queria tá de outra forma, entendeu? Então eu acredito assim.

Entrevistador: Mas aí o senhor acha que... eu não entendi muito bem, assim, porque... aí as pes... as pessoas devem usar o que elas querem, então? mas....

Pastor Carlos: Mas com ordem e decência. A Bíblia fala que é o Espírito que faz conversão do pecado do juízo e da justiça, tendeu? Então muita das vezes a pessoa num... se sente... as pessoas não vão na igreja. Às vezes meu pai já perdeu muitos membros já e... as pessoas já escandalizaram bastante com ele por causa disso. (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Carlos)

Nesse sentido o contato pessoal com a doutrina religiosa e suas práticas é fundamental no momento da conversão, e do processo gradual de aproximação das condutas religiosas. Se a tradição protestante mantém um discurso de que, em última instância, o que há de mais fundamental na evangelização é a leitura da Bíblia, devemos notar, para dizer o óbvio, que a simples leitura não representa qualquer tipo de evangelização sem o contato com a interpretação vigente, com a doutrina de uma determinada igreja e com as práticas religiosas que serão aprendidas pelo fiel com outros religiosos, com as músicas, com a participação nos cultos, estudos e pontos de pregação, enfim em todo aprendizado da prática doutrinária vigente na época e no lugar em questão.

Conforme este contato e adequação às práticas doutrinárias avança, com uma maior participação nos cultos, os pastores se mobilizam para cobrar a presença ou participação dos novatos em certos costumes da igreja: pode haver abordagem direta por parte de algum pastor fazendo um comentário a respeito de já estar no momento de contribuir com a igreja, na hora reservada para as ofertas e recolhimento de dízimos, ou pode haver cobrança sobre a necessidade de participar dos estudos de pré-batismo para aqueles que já estão freqüentando a igreja. O caminho pressuposto do pré-batismo, é, como se sabe, por fim ser batizado. O batismo marca, como já foi discutido neste trabalho, o momento em que se inicia a participação formal da pessoa na igreja. O estatuto da igreja é válido para os membros, isto é, para os que já foram batizados. É, portanto, aos batizados, aos membros, que cabe a proibição de qualquer conduta repudiada na doutrina da igreja. O batismo marca o término do período de adaptação, pressupõe-se que as regras de conduta não serão mais violadas a partir deste momento. Algumas delas certamente são violadas a todo momento, como a fofoca. Embora requisito proibitivo

no estatuto e nos discursos dos pastores, não há punições ou sistemas de proibição da fofoca. Outras destas regras podem ser mais aplicadas na prática, como a proibição de consumo de drogas, cigarros e bebidas alcoólicas.

Desde o início da participação na igreja, todo momento é propício para recebimento de revelações e profecias sobre a presença de um chamado. Sobre isso, é possível fazer algumas observações: embora a minoria dos frequentadores da igreja seja de homens, quase todos eles recebem revelações de que têm chamado. Como relatei em outra parte, eu mesmo recebi mais de uma vez avisos de que eu teria chamados para missionário, para pastor e para ocupar um cargo na igreja (este último não foi muito preciso sobre a função). Estas revelações podem acontecer em qualquer momento: podem ocorrer durante uma pregação, com o pastor descendo do altar e orando para uma pessoa entre os frequentadores da igreja, com microfone e com a atenção de todos, ou pode também ser informal, nas orações individuais, nos conselhos e profecias que ocorrem pelos pastores auxiliares durante o culto, ou mesmo em outras situações não pertencentes ao momento do culto. Um pastor que diz para uma pessoa que “vou te ordenar pastor” informalmente, fora da igreja, pode ser um fato considerado (como o fez um dos entrevistados) como uma profecia reveladora do chamado. Nesse caso, o pastor informa à pessoa sobre o seu “chamado” espontaneamente.

Ao longo de todo esse processo, há formas diferentes de integração com a igreja pelos fiéis. Alguns deles têm posturas mais ativas: frequentam mais vezes a igreja, participam dos estudos ou podem se voluntariar para exercer alguns serviços simples que a igreja precisa (pegar um copo de água, arrumar as cadeiras ou limpar a igreja, por exemplo). Estas atitudes são interpretadas pelos pastores como sinais de que a pessoa possa ter algum chamado. Nesses casos, parte da pessoa a atitude de trabalhar na igreja, o que, na linguagem religiosa é tratado como uma demonstração de que há, de fato, um chamado para a pessoa. Não parte, portanto, do pastor, de ofício, embora o pastor também se manifeste.

As duas formas de revelação do chamado não são mutuamente excludentes. Normalmente, os pastores vivenciaram as revelações de seu chamado por incontáveis vezes desde que entraram na igreja até serem ordenados pastores. Esse momento da profecia de que se tem o dom de pastor, não costuma ser visto como um momento importante. É apenas mediante o acontecimento real, mediante

o momento em que se é efetivamente ordenado como pastor, que se reconhece a veracidade, a validade e a importância das profecias - como discutimos anteriormente.

Ao passo que o fiel amplia sua participação nas tarefas da igreja, seu título hierárquico se ajusta às tarefas que já realiza. Nesse sentido, portanto, a função hierárquica precede o recebimento do título. Aquele que já desempenha funções de auxílio nas tarefas de limpeza, cuidado das crianças, apoio com movimentação de cadeiras nos momentos de pregação, por exemplo, recebe posteriormente o título de obreiro. Aquele que já participa do “grupo de louvor” recebe o nome de Levita ou aquele que faz visitas e pregações nas ruas recebe o título de Diácono. Assim ocorre na maioria das vezes com todas as posições dentro da hierarquia da igreja.

Deve-se destacar, no entanto, que, no caso dos dois pastores que entrevistamos que tinham relações familiares fortemente associadas à religião e cuja conversão foi primordialmente motivada por isso, houve forte pressão para que recebessem esses títulos. De qualquer modo, o pastor Antônio já participava auxiliando a igreja antes de ganhar seus títulos hierárquicos. Situação excepcional aconteceu com o pastor Carlos, cujo ordenamento de pastor foi decidido por consequência da necessidade de que ele se tornasse pastor para assumir a posição de seu irmão falecido no conselho de pastores – conforme vontade manifesta em vida por seu irmão. Nesse caso, a timidez de Carlos o impedia de fazer muitas coisas que necessitavam exposições públicas, de modo que, quando foi, às pressas, ordenado pastor, só havia feito uma pregação em toda sua vida. No seu caso, as tarefas de pastor foram realizadas apenas posteriormente ao título, mas reconheceu-se a excepcionalidade do caso.

Os outros dois pastores que entrevistamos tiveram uma trajetória, desde o início de seu contato com a igreja, no sentido de aproximação com a religião como “caminho alternativo” ao “caminho da criminalidade”. Nesse caso, os dois pastores se envolveram com drogas desde cedo (por volta dos dezessete ou dezoito anos), e, juntamente com o seu envolvimento com as drogas, envolveram-se também com a criminalidade. Nenhum dos dois especifica os detalhes de seu envolvimento com a criminalidade. Um deles chegou a participar do tráfico de drogas, e quase foi preso por isso: após sofrer violência por parte de alguns policiais e ficar alguns dias na delegacia, foi solto. O outro apenas diz que foi usuário de drogas e se envolveu com

a criminalidade, sem especificar como. Os dois têm um entendimento de que se permanecessem envolvidos com drogas, teriam chegado rapidamente à morte. O primeiro percebeu isto pela própria vivência, após passar por várias situações de ameaça de morte (em cada uma delas ele lidava se aproximando da igreja) e um espancamento em grupo, que foi determinante para sua conversão definitiva, e motivo pelo qual declarou: “Ou eu me entrego pra Jesus, ou então eu vou morrer” (Entrevista com pastor Bruno). Além disso, o pastor conta sobre várias pessoas próximas dele na época em que ainda usava drogas, que hoje estão mortas.

O outro pastor reconhece o risco de morte de se manter no “mundo da criminalidade” a partir da história de seus antigos amigos da juventude, que diz que já estão todos mortos, além de uma análise que ele próprio faz da sociedade em que vive e o papel da igreja pentecostal nesse contexto, afirmando que:

hoje as igreja pentecostal elas tão nas favela mais por causa disso, nós conseguimos resgatar jovens desse meio aí, muitos não sobrevivem, eu sou um milagre, porque... os jovens que foram da minha época...olha, eu vou te ser sincero, eu num consigo achar mais nenhum a maioria tudo assassinado com envolvimento com droga, assassinado mesmo. Num chega a nem morrer pelo vício não, porque foram assassinado (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel)

No contexto dos pastores envolvidos com o uso de drogas e com a criminalidade⁴⁹, não é apenas nos relatos sobre si próprios que a alternativa da conversão como forma de desligamento da criminalidade aparece. Proliferam histórias sobre pessoas que, perseguidas, buscam a igreja como meio de se esconder temporariamente, ou que, ainda que envolvidas com o mundo da criminalidade (nos critérios dos pastores que relataram), mantém aceitação de que a opção pela conversão em igrejas evangélicas consiste em uma alternativa que deve ser respeitada como uma saída do meio do crime⁵⁰.

⁴⁹ É bom notar que os pastores de que trato aqui como convertidos após inserção na criminalidade são muito diferentes daqueles tratados por Côrtes (2005). Lá, tratam-se de pastores que vivem de sua narrativa sobre o fato de terem sido pastores e não serem mais, de pastores que, na maioria, são desprovidos de repertório teológico convincente e muitas vezes se tornam pastores-itinerantes predominantemente restritos à pregação de seu testemunho performático. No nosso caso, encontramos estes pastores dentro do próprio quadro funcional das igrejas. Não se trata aqui de um caso paradigmático de “bandido que virou pastor”, mas simplesmente de um pastor como os outros, que tem, entretanto, uma história de envolvimento com o uso de drogas e com a criminalidade.

⁵⁰ Lembre-se que nossos dados são limitados aos discursos dos já convertidos e sua percepção sobre isso. Não podemos falar sobre como se dá esta percepção entre os que não foram convertidos.

Essa conversão não costuma, no entanto, ser tão facilmente reconhecida como verdadeira. Como mostra o discurso do pastor Bruno, o início de seu envolvimento com a igreja foi tímido e restrito aos domingos. E por este período, diz que seus vizinhos e companheiros de uso de drogas não o consideravam como um convertido plenamente, desconfiando de que ele sairia da igreja. Assim que se converteu com o batismo, Bruno diz ter avisado para todos que pôde sobre a sua recente mudança, e ainda não foi considerado efetivamente como um “convertido” pelos seus amigos e conhecidos. Esse reconhecimento, no relato dele, apenas ocorreu a partir do momento em que seu engajamento com a igreja ficou mais forte, passando a ocupar funções dentro da igreja, e fazendo pregações nas ruas. As pregações realizadas na rua, podem ser, ao meu ver, facilmente interpretadas como uma forma de sinalização para seus próximos de que sua conversão havia sido efetivada e que agora era um “homem de Jesus”, e não mais da criminalidade. Nesse sentido, é possível pensar que em certos contextos, como encontramos em nossas entrevistas, a carreira de pastor deve ser considerada como uma forma consolidada (mais do que apenas a conversão) de demonstrar, para os vizinhos, amigos e para os demais contatos relacionados à criminalidade, que houve uma saída do “mundo da criminalidade”.

Quanto à conversão na igreja católica, não oferece o mesmo tipo de interpretação como alternativa à criminalidade porque ela não é reconhecida como um conjunto de práticas que mantém uma participação ativa e freqüente, capaz de ser considerada um substituto para o caminho da criminalidade e também porque não há um momento de decisão pela participação nas doutrinas católicas. Não há um momento da conversão. O pastor Daniel afirma o seguinte:

Eles falam aí que nós como produto do meio, se você é criado numa numa sociedade de classe média e estuda, você tem um padrão de vida diferente. Completamente diferente. A gente que é criado aqui, classe pobre, classe baixa de favela, a gente vai envolver com o que tem. Eu reparo isso muito hoje porque a diferença é muito grande...a...os...meninas as mocinhas que nasce, cresce na favela elas não têm opção não. Elas vão envolver com tudo da região ali ó, o namoro vai ser com os menino da região, as brincadeira entendeu é...tipo assim, a cultura é a cultura diferente, parece que existe dois mundo dentro desse mundo, um mundo pra classe média e um mundo pra classe inferior. Infelizmente a diferença é muito grande. Quem nasce no subúrbio, nas favela num tem opção não. A única opção que tem é...é Jesus, através das igreja...assim, não desfazendo da igreja católica porque a gente já nasce católico, mas num tem num é praticante igual um evangélico entendeu, evangélico é uma prática você vai ver eu

aqui direto...se eu fosse católico eu ia na igreja uma vez por ano (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel).

Há ainda outra coisa de especial neste trecho da fala do pastor Daniel na entrevista. Enquanto analisa o papel das igrejas evangélicas e a criminalidade, o pastor adota um discurso próximo da dualidade dos mundos da ontologia cristã, mas como uma analogia para compreender o próprio mundo material dividido em classes que vivem de forma completamente diferente. Nessa sua visão, há dois mundos apenas: um deles é a “classe média” e o outro a “classe baixa”. Mas é importante lembrar que nenhum deles importa realmente perante o mundo espiritual.

Além da conversão, há um caminho posterior que se deve seguir até que se torne pastor. Já batizado e participando ativamente dos cultos, como membro da igreja, há uma apropriação de um arcabouço simbólico que envolve os cultos, as pregações e o funcionamento da igreja. O aprendizado avança quando a pessoa (tendo ou não sido revelado algum chamado para ela) passa a desempenhar algumas funções na igreja. Novamente, assim como o processo de adequação aos costumes da igreja que ocorre entre o momento em que primeiro se “aceita Jesus” até o batismo, tudo ocorre gradualmente:

O chamado do Espírito Santo vai moldando, vai trabalhando em você, até que você se rende. Não, realmente, tem que ser pastor porqu... não é que tenho que ser pastor, o chamado meu é de pastor porque Deus num quer que eu fique acomodado, ele quer que eu evolua. Pra mim evoluir, né... (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio)

Os membros da igreja podem desempenhar algumas funções, mas quando isso ocorre, são eventos pontuais ou feitos com intuito de receber algum destaque (pedindo para ser mencionado(a) pelo pastor no culto por ter ajudado em alguma coisa). Quando um membro sistematicamente se dispõe a praticar certas funções, os pastores decidem entre si e podem dar o título correspondente ao cargo que a pessoa já desempenha. O fato de a pessoa estar desempenhando, com sucesso, funções correspondentes a algum título é interpretado como um indicativo de que a pessoa tem o chamado para aquela função, assim como, no calvinismo, como mostra Weber (2004), o trabalho e a riqueza são indicadores de que a pessoa foi escolhida por Deus para a salvação.

A ascensão para pastor é apenas mais um grau que se pode alcançar na hierarquia dos títulos dentro da igreja. Nesta hierarquia, o maior título que se alcança é o de pastor. Mas é necessário mencionar que, na prática, há diversos tipos de pastores. Legalmente, a igreja fica sempre registrada no nome de uma única pessoa que é o pastor presidente da igreja (ou pastor titular). O pastor presidente toma as decisões, em última instância, sobre tudo o que acontece na igreja. Ele pode ser o principal pastor nas pregações ou não mas goza de status de “ancião” ou de “líder” conforme a idade. Mas a administração da igreja é sempre decisão dele. Para auxiliá-lo, há um pastor vice-presidente da igreja e uma secretária. Pode haver também um(a) tesoureiro da igreja.

Estes cargos altos dentro da igreja têm a tendência de se acumularem entre os familiares do pastor presidente. Os demais pastores são os pastores colaboradores ou auxiliares. A eles, cabe seguir as decisões do pastor presidente. Eles serão remunerados ou terão algum repasse de dinheiro ou ajuda (geralmente em cestas básicas) somente quando o pastor presidente assim decidir. Entre todos os pastores que aceitei me conceder uma entrevista nenhum deles disse receber qualquer coisa. O assunto da remuneração é complicado porque os pastores têm clareza da existência de um estereótipo dos pastores como ladrões de dinheiro (por causa do dízimo) no senso comum da sociedade brasileira. Assim, tanto a remuneração quanto o pagamento de dízimo são sempre assuntos tratados de forma delicada.

Quanto ao pagamento de dízimos, alguns pastores me afirmaram não pagar dízimos porque nenhum pastor paga dízimos enquanto outro, de outra igreja, afirmou pagar dízimo porque todos devem pagar dízimos. Sobre este assunto, ficamos limitados, impedidos, de tecer maiores conclusões, pois nossos dados não o permitem fazer sem abandonar a justa fundamentação que o tema merece. Creio que, com mais entrevistas seria possível encontrar mais clareza sobre isso.

Quanto ao recebimento de remuneração por parte da igreja, os pastores presidentes das duas igrejas recebiam algo, mas os pastores não especificaram de quanto era este valor e nem de que forma era feito (um deles disse que o pastor presidente poderia receber “ajudas” – ou seja, foi bastante vago) – se em dinheiro ou em doação de cestas básicas, por exemplo.

Os outros pastores, colaboradores, mesmo não recebendo remuneração pela sua participação nos cultos, recebem, ocasionalmente, pagamentos por participação como convidados em outras igrejas. Mas dizem não estabelecer qualquer valor previamente, porque não se sentem confortáveis de assim o fazer.

Resta comentar um detalhe importante com relação aos benefícios que um pastor pode obter: entre os pastores com quem tive contato, há laços fortes entre os pastores de uma igreja no quesito de trabalho (secular), alguns conseguem empregos para outros, alguns ensinam seus ofícios para os outros, e alguns conseguem “bicos” para os outros. De forma que, numa sociedade em que o trabalho temporário, intermitente e precário é a regra, com seus laços entre os pastores, há maior segurança e facilidade de se obter um trabalho ou emprego.

6.2. Hierarquia e organização do trabalho na igreja

Existem diversas tarefas que integram o conjunto de práticas total das atividades realizadas pela igreja. Essas tarefas são divididas entre os líderes (pastores, evangelistas, missionários, obreiras, etc) da igreja de modo que se cria uma estrutura hierárquica de funções e tarefas mais ou menos definidas concomitantemente com um sistema de títulos associados às funções de cada pessoa. No que diz respeito às hierarquias e às promoções de um título para outro, a igreja é vista nas palavras dos próprios pastores, como uma empresa:

É uma hierarquia, mas é igual você ter uma empresa, você tem um gerente, né. Você tem funcionários. Um funcionário não vai assumir a gerência de uma vez. Ele tem que provar o seu valor. E é engraçado que eu não tinha ideia do que era isso, né. A minha intenção era só mesmo aprender e ajudar, né. E o chamado era de pastor mas é... cê tava cooperando, cê tava ajeitando, cê tava visitando, você tava se envolvendo, você estava estudando, então as coisas vão se aprimorando. O chamado do Espírito Santo vai moldando, vai trabalhando em você, até que você se rende. (Entrevista realizada 23/09/2017 com o pastor Antonio)

Pastor Daniel: (...) Uma hierarquia que nem que eu tô abaixo do pastor titular, abaixo do outro pastor, do outros pastor e assim por diante, mas é só questão de hierarquia como se fosse uma empresa. Mesma coisa numa empresa.

Entrevistador: Hum

Pastor Daniel: Mas agora diante de Deus num tem diferença nenhuma. (Entrevista realizada no dia 11/02/2018 com o pastor Daniel)

Mostramos na nossa descrição, em momento anterior, as tarefas que são desempenhadas na igreja (que não se restringem aos cultos). As igrejas oferecem também dias de estudo bíblico e elaboram campanhas (que envolvem jejum, privações e doações diversas dos membros que participam). Além de fazer a pregação, alguns pastores são responsáveis por cantar ou tocar instrumentos musicais. É importante também notar que a manutenção da igreja exige também uma série de trabalhos burocráticos de prestação de contas ao governo, as atividades de limpeza e conservação do local, a administração dos patrimônios da igreja e a prestação de serviços diversos à comunidade carente.

Além disso, se considerarmos apenas o tempo decorrente em um culto, mostramos que há uma série de atividades paralelas que são desenvolvidas, de forma simultânea, no momento em que um pastor faz a pregação (mas deve-se considerar, também, que há rotatividade de quem faz a pregação). Enquanto um pastor recepciona pessoalmente cada pessoa que entra na igreja, outro pastor toca violão e canta, uma pastora pode estar filmando, outro pastor exalta a pregação e convida à participação (por inserções vocais ou palmas) os *membros da igreja* (os que não são pastores ou obreiras) e um outro faz a pregação.

Uma primeira observação que podemos fazer é de que o produto (imaterial) final da igreja é atingido por meio de uma *cooperação*. Marx aponta que “A forma de trabalho dentro da qual muitos indivíduos trabalham de modo planejado uns ao lado dos outros e em conjunto, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes porém conexos chama-se *cooperação*” (2013, p.400). Nesse sentido o culto, na igreja que observei, é produto de uma *cooperação*. Marx preocupa-se com a *cooperação* porque, para ele, no modo de produção capitalista, o capital torna-se um requisito para garantir a *cooperação* dos assalariados (MARX, 2013, p.406). Os assalariados, por sua vez, enquanto considerados como cooperadores, tornam-se um modo de existência do capital (MARX, 2013, p.408), de modo que a *cooperação* corresponde à primeira alteração “que o processo de trabalho efetivo experimenta em sua subsunção ao capital” (MARX, 2013, p.410). Isto é, temos vários pastores (e obreiras) trabalhando no mesmo lugar e simultaneamente para que o culto decorra daquela forma. Não se trata de uma soma de trabalhos individuais, mas de uma combinação cujo resultado não seria igual, por exemplo, se cada pastor desempenhasse suas atividades em lugares diferentes, ou

se um só pastor fizesse todo o trabalho em um culto de tempo prolongado. É preciso que uma quantidade mínima de pastores esteja na igreja, desempenhando suas atividades simultaneamente, para que o resultado atingido seja o mesmo.

A forma mais simples de cooperação é a manufatura. Esta pressupõe a existência de um *trabalhador coletivo*⁵¹. Mesmo tendo alguma troca daqueles que desempenham cada uma das tarefas, dentro de determinados intervalos pode-se observar que cada pastor encontra-se realizando uma tarefa específica. Ou faz-se a pregação, ou bate-se palmas, ou recebe-se os fieis que entram na igreja. Em algumas destas tarefas é possível observar rotatividade (ie, os pastores trocam de tarefas entre si, de forma organizada), mas algumas outras tarefas podem não fazer parte desta rotatividade, quando são competências privativas de alguma pessoa, geralmente do pastor presidente ou do pastor vice presidente.

Isto configura um elemento importante nas igrejas pertencentes ao movimento pentecostal, ou, àquelas que são consideradas “avivadas”. A construção do avivamento durante o culto não ocorre sem a presença de um coletivo de pastores trabalhando ao mesmo tempo de forma razoavelmente organizada. Um único pastor provavelmente falharia na obtenção de um culto avivado. O avivamento necessita de uma composição de gritos, pessoas em movimento, pastores orando enquanto outros estão dançando, falando em línguas ou fazendo o reteté, isso tudo além da música de louvor e a própria pregação.

A diversidade das atividades envolvidas no culto pressupõe uma divisão das tarefas na organização religiosa. Mas além do serviço final, observado no momento do culto, há uma série de atividades-meio importantes para a manutenção da igreja. Enquanto as atividades de manutenção e limpeza da igreja são realizadas exclusivamente pelo próprio quadro hierárquico da igreja, as atividades exigidas por lei como registro da igreja e prestação de contas para o governo, que são desempenhadas pelo presidente da igreja, ou pelo vice presidente da igreja, podem contar com o auxílio de um conselho de pastores. Nas igrejas não-denominacionais, a ligação com um conselho de pastores garante apoio de consultoria sobre como lidar com as tarefas burocráticas, mas a tarefa mais distinta prestada por estes conselhos consiste no registro de novas igrejas. Estes conselhos podem, ainda,

51 O trabalhador coletivo, segundo Marx, é o “mecanismo vivo da manufatura” (MARX, 2013, p.414), trata-se de uma combinação de vários trabalhadores parciais e unilaterais. Pressupõe, portanto, uma divisão técnica do trabalho, ie, uma divisão de trabalho interior àquele trabalhador coletivo.

participar na preparação de cursos de formação para os pastores como o de capelania ou a escola de pastores. Além disso, os conselhos são responsáveis pela certificação de novos pastores, fornecendo-lhes carteirinhas de pastores após aprovação em prova também organizada pelo conselho. A participação em curso de pastores e a realização da prova, no entanto, são frequentemente dispensadas para os pretendentes de obtenção do título que têm proximidade com os organizadores do conselho.

De qualquer modo, a freqüente participação das igrejas não-denominacionais nestes conselhos, além do forte intercâmbio de convites mútuos de participação dos pastores entre as igrejas consideradas avivadas, favorece pensarmos que as relações das igrejas não denominacionais é de interligação em forma de rede de contatos. Essas igrejas de pequeno porte mantém contato e proximidade com diversas outras igrejas. Isso justifica a proximidade entre as práticas, organização e doutrina entre estas igrejas.

Embora os conselhos de pastores eventualmente organizem cursos de pastor em alguma igreja de pequeno porte, muitas vezes os pastores passam por cursos em outras igrejas de denominações maiores, e apenas depois migram para as igrejas não denominacionais. Muitas vezes essa migração ocorre por falta de afinidade com as denominações que não são “avivadas”.

Além disso, as igrejas pequenas consomem material fonográfico e editorial produzido por denominações maiores. Nesse sentido, a influência cultural de denominações como a Assembléia de Deus, que mantém a edição da “CPAD”, se estende não apenas na própria denominação, mas também pelas igrejas menores, que não possuem sua própria indústria editorial e musical.

6.3. O produto do trabalho dos pastores

A atividade do pastor consiste na produção do serviço religioso prestado pela igreja e destinado aos fiéis e aos membros da igreja. Os fiéis, as pessoas comuns, que não fazem parte do círculo restrito dos pastores, dos intelectuais religiosos, buscam na igreja diversas coisas diferentes, e isso caracteriza um primeiro aspecto encontrado no serviço religioso, qual seja a possibilidade de seu fim ter usos

diferenciados para cada uma das pessoas que frequentam o culto. Pierucci (2005), com razão, aponta para o fato de que os “consumidores religiosos” buscam nas igrejas fins racionais e imediatos. Nos cultos, como relatei, os fiéis levam carteiras de trabalho, fotos de pessoas além de diversos outros objetos para deixá-los em espaço frontal do altar durante todo o culto, visando obtenção de certos objetivos materiais e imediatos (se não urgentes!). E por sua vez os (re)produtores dos discursos metafísicos, os pastores, oferecem uma série de serviços quando são buscados.

O trabalho do pastor pode ser remunerado e pode constituir sua forma de subsistência, mas também pode ser feito de forma não remunerada. Isso acontece de forma variável de acordo com as igrejas. Nas duas igrejas que estudamos, há indícios de que os pastores presidentes tivessem benefícios próprios provenientes da igreja, embora esse tipo de informação tenha sido sempre imprecisa e vaga. Muitos outros pastores não recebem benefícios em dinheiro da igreja, embora todos se beneficiem não apenas do status, mas também com obtenção de renda ao fazerem pregações em outras igrejas, por convite. Podemos também dizer que o trabalho dos pastores possui um tempo de trabalho não pago (o que chamamos de mais-trabalho), que é correspondente ao excedente do seu trabalho cuja administração é feita pelo “presidente da igreja”, em forma de dinheiro ou outras formas de benefícios materiais como cestas básicas ou outras doações menores.

Nas igrejas não-denominacionais, esse excedente não consegue (ao menos ainda) deixar de ter a perspectiva de ser convertido em valor de uso. O capital não tem ainda um movimento autônomo dentro da própria igreja. O “presidente da igreja”, tão logo alcança alguns pastores para trabalharem por ele e, desde que obtenha renda proveniente da igreja, se torna um pequeno burguês, mas não diretamente um capitalista. Estimamos que para isso acontecer, a igreja provavelmente teria, já, mais de cinco filiais sob o mesmo nome, e deixaria de fazer parte do que convencionou-se chamar de igrejas não-denominacionais. No entanto, isto não é de modo algum uma regra. Com os nossos dados não podemos generalizar tal fato.

Os outros pastores, trabalhadores, aqueles que não têm ainda capital para montar suas igrejas trabalham para o presidente da igreja. Ao fazerem isso, sua capacidade de trabalho é utilizada para a produção do serviço religioso da igreja. Em

troca, em alguns casos, o pastor pode se beneficiar de uma renda. Na Igreja Universal, é comum que os pastores se dediquem completamente para o trabalho de pastor e, por isso, são remunerados (MARIANO, 2004), mas nos casos que encontrei, nas igrejas pentecostais não-denominacionais, os pastores não recebiam diretamente uma renda. Os benefícios que obtêm podem ser diversos: em casos de dificuldade, eles encontram a possibilidade de recorrer ao amparo da igreja, que pode ajudá-los com cestas básicas, podem conseguir, através de suas relações na igreja, alguns empregos ou bicos, ou podem, de outro modo, se beneficiar do status de pastor, que, nos casos de pessoas que buscaram uma saída da criminalidade através da conversão, sinaliza para os antigos amigos, vizinhança e contatos do “mundo da criminalidade”, que ele se desligou daquelas atividades – artifício que os pastores reconhecem como alternativa segura para evitar ser assassinado em decorrência das atividades que desempenhavam na criminalidade. Apesar de tudo isso, encontramos, no caso do pastor Bruno, a expectativa de que um dia fosse remunerado pelas suas atividades na igreja.

A relação de trabalho dos pastores ocorre sem observância do vínculo empregatício, de modo que nenhuma atividade dos pastores é objeto de regulamentação. Na igreja, as decisões do presidente e/ou do vice presidente da igreja não possuem qualquer tipo de regulamentação além do próprio estatuto da igreja, que é feito pelo conselho de pastores sob pedido do presidente da igreja. Os pastores algumas vezes buscam estar preparados para uma pregação mesmo sem avisos prévios, e desempenham tarefas que podem ter correspondência com outras funções. Ouvi relatos de pastores que limpavam o chão da igreja ou faziam serviços de encanamento. Mas qualquer atividade, desde que seja feita no contexto das atividades de manutenção da igreja é aceita pelos pastores sem preocupações quanto aos desvios de função.

A partir da atividade dos pastores na produção imediata do serviço religioso, é possível destacar o seguinte conjunto de resultados: 1) toma espaço, por parte dos pastores, uma série de ritos (as orações, o louvor, as consultas individuais) que presumivelmente sanarão os problemas e as dificuldades e ajudarão a conquistar os objetivos imediatos buscados pelos fiéis e membros através de uma intervenção no “mundo espiritual”, 2) os mesmos pastores que promovem estas intervenções no mundo espiritual promovem também as informações sobre a metafísica do mundo

espiritual, 3) há cobrança de que, para fins de que a intervenção no mundo espiritual tenha efeitos práticos objetivos, a pessoa se aproxime das práticas metafísicas cujas informações sobre seu funcionamento e sobre a forma de aproximação dele é dada pelos próprios pastores (essa aproximação ao mundo espiritual nada mais é que a aproximação e frequência na igreja) e 4) os pastores também agem com os consumidores religiosos perguntando sobre suas vidas, buscando entender os problemas e oferecendo conselhos práticos fundamentados em seu conhecimento e observação prática da vida em seu sentido material e objetivo.

No que diz respeito ao último aspecto, nota-se que a experiência de vida dos pastores e seu conhecimento e proximidade com a vivência das pessoas que compõem a comunidade freqüentadora da igreja é um insumo importante para a produção do serviço religioso produzido pelos pastores.

Embora façamos esta separação entre os diferentes aspectos promovidos pelo trabalho dos pastores, na realidade estes aspectos são indissociáveis, acontecem intercalados e como se fossem uma mesma coisa. O pastor, portanto, produz um complexo serviço que é consumido ao mesmo momento em que é produzido. Esse serviço é voltado para a própria tentativa de resolver o problema prático e imediato do consumidor, mas também tem o sentido de manutenção da legitimidade da metafísica religiosa.

Assim, mesmo que os fiéis busquem, na igreja, apenas uma forma de obter cura para uma doença, empregos, benesses financeiras e prosperidade, esse serviço não existe sem que seja acompanhado do aprendizado dos símbolos e das explicações metafísicas do mundo e da vida além também de uma obrigatoriedade de partilha de um conjunto de crenças e ritos. O consumidor religioso, nesse sentido, se depara com uma “venda casada”: apenas pode se valer da intervenção dos pastores no mundo espiritual para concessão de bênçãos que resultariam em obtenção de benefícios materiais caso também faça parte dos ritos, ouçam as pregações e as explicações últimas sobre a vida e seu sentido, e (dizem os pastores) caso acreditem em tudo. Sem a fé, não há resultados.

Há, no entanto, devemos lembrar, para além da intervenção dos pastores no mundo espiritual, um esforço dos pastores de interferência no próprio mundo material, ação sem a qual, segundo eles próprios, de nada adiantaria seus esforços no mundo espiritual. Isso fica patente, como ressaltamos anteriormente, na ênfase

dada à observação dos comportamentos das pessoas da comunidade religiosa tanto para a preparação das pregações (que fundamentam-se fortemente na narrativa de casos reais) como para o fornecimento de bons conselhos assistenciais e psicológicos aos fiéis. Mas além da prestação de mediação de conflitos conjugais ou familiares, a interferência dos pastores no mundo material pode se estender para a permissão de venda de comida no final dos cultos para os casos de pessoas com dificuldades financeiras, para a oferta de empregos mediados pela igreja, para o oferecimento da participação na igreja como uma alternativa considerada válida de desligamento com a cultura da criminalidade, ou também para o uso da igreja como forma de terapia para a interrupção do uso de drogas, álcool ou cigarro.

Quanto às crenças, elas carregam um pano de fundo maior que é a ontologia dos dois mundos. Não se trata aqui de algo original ou específico destes pastores, mas que se encontra desde a gênese do catolicismo e se encontra também nos discursos dos pastores pentecostais que estudamos. Elas não apenas justificam aos fiéis a competência dos pastores para retirar os “empecilhos” e permitir a “libertação” da vida da pessoa no mundo espiritual, como consistem numa idéia que, em perspectiva histórica, serve como meio de esvaziar de sentido a ontologia enquanto valoriza unicamente o que se encontraria no “mundo espiritual” (LUKÁCS, 2012). E precisamente neste aspecto, é possível argumentar que se move no sentido da manutenção do *status quo* entre dominantes e dominados.

Para melhor compreender como o discurso dos “dois mundos” opera ideologicamente, retomemos, por exemplo, a discussão sobre raça e cor. Quando perguntamos ao pastor Daniel sobre sua raça, o pastor disse que não via qualquer existência de distinção entre raças, uma vez que apenas o mundo espiritual tinha alguma importância em sua vida. Este argumento utilizado por Daniel mostra como a desigualdade de raça (mas que também é estendido às questões de gênero e de classe) pode ser obnubilada, ofuscada, ante a visão de que o mundo material, o “mundo da carne” é desprovido de sentido aos olhos de Deus. De forma semelhante, a doutrina pentecostal defende que todos os fiéis são prósperos. De fato, neste quesito, os participantes da igreja, incluindo os membros e os pastores, parecem exercer ativamente ações no mundo material com a finalidade de poder demonstrar a prosperidade. No entanto, quando não se pode ostentar rendas mais altas ou empregos de maior prestígio, permanece a defesa de que são prósperos, ajustando-

se suas necessidades para um patamar inferior, de modo que se justifique que se tem tudo o que é preciso.

Com relação ao serviço religioso produzido pelo trabalho do pastor, em todos seus aspectos, notamos que, a um só tempo, além de fornecer conselhos e suporte prático às dificuldades corriqueiras na vida dos fiéis (com conhecimento dos pastores fundamentado na própria vida dos pastores e na observação que eles fazem da vida das pessoas da comunidade religiosa), produz também o seu próprio *marketing*, a sua justificativa frente aos fiéis, o fornecimento de informações metafísicas e ontológicas que garantem a permanência da crença por parte do fiel e também a reprodução ideológica.

Quanto a isso, é preciso lembrar que as religiões têm uma série de variantes por meio das inúmeras seitas que surgem, ao longo da história da humanidade, e que podem sobreviver ou cair no esquecimento em pouco tempo. Caberia nos questionar sobre o porquê de serem exatamente as seitas e as crenças que garantem um discurso compatível com a justificação da manutenção das desigualdades na sociedade, aquelas que se perpetuam e se expandem de forma mais notável. Este questionamento parece não apenas importante como fundamental na agenda de pesquisa relacionada à religião, mas exigiria um trabalho diferente, capaz de colocar as religiões e seus discursos em perspectiva histórica e explorar a gênese dos discursos atuais.

Sobre a reprodução do discurso ideológico, Lukács diz que:

não obstante todas as transformações fundamentais da imagem de mundo originária da cristandade, a estrutura bimundana sempre é mantida: uma concepção teleologicamente fundada do mundo dos humanos, no qual se realiza seu destino, no qual seu comportamento define sua salvação ou sua danação, e do mundo compreensivo, teleologicamente ainda superior, cósmico-transcendente, de Deus, cujo ser constitui a garantia ontológica última da indubitabilidade do poder de Deus na realidade terrena (LUKÁCS, 2012, p.36).

Ou seja, reproduz-se um discurso que, no essencial, busca negar a atribuição de sentido ontológico para os nossos conhecimentos do mundo material (LUKÁCS, 2012, p.39). Neste trabalho, mostramos que todo o aprendizado e a reprodução cotidiana desta imagem de mundo pelos pastores têm uma construção social ao longo de sua vida. Em suas narrativas de vida, evidenciam-se os fins práticos buscados por eles na construção de sua imagem como pastores: seja buscando

alternativa real para uma vida relacionada à cultura da criminalidade e das drogas ou na busca por proximidade com familiares.

Mas mais destacadamente, gostaríamos de reiterar que a própria (re)produção do discurso religioso em sua singularidade, quando se manifesta na forma de cultos e eventos da igreja, através do contato direto dos pastores com os visitantes e fiéis da igreja, no caso das igrejas pentecostais, se vale de uma mistura indissociável entre a assistência que o pastor presta à resolução dos mais diversos problemas imediatos na vida de uma pessoa, sob forma de conselhos pessoais ou do apoio mediante a institucionalidade da igreja, o efeito estético do “avivamento” que toma espaço nos cultos, e, propriamente, a reprodução do discurso ideológico.

7. Conclusão

Na nossa discussão, mostramos que o pentecostalismo no Brasil, desde o seu surgimento, fundamentou sua expansão em agressivo proselitismo entre pessoas com baixa renda de ambientes urbanos. Hoje, percebemos uma grande quantidade de igrejas que estão localizadas em regiões periféricas das grandes cidades, algumas delas pertencentes às grandes denominações, enquanto várias outras consistem em igrejas de pequeno porte que convencionou-se chamar de igrejas não-denominacionais.

Estudando as igrejas de um bairro periférico de Belo Horizonte, levantamos algumas observações que esperamos contribuir para melhores compreensões, do ponto de vista sociológico, destas pequenas igrejas cujo material de estudo ainda é escasso no âmbito acadêmico.

Mostramos que estas igrejas possuem uma estrutura bastante peculiar. Por um lado, elas possuem um presidente da igreja que tem forte poder de mando e decisão sobre a organização e sobre os pastores auxiliares da igreja. Por outro lado, encontramos uma forte rede de intercâmbio de pastores para pregações entre as igrejas com as quais têm aproximação. Essa aproximação é fortemente mediada pelo pertencimento ao movimento pentecostal e ao “avivamento”. Os pastores demonstraram certa ênfase em manifestar um distanciamento das igrejas que não são consideradas “avivadas”.

Quanto à carreira dos pastores, notamos que há uma previa aproximação necessária com a igreja que consiste em período importante de aprendizado dos símbolos, significados e principalmente das práticas que as atividades da igreja envolvem além de mudança dos comportamentos para alinhamento com os requisitos da igreja. A aproximação com a linguagem religiosa e com os símbolos utilizados na igreja começa, não raro, antes da participação na igreja, intensifica-se com as ocasiões em que, freqüentando a igreja, “aceita-se Jesus”, e formaliza-se com a “passagem pelas águas”, o batismo.

A passagem, de fato, que marca o início de um trajeto que pode resultar em se tornar pastor, inicia-se com a participação mais ativa nas tarefas da igreja. Há presença também da possibilidade de se fazer uma escola para pastor ou algum curso de teologia, com os mesmos fins, mas esta etapa se mostra opcional, alguns

pastores não a fazem. A maior importância não é dada à aprendizagem teológica e à exegese bíblica, mas a prática dos pastores que envolve a pregação, a atuação performática (interpretada como um “dom” demonstrativo da escolha Divina) e a atuação nas visitas e na capacidade de ajudar nas dificuldades dos fiéis.

Mostramos que há uma série de títulos que compõem o conjunto de todas as pessoas que contribuem nas tarefas da igreja, que formam uma hierarquia a qual, segundo os pastores, funciona da mesma forma como uma empresa. Na prática, observamos que os títulos destas hierarquias são dados na maioria das vezes apenas após as pessoas já exercerem as atividades correspondentes àquela função. O fato de as pessoas já exercerem a função é interpretado, na linguagem sublimada religiosa, como um sinal do desígnio Divino. O “chamado”, portanto, tem como fator primordial a observância da atuação e disposição para participação ativa nas tarefas da igreja.

Concluimos, ainda, que o trabalho dos pastores une em um mesmo momento diversos aspectos que propusemos decompor, didaticamente, pensando na atividade prática que prestam para os fiéis. Os pastores fornecem apoio prático para dificuldades da vida de uma pessoa, o que é feito, como dissemos, principalmente através dos conselhos. Neste sentido, a própria experiência vivida dos pastores (que logra a proximidade com a experiência vivida pelos fiéis) consiste em elemento importante para isto.

Por meio da aproximação com a igreja, os pastores vivenciam ainda uma aprendizagem sobre como operacionalizar esta experiência vivida através da função religiosa, unindo-a com uma linguagem sublimada e um discurso religioso para criar sua posição de pastor (a construção prática desta posição ocorre, lembremos, antes da obtenção do reconhecimento via outorga do título) construindo uma diferença⁵² entre aqueles que são os pastores e os que não são. Ou, aqueles possuidores do ouvido “musicalmente religioso” e aqueles que necessitam deles para atingir as benesses da intervenção no mundo espiritual. A principal forma como ocorre este aprendizado, no decorrer da carreira dos pastores, é pela própria prática, com a oportunidade que é sistematicamente cedida nas igrejas que estudamos para que

⁵² Nesse sentido, a diferença construída diz respeito a uma posição de um grupo dentro de uma “sociodinâmica da relação entre grupos interligados” e que é criada a partir da “forma de vinculação” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.32) entre este grupo (dos pastores) e o outro grupo (dos fiéis).

desenvolvam as habilidades, ou, para que “manifestem o dom” necessário para a prática das atividades religiosas.

Há ainda, no trabalho dos pastores, outro aspecto importante que diz respeito à reprodução do discurso de existência dos dois mundos. Assim como, no romance de Goethe, Fausto – conforme citado na epígrafe deste trabalho – se sente dividido em duas almas: uma que se prende à matéria e outra que, em impulso contrário, busca seu espaço etéreo, também se encontra no discurso dos pastores a dualidade da matéria e do transcendental, separados pelos pastores com os nomes de “mundo espiritual” e o “mundo da carne”. No que diz respeito a este aspecto do “serviço religioso” dos pastores, trata-se de um movimento histórico mais amplo do que o pentecostalismo e que encontra ressonância no discurso reproduzido pelos pastores. Sugerimos, por fim, a importância da inclusão, na agenda de pesquisa da temática que circunda a sociologia da religião, da investigação sobre a gênese e reprodução deste aspecto.

8. Referências Bibliográficas

AGLIETTA, Michel. **Regulacion y crisis del capitalismo**: la experiencia de los Estados Unidos. Mexico, D.F. : Siglo Veintiuno, 1979.

ALMEIDA, Ronaldo. **A Universalização do Reino de Deus**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Campinas, Unicamp. 1996.

_____, Ronaldo. **A Igreja Universal e seus demônios**: um estudo etnográfico. São Paulo: Terceiro Nome. 2009. 149p.

ALMEIDA, Ronaldo de, e MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em perspectiva**. 15.3 (2001): 92-100.

ALTMANN, Walter. Censo IBGE 2010 e Religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1122-1129, out./dez. 2012.

ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. **Revista Katálylis**, v. 12, n. 2, p. 188-197. 2009.

AUBRÉE, Marion. La Vision de la Femme dans l'imaginaire Pentecôtiste, in: **Cahiers du Brésil Contemporain**. n. 35-36. Paris, 1998, pp. 231-46.

BECKER, Howard S. **Segredos e Truques de pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERGUER, Peter Ludwing. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Ed. Paulinas. 1985.

BERTAUX, Daniel. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. **Proposiciones**, Vol.29, 1999.

_____, Daniel. **Los relatos de vida**. Barcelona: Editora Bellaterra. 2005.

BOURDIEU, Pierre. A economia dos bens simbólicos. In: Bourdieu, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 1996.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BROSSES, Charles de. **Du culte des Dieux fetiches ou parallèle de l'ancienne religion de l'Égypte avec an religón actuelle de Nigritie**. NA. 1760.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (org). **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CÔRTEZ. Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pastor**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. São Paulo: USP, 2005.

DEMAZIÈRE Didier, DUBAR Claude. E. C. Hughes, initiateur et précurseur critique de la Grounded Theory. In: **Sociétés contemporaines** N°27, 1997. Autour d'Everett C. Hughes. pp. 49-55;

DRUCK, Maria da Graça. Globalização e Reestruturação Produtiva: o fordismo e/ou japonismo. **Revista de Economia Política**. Vol. 19, n°2(74). 1999. pp.31-48.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**, volume I: da idade das pedras aos mistérios dos Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FELTRAN, Gabriel de Santis. O legítimo em disputa: as fronteiras do 'mundo do crime' nas periferias de São Paulo. In: **Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social**. V.1, n.1. 2008. p.93-148.

FERREIRA, Cândido Guerra. O fordismo, sua crise e o caso brasileiro. **Cadernos do CESIT**. Texto para Discussão. Campinas: Março, 1993.

FLEURY, Afonso Carlos. Produtividade e organização do trabalho na indústria. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro: FGV, v. 20, n. 3, 1980. pp. 19-28.

_____, Afonso Carlos. Organização do trabalho em pequenas e médias empresas do setor mecânico. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro: FGV, v. 22, n. 4, 1982. pp. 17-27.

GODELIER, Maurice. La théorie de la transition chez Marx. **Sociologie et sociétés**, vol.XXII, no.1, avril 1990. p. 53-81.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes. 2008.

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, salvador, v. 24, n. spe 01, p. 15-22, 2011.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2010.

LAUTIER, Bruno. Informalidade das relações de trabalho e cidadania na América Latina. **Caderno CRH**. Salvador, n.18, p.5-48, 1993.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo. 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: os Pentecostais Estão Mudando**. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1995.

_____, Ricardo. 1996. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. In: **Novos Estudos CEBRAP**, 44: 24-44.

_____, Ricardo. 2004. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. In: **Estudos Avançados**, 18 (52): 121-138.

_____, Ricardo. 2011. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. In: **Perspectiva Teológica**, 43 (119): 11-36.

_____, Ricardo. Antônio Flávio Pierucci: Sociólogo materialista da religião. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.28, n.81. 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã [I-Feuerbach]**. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____, Karl. **Das Kapital: kritik der politischen ökonomie: erster band** hamburg 1883. Berlin: Dietz Verlag. 1989.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, Beatriz Muniz de, MARTINO, Luís Mauro de Sá (orgs.). **Sociologia e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo,

2013.

ORO, Ari. Neopentecostalismo macumbeiro. In: **Revista UDP**, São Paulo, n.68, p. 319-332, dezembro/fevereiro 2005-2006

_____, Ari Pedro. Pentecostalismo, dinheiro e magia. In: **ILHA - Florianópolis**, vol. 3, a.1, novembro de 2001. p. 71-83.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes. 2007.

PAULA, João Antonio de. Determinismo e Indeterminismo em Marx. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 48, p. 189-202, 1994.

PIERUCCI, Antonio Flavio. Liberdade de cultos na sociedade de serviços: em defesa do consumidor religioso. **Revista Novos Estudos**, n. 44. 1996.

_____, Antonio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP, Curso de pós graduação em Sociologia: Editora 34, 2003.

_____, Antonio Flavio. De olho na modernidade religiosa. **Tempo Social, Revista de sociologia da USP**, v.20, n.2, 2008.

_____, Antonio Flavio. O fiel é Deus: Notas sobre o mercado religioso. **Revista de Estudos da Religião**. Ano 13, n.2. 2013.

RIBEIRO, R. (Org.). **Histórias de bairros de Belo Horizonte**: regional norte. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH): Associação Cultural do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (ACAP-BH), 2011.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e “dominação” do Brasil**: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. Belo Horizonte: Tese de doutorado em sociologia, Fafich/UFMG, 2015.

SANCHIS, Pierre. No mapa das religiões, há lugar para a ‘religiosidade’?. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: UDUFSC, n.30, p.11-26. 2001.

SOUZA, André Ricardo. O empreendedorismo neopentecostal no Brasil. In: **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 13, n.15, p.13-34, 2011.

WEBER, Max; COHN, Gabriel. **A 'objetividade' do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006. (Ensaio de Weber comentado por Gabriel Cohn).

WEBER, Max. A psicologia social das religiões mundiais. In: GERTH; MILLS (orgs). **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora LTC. 1982.

_____, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos de sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

_____, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WHYTE, William Foote. 2005 [1943]. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

WOOD, Ellen Meiksins. **A Origem do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

WOOD, jr., Thomaz. Fordismo, Toyotismo e Volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. **Revista de Administração de Empresas**. FGV/SP, 32(4). 1992. pp.6-18.

Website citado:

<http://www.folhadesaopaulo.com.br> *Pulverização Pentecostal Cria Microigrejas*. Folha Online, 13-05-2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200207.htm>. Acesso em: 19/05/2018, 11:14.

Anexo 1 – Roteiro de entrevista

Infância

Origem dos pais:

De onde vem os pais?
Profissões/atividades dos pais?
Religião dos pais?

Origem do entrevistado:

Onde nasceu?
Onde mora agora? (Se entrevistado ou entrevistada se mudou de local, por quais motivos?)
Em quais escolas estudou? (Escola particular ou pública?) / Aspectos religiosos da escola
Estudou até quando?
Como foi a vivência na escola?
Qual a religião?

Inserção profissional

Fez alguma formação profissionalizante?
Como se inseriu no primeiro emprego/trabalho?
Quais empregos já teve?
Trabalha com o que agora? Se não trabalha, de onde se sustenta?

Idade adulta / Atividades como pastor(a)

Relações de amizade que teve?
Namorou? Casou? Teve filhos?
Onde mora agora? (Como são as condições da habitação)? / Casa própria? alugada?
Como foi a conversão?

Como veio a se tornar pastor(a)?
Qual a hierarquia na igreja? Como é a relação com os outros pastores, obreiros, etc.
Qual seu papel na igreja?
O que tem que fazer?
Recebe alguma remuneração?
Recebe alguma retribuição da igreja ou dos fiéis?
Desempenha papéis diferentes nos encontros de dias da semana diferentes?
Fora da igreja, mantém alguma relação com os fiéis?
Fora da igreja, como são suas atividades relacionadas à atividade de pastor?
Quais cursos ou títulos possui que estejam relacionados ao seu papel religioso?

Trabalho

Tem algum trabalho/emprego?
Como é sua rotina?

O que tem que fazer no seu trabalho? Qual tipo de ocupação?
Deslocamento para o trabalho: Vai para o trabalho de ônibus ou de carro? Quanto tempo demora pra chegar?
Trabalha com quem? Quem faz o que?
Como é a relação com os colegas de trabalho/com chefe?

Outros aspectos da vida (vida pra além do trabalho)

Lazer; o que faz no tempo livre?
Tem cônjuge? E filhos?
Sua família guarda relações com sua atividade como pastor?
Cuida de filhos?
Faz tarefas domésticas? Quanto tempo dedica pra isso? Quais tarefas faz?
Tem empregados(as) domésticas em casa?
Se tiver filhos(as): Deixa na creche? Deixa na escola? Qual escola?

Anexo 2 – Datas das entrevistas

Datas das entrevistas	
Entrevista com o pastor Antônio	Realizada no dia 23/09/2017
Entrevista com o pastor Bruno	Realizada em duas partes, nos dias 20/11/2017 e 04/12/2017
Entrevista com o pastor Carlos	Realizada no dia 11/02/2018
Entrevista com o pastor Daniel	Realizada no dia 11/02/2018